



# A ilha do tesouro

ROBERT LOUIS  
STEVENSON

*Treasure Island* (1881)

Tradução: Gabriel Naldi

**Edição bilíngue: POR/ENG**  
**Distribuição gratuita**

[mojo.org.br](http://mojo.org.br)

CILE

MUNDOS EXTRAORDINÁRIOS

# **Ilha do Tesouro**

Robert Louis Stevenson

Traduzido por  
Adriana Zoudine

Ilustrado por  
André Ducci

1ª edição

# DEDICATÓRIA

Para S.L.O., um cavalheiro dos Estados Unidos para o qual, por seu apreço pelo clássico, esta narrativa foi criada e agora é, em agradecimento a tantas horas deliciosas e com os mais prósperos votos, dedicada por seu caro amigo, o autor.

# AO COMPRADOR EM DÚVIDA

*Se os contos do mar e suas canções  
Sobre escunas, ilhas e exilados,  
Aventuras, tormentas e trovões,  
Sobre bucaneiros e ouro enterrado,  
Antigos romances recontados  
Da mesma maneira de outrora,  
Que tanto me encantaram no passado,  
Puderm conquistar os jovens de agora,  
Que assim seja e assim se faça! Se não,  
Se a juventude não mais aprecia  
Os sabores das estórias de então,  
Cooper contando suas travessias,  
Ballantyne, Kingston e seu capitão,  
Que matem essas e contem novas.  
Que eu compartilhe com meus piratas  
A mesma sorte e a mesma cova.*

**PARTE UM**  
O VELHO PIRATA

# 1.

## O VELHO LOBO DO MAR NA ALMIRANTE BENBOW

**U**ma vez que o barão Trelawney, o dr. Livesey e os outros senhores me pediram para registrar em detalhes nossa aventura na Ilha do Tesouro, do começo ao fim, sem omitir nada além de sua localização — e isso somente porque lá ainda há tesouros a serem extraídos — empunho minha caneta e volto à época em que meu pai era o dono da pousada Almirante Benbow. Sob nosso teto se hospedou o velho homem do mar de rosto curtido pelo sol, no qual se via uma cicatriz de corte de espada.

Me lembro como se fosse ontem, quando chegou com um passo arrastado à entrada da pousada, um rapaz trazia seu baú em um carrinho de mão. Era um homem bronzeado, pesado e forte. Sua trança ensebada caía sobre seu ombro e o casaco azul surrado e sujo; tinha mãos grosseiras, unhas negras e rachadas; e a cicatriz, pálida e também suja, cruzava uma das bochechas. Lembro de como observou a enseada e assoviou para si mesmo, para então começar aquela antiga canção de marinheiro que cantaria tantas vezes depois:

*Quinze homens no baú do defunto,  
Io-ho-hô, e uma garrafa de rum!*

Sua voz alta e entrecortada parecia ter sido treinada pelo chiado dos cabrestantes. Bateu à porta com o pedaço de pau que usava como bengala e, quando meu pai apareceu, pediu grosseiramente por uma dose de rum. Saboreou lentamente, como um *sommelier*, sem tirar os olhos dos rochedos e da placa da pousada.

— Esta é uma boa enseada — disse afinal —, e o botequim é bem localizado também. Vem muita gente aqui, companheiro?

Meu pai respondeu que não, que infelizmente pouca gente aparecia por lá.

— Então é isso — tornou o homem —, encontrei meu ancoradouro. Aqui, companheiro! — gritou para o rapaz que trazia a carriola. — Venha cá e leve meu baú lá pra cima. Vou ficar por uns tempos.

E continuou:

— Sou um homem simples. Só quero rum, bacon e ovos, e aquele quarto lá em cima, pra ver os navios passarem. Sabem como vocês podem me chamar? De capitão. Ah, é claro... aqui está.

E atirou quatro moedas de ouro pela soleira da porta.

— Me avise quando eu precisar dar mais — ordenou, severo como um oficial.

Mesmo com suas roupas gastas e seu modo grosseiro de falar, não se parecia em nada com um marinheiro de



convés. Tinha ares de imediato ou de capitão, acostumado a ser obedecido e a castigar. Seu carregador nos contou que ele chegara na diligência da manhã anterior à hospedaria Royal George e que perguntara por pousadas à beira da praia. Acredito que falaram bem da nossa e, por terem dito que era isolada, tomou sua decisão. Foi tudo o que conseguimos saber sobre aquele hóspede.

No geral, era um homem muito calado. Durante o dia, caminhava pela enseada e pelos penhascos, com uma luneta de bronze na mão. À noite, sentava-se num canto da sala, perto da lareira, e bebia uma mistura muito forte de rum com água. Na maioria das vezes, não respondia quando falavam com ele, apenas lançava um olhar feroz e bufava pelo nariz como uma sirene no nevoeiro. Nós e os frequentadores da pousada logo aprendemos a deixá-lo em paz. Todo dia, ao voltar de sua caminhada, nos perguntava se algum marinheiro havia passado pela estrada. No começo, dizia que desejava companhia, mas depois percebemos que sua real intenção era evitá-las. Quando enfim algum marujo se hospedava na Almirante Benbow (de vez em quando apareciam alguns, para descansar a caminho de Bristol), ele espiava por detrás da cortina da porta antes de entrar na sala, sempre silencioso como um rato. Ao menos para mim, não havia nada de estranho nisso, pois de certa forma eu compartilhava de suas inquietações. Certo dia, me puxou de lado e me prometeu uma moeda de quatro centavos todo começo de mês, para

que eu “ficasse atento a um marujo com uma perna só”, e que o avisasse imediatamente assim que o visse. Todo começo de mês eu cobrava meu pagamento. Ele simplesmente bufava e me media da cabeça aos pés. Mas depois de alguns dias ele repensava e pagava meus quatro centavos, repetindo suas ordens para que eu ficasse atento ao “marujo com uma perna só”.

Nem preciso dizer o quanto esse personagem pernetava me assombrava. Em noites de tempestade, quando o vento sacudia os quatro cantos da casa e as ondas rugiam pela enseada se debatendo nos rochedos, eu o via de mil formas, com mil expressões diabólicas. Às vezes a perna ia só até o joelho, às vezes o corte era já no quadril. Outras vezes era uma criatura monstruosa, já nascida com uma perna só, bem no meio do corpo. O pior dos pesadelos era quando ele vinha correndo atrás de mim, pulando cercas e valas. No final das contas, meu salário era pouco para compensar essas fantasias abomináveis.

No entanto, mesmo aterrorizado pela imagem do marujo de uma perna só, eu era quem menos temia o capitão, dentre os que o conheciam. Em algumas noites ele bebia um pouco além da conta, e então se sentava para cantar suas antigas e grosseiras canções de marinheiro, sem importunar ninguém. Mas em outras pedia uma rodada de rum para todos na sala, e a plateia amedrontada era forçada a ouvir suas histórias ou fazer coro para sua cantoria. A pousada tremeu muitas vezes com o “*Io-ho-hô*,

*e uma garrafa de rum*”, com os presentes engrossando o coro e temendo pela própria vida, um cantando mais alto que o outro para escapar de suas broncas. Nessas ocasiões ele se tornava extremamente desagradável. Batia na mesa pedindo completo silêncio, tinha ataques de raiva quando lhe faziam alguma pergunta, ou quando não faziam nenhuma, pois isso era sinal de que não prestavam atenção. Também não permitia que ninguém saísse da pousada antes que ficasse bêbado o suficiente para ir dormir.

O que mais aterrorizava as pessoas eram suas histórias. Relatos terríveis sobre enforcamentos, marujos condenados à prancha, tempestades em alto mar, e sobre as ilhas Dry Tortugas, além de relatos de selvagerias e lugares estranhos nas possessões espanholas no Caribe. Segundo ele, havia passado a vida entre os homens mais perversos que Deus já pôs sobre o mar, e contava essas histórias usando uma linguagem que chocava os ouvintes quase tanto quanto os crimes que descrevia. Meu pai sempre dizia que a pousada acabaria falindo, pois logo as pessoas deixariam de frequentá-la, sabendo que seriam aterrorizadas, humilhadas e que dormiriam tremendo de medo. Mas eu realmente achava que a presença dele era algo bom para nós.

A princípio as pessoas ficavam amedrontadas, mas em seguida se acostumavam e eventualmente até se divertiam. Era uma boa agitação para a vida pacata da província, e

alguns dos homens mais jovens, inclusive, fingiam admirá-lo, chamando-o de “o verdadeiro lobo do mar”, “sábio marujo” e coisas assim. Diziam que era o tipo de homem que fazia a Inglaterra ser temida nos mares.

De certa forma, ele realmente causou prejuízo, pois foi ficando semana após semana, e então mês após mês, até que o dinheiro que havia nos dado de início se esgotou. Ainda assim meu pai nunca teve coragem de cobrar mais. Se sequer mencionasse a questão, o capitão bufava tão alto que parecia rugir, e encarava meu pai até que ele saísse da sala. Meu pai fechava se revoltava com essas recusas, e estou certo de que o nervosismo e o terror que o capitão causava contribuíram para sua morte prematura e infeliz.

Durante todo o tempo em que morou conosco, o capitão nunca trocou de roupas, exceto por umas meias que comprou de um vendedor ambulante. Uma das abas de seu chapéu se desprendeu. Ele o usava mesmo assim, com a aba pendurada e balançando, apesar do incômodo. Me lembro da má aparência de seu casaco, que ele mesmo remendava, e que então já não era mais nada além de retalhos. Nunca enviou ou recebeu carta alguma e não falava com ninguém além de nossos hóspedes. Mesmo com esses, na maioria das vezes, só quando estava bêbado. Quanto ao seu baú, ninguém nunca chegou a vê-lo aberto.

A única vez que vi o capitão sendo enfrentado, já perto do fim, foi quando meu pobre pai estava já muito debilitado pela doença que o levaria. O dr. Livesey veio até

a pousada em um fim de tarde para vê-lo, comeu um pouco do jantar que minha mãe havia preparado e foi à sala fumar seu cachimbo até que trouxessem seu cavalo da aldeia, pois não tínhamos estábulo na velha Benbow. Eu o acompanhei, e me lembro de observar o contraste que o médico, alinhado, culto e de boas maneiras, peruca branca como a neve e olhos negros e brilhantes, causava entre e as pessoas simples e alegres do nosso povoado — mas principalmente o contraste com aquele espantalho imundo, inconveniente e rude que era nosso pirata, bêbado de rum, socando a mesa. De uma hora para outra, o capitão começou a entoar a sua velha cantiga:

— *Quinze homens no baú do defunto,  
Io-ho-hô, e uma garrafa de rum!  
O diabo e a bebida levaram os outros junto,  
Io-ho-hô, e uma garrafa de rum!*

No começo, eu imaginava o “baú do defunto” idêntico à grande caixa no quarto do capitão, e esse pensamento se juntava aos meus pesadelos com o marujo de uma perna só. Mas àquela altura já nem prestávamos mais atenção na canção. Era uma velha conhecida de todos, exceto do dr. Livesey, em quem o efeito não foi dos melhores. O médico lançou um olhar breve e bastante irritado ao capitão, depois voltou à sua conversa com o velho Taylor, o jardineiro, sobre um novo tratamento para o reumatismo. Enquanto isso, nosso hóspede se empolgava cada vez mais com sua música, e por fim deu um sonoro tapa na mesa,

como sempre fazia quando exigia silêncio. Todas as vozes cessaram imediatamente, exceto a do dr. Livesey. Continuou conversando como antes, no mesmo tom e com a mesma educação, pitando seu cachimbo entre uma frase e outra. O capitão o encarou por um tempo, bateu sua mão novamente, olhou-o de forma ainda mais dura, e por fim lançou sua ordem, ríspida e grave:

— Silêncio aí no convés!

— O senhor falou comigo? — perguntou o doutor.

Quando o valentão retrucou com outro berro, confirmando, o médico respondeu:

— Pois lhe digo apenas uma coisa. Se o senhor continuar bebendo dessa maneira, logo o mundo ficará livre de um canalha.

O capitão foi tomado pela ira. Ergueu-se num salto, sacou sua navalha e, brandindo a lâmina, ameaçou cravar o doutor na parede.

O médico não moveu um só músculo. Impassível, olhando sobre os ombros e usando o mesmo tom de voz, um pouco mais enérgico para que toda a sala ouvisse, mas ainda calmo e firme, disse:

— Se o senhor não guardar sua faca neste instante, juro pela minha honra que será enforcado na próxima sessão do tribunal.

Seguiu-se uma batalha de olhares, mas o capitão logo capitulou, guardou sua faca e sentou-se novamente,

resmungando como um cão obediente. O médico continuou:

— E agora que sei que há um homem como o senhor em minha jurisdição, esteja certo de que ficarei de olho noite e dia. Não sou apenas médico, também sou juiz. Se eu ouvir meia reclamação contra o senhor, mesmo que seja apenas uma perturbação como foi esta noite, tomarei as medidas cabíveis para que seja preso e expulso daqui. Que lhe sirva de aviso.

Logo em seguida, o cavalo do dr. Livesey foi trazido e ele foi embora. O capitão não causou mais problemas naquela noite, nem nas muitas noites que se seguiram.

## 2.

### CÃO NEGRO APARECE E SOME

**N**ão muito tempo depois ocorreu o primeiro dos eventos misteriosos que nos livrariam do capitão, embora, como verão, não nos livraram de seus assuntos. Foi um inverno bastante rigoroso, com geadas longas e pesadas. Ficou claro desde o início que meu pobre pai tinha poucas chances de ver a primavera. Ele piorava a cada dia, e minha mãe e eu assumimos a pousada, o que nos deixou tão ocupados que não dávamos mais muita atenção a nosso desagradável hóspede.

Em uma manhã de janeiro, bem cedo — de um frio cortante —, a enseada estava cinzenta com a geada que rugia, as ondas batiam gentilmente nos rochedos, o sol ainda baixo brilhava no horizonte fazendo reluzir o topo das colinas. O capitão se levantou mais cedo do que era seu costume e logo se dirigiu à praia. Sua espada se debatia sob as abas do velho casaco azul, sua luneta repousava debaixo do braço e seu chapéu estava inclinado para trás. Lembro do rastro de fumaça que seu hálito deixava no ar, e a última coisa que ouvi, antes de ele sumir atrás do grande rochedo, foi um grunhido de indignação, como se o dr. Livesey ainda estivesse em seus pensamentos.

Minha mãe estava no andar de cima com meu pai e eu arrumava a mesa do café para quando o capitão voltasse.



Foi quando a porta do salão se abriu e um homem que eu nunca vira antes entrou. Era um sujeito pálido e corpulento, com dois dedos faltando na mão esquerda. Embora carregasse uma espada, não parecia agressivo. Eu continuava muito atento para qualquer marujo que aparecesse, com uma perna ou duas, e me lembro de que fiquei confuso ao ver aquele homem. Não tinha nenhuma característica de marinheiro, mas algo nele denunciava que era um homem do mar.

Perguntei se desejava algo, e me pediu uma dose de rum. No entanto, quando eu saía, ele se sentou em uma das mesas e fez sinal para que me aproximasse. Fiquei parado onde estava, com o pano de prato na mão.

— Vem aqui, menino. Chega mais perto — disse o sujeito.

Dei um passo em sua direção.

— Esta é a mesa do meu companheiro Bill? — perguntou com um tom malicioso.

Respondi que não conhecia nenhum Bill, e que a mesa estava posta para um de nossos hóspedes, a quem chamávamos de capitão.

— Bom, acho que meu amigo Bill gostaria de ser chamado de capitão — comentou. — Ele tem um corte na bochecha e é bastante simpático, principalmente depois de tomar umas, esse é o meu amigo Bill. Ele está na casa?

Disse a ele que Bill tinha saído para uma caminhada.

— Pra que lado, menino? Pra que lado ele foi?

Apontei para o rochedo e disse por onde o capitão costumava voltar, e a que horas, além de responder a outras perguntas.

— Rá! Pro meu companheiro Bill, me rever vai ser tão bom quanto uma dose de rum.

Sua expressão não era nada agradável ao dizer essa frase, e eu tinha minhas razões para crer que aquilo não era verdade, mesmo supondo que talvez ele estivesse sendo sincero. Mas não era da minha conta, pensei. Além disso, era difícil saber o que fazer. O estranho continuou parado atrás do batente da porta, espiando a rua como um gato espera um rato. A certa altura precisei sair, e quando já estava em direção à estrada, o forasteiro me disse para voltar imediatamente. Como não obedeci com a rapidez que ele esperava, sua face oleosa se transformou terrivelmente, e a forma como praguejou ordenando que eu voltasse me fez dar um salto. Ao entrar novamente na pousada, seus modos voltaram a ser os mesmos de antes, gentis e irônicos. Me deu um tapinha no ombro e disse que eu era um bom menino e que simpatizava muito comigo.

— Eu também tenho um menino — disse —, se parece muito com você e enche meu coração de orgulho. A melhor coisa para um rapazinho é disciplina, menino. Disciplina! Se você já tivesse navegado com Bill, não esperaria eu chamar duas vezes, não. Ah, nem pensar. Não era assim que ele levava as coisas, nem era assim que seus marujos se comportavam. E lá está ele. Sem dúvida é meu

companheiro Bill, com a luneta embaixo do braço. Que Deus o abençoe. Vamos entrar no salão, menino, e ficar atrás da porta pra fazer uma surpresa pro Bill. Deus o abençoe, sim senhor.

E como dito, o estranho voltou comigo para o salão, me colocou atrás da porta e ficou na minha frente, para que ninguém nos visse ao entrar. Eu estava bastante incomodado e receoso, como é de se imaginar. Notar que o sujeito também parecia apreensivo só piorava meu estado. Puxou o cabo do seu sabre e o deixou solto na bainha. Durante todo o tempo, engolia seco como se tivesse um caroço na garganta.

Por fim o capitão entrou, batendo a porta sem olhar para os lados, e cruzou o salão para ir tomar seu café.

— Bill — o estranho chamou, com uma voz que me pareceu intencionalmente forte e ameaçadora.

O capitão se virou para nós. Seu rosto empalideceu tanto que seu nariz ficou azulado. Parecia ter visto um fantasma, o próprio diabo, ou algo pior, se é que existe. Palavra de honra, tive pena ao vê-lo subitamente tão envelhecido e frágil.

— Ora, Bill, você me conhece. Com certeza se lembra de um velho companheiro de tripulação — disse o forasteiro.

O capitão soltou um gemido como se tivesse perdido o ar.

— Cão Negro! — falou por fim.

— E quem mais? — tornou o outro, relaxando um pouco. — O velho Cão Negro de sempre veio visitar seu companheiro Bill na pousada Almirante Benbow. Ah, Bill, Bill, esse mundão já deu muitas voltas pra nós desde que eu perdi meus dedos. — E ergueu sua mão mutilada.

— Escuta aqui — o capitão voltou a si. — Você me encontrou. Aqui estou eu. Então desembucha. O que você quer?

— É você mesmo, Bill — replicou o Cão Negro. — E você está no seu direito, Billy. Vamos tomar um copo de rum, que este bom rapaz aqui, com quem simpatizei muito, vai trazer pra nós. Se você quiser, vamos nos sentar e conversar abertamente, como velhos irmãos de convés.

Quando voltei com o rum, já estavam sentados um de frente para o outro, à mesa onde estava o café do capitão. Cão Negro próximo à porta e sentado de lado, para que pudesse ter um olho no velho conhecido, e outro, como supus, na sua retaguarda.

Ordenou que eu saísse e deixasse a porta aberta.

— E nada de espiar pela fechadura, menino! — ameaçou.

Deixei os dois a sós e fui para a cozinha.

Por um bom tempo, embora eu tivesse me esforçado para ouvir, não consegui discernir nada além de sussurros abafados. Pouco a pouco começaram a falar mais alto, e pude entender algumas palavras, na maioria impropérios vindos do capitão:

— Não, não, não, e chega disso! Se é caso de força, que enforcem todos e acabou!

De repente houve uma explosão de xingamentos e barulhos — cadeiras e mesas sendo reviradas, seguidas pelo som de aço contra aço, e então um grito de dor. No instante seguinte, vi Cão Negro sair em disparada, com o capitão furioso atrás dele, ambos com suas espadas em punho. Escorria sangue do ombro do forasteiro. Ao passarem pela porta, o capitão quase o acertou com um golpe tão violento que certamente teria partido o homem em dois, caso a grande placa da Almirante Benbow não estivesse no caminho. Ainda hoje dá para ver a marca na parte inferior da tábua.

Esse golpe encerrou a batalha. Logo que ganhou a rua, mesmo ferido no ombro, Cão Negro correu em disparada. Em menos de um minuto desaparecia por detrás da colina. O capitão continuou parado embaixo da placa, enlouquecido. Passou várias vezes a mão pelos olhos e enfim entrou novamente na pousada.

— Jim, rum! — ordenou. Cambaleante, apoiou uma mão na parede.

— O senhor está ferido? — exclamei.

— Rum! — repetiu. — Tenho que dar o fora daqui.  
Rum! Rum!

Corri para apanhar a bebida, mas estava tão desorientado com toda a confusão que me atrapalhei, quebrei um copo e entortei a torneira do barril. Enquanto

tentava me recompor, escutei um baque no salão, corri de volta e vi o capitão caído. Minha mãe descia as escadas no mesmo instante, assustada com os gritos e sons de luta, e veio em meu auxílio. Conseguimos erguer a cabeça do capitão. Respirava pesadamente e com dificuldade, mas tinha os olhos fechados e um aspecto terrível.

— Valei-me, Deus! — minha mãe exclamou. — Quanta desgraça nesta casa! E o coitado do seu pai doente!

Não fazíamos ideia de como socorrer o capitão. Só o que pudemos pensar foi que havia sofrido algum ferimento fatal na briga com o forasteiro. Por via das dúvidas, peguei o rum e tentei enfiá-lo goela abaixo, mas seus dentes estavam cerrados e seu queixo duro como ferro. Foi um alívio quando a porta se abriu e por ela entrou o dr. Livesey, que vinha para ver meu pai.

— Ah, doutor, o que faremos? — gritamos. — Onde ele está ferido?

— Ferido? Bobagem! — respondeu o doutor. — Não foi ferimento nenhum. Este homem teve um derrame, como eu avisei. Sra. Hawkins, volte lá para cima, e se possível, não conte nada ao seu marido sobre isso. Farei o que puder para salvar a vida miserável deste sujeito. Jim, traga uma bacia.

Quando retornei, o doutor já havia rasgado a manga do capitão, expondo seu braço forte de veias saltadas, tatuado em várias partes. Era possível ler “À sorte”, “Bons ventos” e “Salve Billy Bones” nitidamente gravados no

antebraço. Perto do ombro havia uma forca com um homem pendurado — que me pareceu muito bem desenhada.

— Profético — observou o doutor, pondo o dedo sobre a tatuagem. — Muito bem, senhor Billy Bones, se é esse o seu nome, vamos ver como está seu sangue. Jim, você se assusta quando vê sangue? — perguntou.

— Não, senhor — respondi.

— Ótimo, então segure a bacia. — E abriu uma veia com seu bisturi.

Uma boa quantidade de sangue foi retirada até que o capitão acordou e nos olhou confuso. Franziu o cenho ao reconhecer o doutor, mas quando me viu, pareceu aliviado. Sua cor mudou subitamente e tentou se levantar, gritando:

— Cadê o Cão Negro?

— Não tem nenhum cão negro aqui — o doutor respondeu —, a não ser o espírito que lhe acompanha. Você continuou bebendo rum e teve um derrame, exatamente como o adverti. Muito a contragosto, salvei sua vida, por pouco. Agora, sr. Bones...

— Meu nome não é esse — interrompeu o capitão.

— Pouco me importa — replicou o médico. — É o nome de um conhecido pirata, e lhe chamo assim para poupar tempo. Preste atenção: uma dose de rum não vai lhe matar, mas se o senhor tomar uma vai querer outra, e aposto minha peruca que se o senhor não parar com isso de uma vez, será seu fim. Entendeu? O senhor vai morrer e

vai para o lugar que merece, como diz a bíblia. Vamos lá, força agora, lhe ajudo a ir para a cama.

Com muito esforço subimos a escada carregando o capitão, o colocamos na cama e ele tombou a cabeça no travesseiro como se estivesse prestes a desmaiar.

— Que fique bem claro — disse o doutor. — Estou com a consciência tranquila. Rum para o senhor significa a morte.

E me puxou pelo braço para irmos ver meu pai.

— Não é nada demais — me explicou assim que fechou a porta. — O que tirei de sangue dele vai deixá-lo calminho por um tempo. Deve ficar deitado ali por uma semana. É o melhor para ele e para vocês, mas o próximo derrame será fatal.



### 3.

## A MARCA NEGRA

**P**erto do meio-dia, fui até o quarto do capitão levar bebidas e remédios. Continuava praticamente na mesma posição em que o deixamos, apenas um pouco mais acima na cama, e parecia ao mesmo tempo fraco e agitado.

— Jim, você é o único aqui que vale alguma coisa, e sabe que sempre te tratei bem — me disse. — Nunca deixei de te dar suas moedas. E agora olha só, companheiro, estou à deriva, abandonado por todos. Jim, você me traz um tiquinho de rum, amigão?

— Mas o doutor... — comecei.

Seus xingamentos, em uma voz débil, mas feroz, me interromperam:

— Médicos são uns imprestáveis! E aquele doutorzinho então, o que ele sabe sobre os homens do mar? Já estive em lugares quentes como um poço de piche e vi companheiros caindo aos montes por causa da malária! Vi a terra se sacudir com um terremoto como se estivesse passando por uma tormenta. O que aquele médico de araque sabe de lugares assim? Eu sempre vivi à base de rum. Sempre foi meu pão com manteiga, meu amigo e minha mulher, e se eu não puder tomar meu rum agora, logo vou morrer na praia igual a um naufrago

desgraçado, e a culpa vai ser sua, Jim, sua e daquele doutorzinho inútil.

E continuou com suas lamúrias e pragas:

— Olha só, Jim, como minhas mãos tremem — dizia agora em tom de súplica. — Não consigo parar. Não tomei nem uma gota o dia inteirinho. Aquele doutor é um idiota, me ouça. Se eu não tomar um pouco de rum, Jim, vou começar a delirar. Já comecei a ver fantasmas. Vi o velho Flint, naquele canto atrás de você. Vi ele direitinho. Já vi muita coisa ruim, Jim, se eu começar a delirar vou dar trabalho. O doutor mesmo falou que só um copo não vai me fazer mal. Te dou um guinéu de ouro se você me trazer um bocadinho de rum, Jim.

Ele se exaltava cada vez mais, e fiquei receoso pelo meu pai, que estava muito mal naquele dia e precisava de tranquilidade. Além disso, o doutor havia me assegurado que uma só dose não faria mal, como o próprio capitão me lembrara, mas também me sentia ofendido com a tentativa de suborno.

— Não quero seu dinheiro — eu disse —, só o que o senhor já deve ao meu pai. Vou trazer um copo, e nada mais.

Quando cheguei com a dose, ele a tomou das minhas mãos e virou o copo de uma vez.

— Agora, sim. Bem melhor, sem dúvida. Me diga uma coisa, companheiro, o médico disse por quanto tempo eu tenho que ficar atracado nesta cama velha?

— Uma semana, no mínimo — respondi.

— Diabos! — exclamou. — Uma semana! Não vai dar, eles vão me mandar a marca negra antes disso. Agorinha mesmo, aqueles patifes devem estar vindo atrás de mim. Os vagabundos não sabem cuidar do que é deles e querem tomar o dos outros. Me diz se isso é jeito de um marujo levar a vida? Eu não, sempre levei tudo contadinho. Nunca desperdicei nem perdi dinheiro, e vou passar a perna neles outra vez. Não tenho medo, não. Vou pra outros portos, companheiro, e eles que se lasquem.

Enquanto falava, levantou-se com dificuldade. Agarrou tão forte meu ombro que quase gritei. Ele movia as pernas como se estivessem inválidas. Suas palavras firmes eram um triste contraste com a fraqueza da voz que as proferia. Ficou sentado por um momento na beirada da cama.

— Aquele doutorzinho acabou comigo — resmungou.  
— Meus ouvidos estão zumbindo. Me ajuda a deitar de novo.

Antes de conseguir ajudá-lo, já havia caído de volta para a posição onde estava, e assim ficou por algum tempo, sem dizer nada.

— Jim — retomou afinal —, você viu aquele marujo hoje?

— O Cão Negro?

— Ah! Cão Negro! Aquele lá não vale nada, mas quem o enviou é ainda pior. Se eu não conseguir fugir a tempo e

me colocarem a marca negra, saiba que estão atrás é do meu velho baú. Então, arranje um cavalo. Você sabe montar, não é? Bom, arranje um cavalo e... Bom, tem que ser ele! Vá falar com aquele médico imprestável e diga para ele reunir todo mundo, juízes e toda essa corja, para que venham para cá prender todos eles, aqui na Almirante Benbow. São a velha tripulação do capitão Flint, todos eles, pelo menos os que sobraram. Eu fui o imediato do Flint, fui sim, e sou o único que sabe onde fica o lugar. Ele me entregou em Savannah, quando estava à beira da morte, do mesmo jeito que estou agora, entende? Mas só abra a boca se eles vierem me colocar a marca negra, ou se avistar o Cão Negro de novo... ou o marujo de uma perna só. Principalmente ele.

— Mas o que é essa marca negra, capitão? — perguntei.

— É um aviso, companheiro. Se eles me marcarem, eu te digo. Fique de olho bem aberto, Jim, e eu divido minha parte com você, juro pela minha honra.

Divagou um pouco mais, com a voz cada vez mais fraca. Quando lhe dei seu remédio, tomou como se fosse uma criança e fez ainda uma última observação:

— Se algum dia um marujo já precisou de remédio, esse marujo sou eu.

Então caiu em um sono pesado como um desmaio, e o deixei assim. Se as coisas tivessem continuado calmas, não sei o que eu teria feito. Provavelmente contado toda essa

história ao doutor, pois tinha um medo mortal de que o capitão se arrependesse de sua confissão e acabasse comigo. Mas tudo tomou outro rumo quando meu pai morreu naquela mesma noite, o que fez todas as outras questões serem deixadas de lado. Nossa tristeza, a vinda dos vizinhos, os preparativos para o funeral, além de todo o trabalho da pousada, me deixaram tão aturdido que mal tive tempo de pensar no capitão, menos ainda de ter medo dele.

Na manhã seguinte, o capitão desceu até o salão e tomou seu café como de costume, embora tenha comido menos e bebido mais do que sua dose habitual de rum. Isso era certo, pois ele mesmo foi se servir no balcão, mal-humorado e bufando, sem que ninguém tivesse coragem de contrariá-lo. Na noite antes do enterro já estava bêbado como sempre, e era ultrajante ouvir sua cantoria em meio ao luto da casa. No entanto, fraco como estava, todos temiam que caísse morto a qualquer momento. O doutor se ocupou com um paciente a alguns quilômetros de distância e não voltou mais à pousada depois da morte de meu pai. Como eu disse, o capitão estava fraco, e parecia piorar cada vez mais. Subia e descia a escada aos tropeços, e estava sempre na sala ou na copa. Às vezes punha a cara para a rua, para sentir o cheiro do mar, apoiando-se nas paredes, sua respiração pesada e ofegante como se escalasse uma montanha. Não veio falar comigo diretamente, e presumi que tinha se esquecido de

suas confissões. Estava mais irritado e, dentro do que seu estado permitia, mais violento. Passou a desembainhar sua espada quando bêbado e colocá-la à sua frente sobre a mesa onde se sentava. Apesar disso, já não incomodava tanto as pessoas e parecia perdido em seus próprios pensamentos e divagações. A certa altura, para nossa grande surpresa, mudou seu repertório e cantou uma espécie de cantiga de amor, talvez aprendida quando jovem, antes de se lançar na vida de marinheiro.

E assim as coisas se passaram até o dia seguinte ao funeral. Por volta das três horas de uma tarde triste, gelada e nevoenta, eu estava parado à porta, perdido em meu pesar por meu pai, quando vi uma figura se aproximar pela estrada. Tratava-se nitidamente de um homem cego, pois andava tateando o caminho com sua bengala. Usava uma venda esverdeada sobre os olhos e nariz. Era corcunda, como se fosse velho ou doente, e usava uma capa de marinheiro com capuz que deformavam sua figura. Eu nunca havia visto alguém mais aterrorizante. Parou a pouca distância da pousada e gritou seu estranho bordão para o nada:

— Quem pode dizer a um pobre cego, que perdeu a visão defendendo a pátria-mãe, querida Inglaterra (Salve o Rei George!), onde ou em que parte do país ele se encontra agora?

— O senhor está na pousada Almirante Benbow, meu senhor — respondi.

— Ouço a voz de um jovem — disse ele. — Pode me dar sua mão, meu bom rapaz, e me guiar para dentro?

Estendi minha mão e aquela criatura desprezível e dissimulada a agarrou subitamente com muita força. Meu susto foi tão grande que tentei me desvencilhar, mas com um movimento do braço o cego me puxou para mais próximo dele.

— Agora, rapaz, me leve até o capitão.

— Não posso fazer isso, senhor.

— Ah, é assim? — sorriu debochado. — Me leve agora ou quebro seu braço.

E torceu meu braço tão forte que me fez gritar.

— Senhor, é para o seu próprio bem. O capitão não é mais o mesmo. Está sempre sentado com sua espada desembainhada à sua frente. Um outro senhor...

— Vamos lá, andando! — me interrompeu, com a voz mais aterrorizante, fria e cruel que eu já ouvi na vida.

Aquilo me intimidou mais do que a dor e cedi imediatamente, levando-o pela porta até o salão onde nosso velho e doente marujo estava, embriagado de rum. O cego se agarrou a mim firmemente e se apoiou sobre meu corpo de uma forma que eu mal podia suportar.

— Me leva direto pra ele, e quando o encontrar diga “tem um amigo seu aqui, Bill”. Se não fizer isso, você leva um desses. — E torceu meu braço de novo, com tanta força que pensei que fosse desmaiar.

O terror pelo cego maltrapilho me fez esquecer meu medo do capitão. Abri a porta do salão, e com minha voz trêmula repeti suas palavras.

Assim que o capitão nos viu, ficou completamente sóbrio. Sua expressão não foi de espanto, mas de alguém acometido por um mal súbito. Fez um movimento para se levantar, mas acredito que não lhe restavam forças para tanto.

— Fique quietinho aí, Bill — disse o maltrapilho. — Posso ser cego, mas consigo ouvir até um dedo se mexendo. O dever em primeiro lugar. Levante sua mão esquerda. Rapaz, pegue o braço dele e traga aqui para a minha direita.

Obedecemos à risca, e vi o cego passar algo para a mão do capitão, que se fechou instantaneamente.

— Pronto, está feito — disse o sujeito, me soltando bruscamente. Com extrema destreza e agilidade, saiu do salão e ganhou a estrada. Eu, ainda paralisado, ouvia o toc-toc da sua bengala se distanciar.

Só depois de algum tempo eu e o capitão nos recompusemos. Por fim soltei seu pulso. Ele olhava atentamente a palma de sua mão.

— Virão às dez horas! — gritou. — Tenho seis horas. Dá tempo de pegá-los ainda. — E com um salto se pôs em pé.



Cambaleou tão logo se levantou, levou a mão à garganta, se desequilibrou e caiu com o rosto no chão. O baque foi assustador.

Corri até ele, gritando para minha mãe, mas já era tarde. O capitão caiu fulminado por um derrame. É difícil explicar. Sem sombra de dúvida eu o odiava, mesmo também sentindo pena dele no final, mas ao vê-lo ali, morto, irrompi em lágrimas. Era a segunda morte que eu presenciava, e o luto da primeira ainda estava vivo em mim.

## 4.

### O BAÚ

**É** claro que não perdi tempo e fui contar à minha mãe tudo o que sabia, talvez devesse até ter contado antes, pois nos vimos subitamente em uma situação difícil e perigosa. Parte do dinheiro do capitão — se é que ele teria algum — era nosso por direito, mas era improvável que sua antiga tripulação estivesse disposta a abrir mão de uma parcela do saque para pagar suas dívidas, principalmente aqueles que eu havia conhecido: o Cão Negro e o cego maltrapilho. Se eu seguisse as ordens do capitão e fosse procurar o dr. Livesey, deixaria minha mãe sozinha e desprotegida, ou seja, era algo impensável. O fato era que nem eu nem ela achávamos possível permanecer na pousada por mais tempo. Qualquer ruído nos assustava, desde o carvão estalando na cozinha até o tique-taque do relógio. Tínhamos a impressão de ouvir passos em toda a vizinhança, nos assombrando. O corpo do capitão estendido no chão da sala e o medo de que aquele detestável cego ainda estivesse por perto e voltasse a qualquer momento, me davam arrepios. Algo tinha que ser feito sem demora, e tivemos a ideia de procurar ajuda na vila próxima, imediatamente. Do modo como estávamos,

mal agasalhados, mergulhamos na névoa gelada do entardecer.

Embora não fosse possível avistar o vilarejo — do outro lado da enseada vizinha —, a distância era curta. O que mais me tranquilizava é que íamos na direção oposta à qual o cego viera, e por onde provavelmente voltaria. Não levamos muito tempo na estrada, mesmo parando de quando em quando para nos mantermos juntos e ficar à escuta. Não havia nenhum ruído suspeito, nada além do barulho distante das ondas e dos animais na mata.

Já estava escuro quando chegamos à vila, e nunca me esquecerei de como fiquei aliviado em ver as luzes amarelas das velas nas portas e janelas. No entanto, essa se mostrou a única ajuda que teríamos ali. Nem uma alma se dispôs a voltar conosco para a Almirante Benbow — algo que deveria causar vergonha aos habitantes daquele vilarejo. Quanto mais contávamos sobre nossas desgraças, mais eles (homens, mulheres, crianças, todos) se encastelavam em suas casas. O nome do capitão Flint, embora desconhecido para mim, era bem familiar para alguns ali e os enchia de terror. Alguns dos homens que trabalhavam nos campos mais distantes se recordavam, inclusive, de terem visto vários estranhos passando pela estrada. Pensaram se tratar de contrabandistas e se mantiveram afastados. Pelo menos um desses camponeses disse ter visto um pequeno navio ancorado no porto que chamávamos de Toca do Gato. Por causa disso tudo,

qualquer menção a algum conhecido do capitão já era suficiente para fazê-los morrer de medo. No final das contas, muitos se dispuseram a ir procurar o dr. Livesey, cuja casa ficava em outra direção, mas ninguém teve coragem de voltar conosco até a pousada e proteger o lugar.

Dizem que a covardia é contagiosa. O discurso, por outro lado, é encorajador. Depois de todos darem suas desculpas, minha mãe lhes devolveu um sermão. Declarou que não abriria mão do dinheiro que pertencia a seu filho, agora órfão de pai.

— E se nenhum de vocês tem coragem, Jim e eu iremos sozinhos — disse ela. — Voltaremos pelo mesmo caminho, sem nenhuma ajuda de vocês, covardes. Vamos abrir aquele baú mesmo que custe nossas vidas. Eu lhe agradeço, senhora Crossley, se puder nos emprestar essa bolsa para guardarmos o dinheiro que é nosso por direito.

É claro que eu disse que acompanharia minha mãe, e é claro que todos reprovaram nossa imprudência, mas ninguém se dignou a ir conosco. Só o que fizeram foi me dar uma pistola para me defender, e prometeram deixar cavalos de prontidão para o caso de sermos perseguidos. Um rapaz se ofereceu para ir até a casa do dr. Livesey e pedir o auxílio de oficiais armados.

Meu coração batia acelerado quando minha mãe e eu partimos para a arriscada aventura que aquela noite fria nos guardava. A lua cheia começava a despontar, furando a

névoa com sua luz avermelhada, o que nos fez apertar o passo, pois indicava que logo ficaria clara e nos deixaria expostos em nossa fuga. Andávamos rápido e em silêncio à beira da estrada. Para nosso alívio, não vimos nem ouvimos nada suspeito até chegarmos na pousada.

Tranquei a porta assim que entramos, e por um momento ficamos parados no escuro, ofegantes, com o cadáver ali ao lado. Minha mãe apanhou uma vela na cozinha, e de mãos dadas atravessamos a sala. O capitão continuava do mesmo jeito, estendido de barriga para cima, olhos arregalados e um braço esticado.

— Feche as cortinas, Jim — minha mãe sussurrou. — Eles podem nos ver de lá de fora.

Fechei e ela continuou:

— Precisamos tirar a chave dele, e quero só ver quem vai fazer isso — disse quase soluçando.

Tomei coragem e me ajoelhei. Caído no chão, perto da mão do morto, havia um pedacinho de papel, escurecido em um dos lados. Sem dúvida era a marca negra. Apanhei e vi um pequeno aviso escrito em uma caligrafia muito boa: “Você tem até as dez da noite.”

— O prazo dele era até as dez horas, mãe. — Tão logo disse isso, nosso velho relógio começou a bater.

Levamos um grande susto com as badaladas, mas era uma boa notícia: ainda eram seis da tarde.

— Vamos, Jim, a chave.

Vasculhei seus bolsos um a um. Tudo o que encontrei foram algumas moedas, um dedal, um pedaço de barbante, agulhas grossas, um rolo de fumo mordido nas pontas, uma faca com o cabo rachado, uma bússola e um isqueiro de pavio. Comecei a perder as esperanças.

— Talvez esteja amarrada no pescoço — sugeriu minha mãe.

Dominando minha forte repulsa, abri seu colarinho e lá estava a chave, presa a um cordão encerado, que cortei com sua própria faca. O achado nos encheu de ânimo e corremos para o andar de cima até o quarto onde o capitão havia se hospedado por tanto tempo, e onde o baú ficou desde a sua chegada.

Era um baú comum de marinheiro, com a letra B gravada na tampa. As bordas amassadas e lascadas por tanto tempo de maus tratos.

— Dê aqui a chave — pediu minha mãe. Mesmo com a fechadura emperrada, consegui abrir e levantar a tampa com um solavanco.

Ergueu-se um forte cheiro de tabaco e alcatrão, mas não havia nada à vista a não ser um terno de ótima qualidade, cuidadosamente escovado e dobrado. Minha mãe comentou que nunca havia sido usado. Por baixo dele havia uma porção de coisas: um quadrante, uma caneca de latão, rolos de fumo, duas lindas pistolas, uma barra de prata, um velho relógio feito na Espanha, e algumas bugigangas de pouco valor, a maioria vinda de outros

países, além de duas bússolas de bronze e seis conchas apanhadas nas Índias Ocidentais, bastante interessantes. Desde esse dia fiquei imaginando por que o capitão, em sua vida errante de homem procurado, carregava aquelas conchas consigo.

Até então, não havíamos encontrado nada de valor a não ser a prata e as bugigangas, que naquelas circunstâncias não nos interessavam em nada. Embaixo daquilo tudo havia uma velha capa de marinheiro, esbranquiçada pelos anos de maresia. Minha mãe a arrancou dali com impaciência, e vimos as últimas coisas que restavam no baú: um pacote de tecido impermeável que parecia conter alguns papéis, e um saco de lona que, ao primeiro toque, fez um tilintar de moedas.

— Vou mostrar àqueles bandidos que sou honesta — declarou minha mãe. — Vou pegar somente o que é meu por direito, e nem um centavo a mais. Abra a bolsa da senhora Crossley.

E começou a contar as moedas e a passar algumas para a bolsa que eu segurava.

Era um trabalho lento e complicado, pois as moedas eram de vários países e tinham diversos tamanhos — dobrões, luíses, guinéus, peças de oito, e sabe-se lá o que mais, todas misturadas sem critério. O que menos havia era guinéus, e somente com eles minha mãe sabia fazer contas.

Mais ou menos na metade da contagem, agarrei o braço dela, pois escutei em meio ao vento gelado um ruído que quase fez meu coração sair pela boca: o *toc-toc* da bengala do cego vindo pela estrada. Ficamos paralisados, sem respirar, ouvindo-o se aproximar cada vez mais, até bater com força na porta da pousada. A maldita criatura tentou abrir, girando a maçaneta e sacudindo o ferrolho. Seguiu-se um longo silêncio, tanto do lado de fora como de dentro. O *toc-toc* recomeçou, e para nosso grande alívio, o ouvimos se distanciar até tudo ficar em silêncio novamente.

— Mamãe, pegue logo tudo e vamos embora daqui — implorei, certo de que a porta trancada teria levantado suspeitas, e em breve toda a corja retornaria para nos pegar.

Só quem conhecesse aquele maldito cego poderia imaginar como eu estava aliviado por ter trancado a porta.

Minha mãe, no entanto, mesmo apavorada como estava, jamais aceitaria ficar com menos do que o capitão lhe devia, tampouco pegaria mais. Ainda faltava muito para as sete horas, apontou ela, dizendo que não desistiria do que era seu por direito. Continuou teimando até ouvirmos um assobio curto e baixo, vindo dos lados da colina. Foi o que bastou para nós dois.

— Vou levar o que já peguei — disse minha mãe, ficando em pé no mesmo instante.



— E eu levo isto para fechar a conta. — E apanhei o embrulho com os papéis.

Deixamos a vela ao lado do baú, atravessamos a sala Tateando, abrimos a porta e saímos em disparada. Foi no momento exato, pois a neblina estava se dissipando rapidamente e a lua já clareava as colinas em ambos os lados da estrada. Apenas no vale onde estávamos, em volta da taberna, havia ainda uma fina névoa que encobria os primeiros passos de nossa fuga. Ainda no começo do caminho para o vilarejo, apenas um pouco além do pé da colina, o luar já nos expunha. Além disso, começamos a ouvir o som de passos, e ao virarmos para averiguar, pudemos ver a luz oscilante do lampião de um deles, avançando em nossa direção.

— Filho — minha mãe rompeu o silêncio —, pegue o dinheiro e continue correndo. Vou desmaiar.

Sem dúvida nosso fim havia chegado, pensei. Amaldiçoei a covardia de nossos vizinhos. Culpei a coitada da minha mãe por ser tão honesta e gananciosa, e por ter sido tão teimosa e agora tão fraca. Por sorte, estávamos já perto da pequena ponte, e a ajudei a chegar, já cambaleante, até a margem do rio. Com um suspiro, ela desabou sobre meu ombro. Não sei como tive forças, e talvez nem tenha sido a melhor ideia, mas consegui arrastá-la até quase debaixo da ponte. Não pude ir mais longe, pois o arco era baixo demais e só me permitia rastejar até embaixo. Aquele era o único esconderijo

possível – praticamente ao lado da pousada, com minha mãe quase totalmente exposta.

## 5.

### O CEGO ENCONTRA SEU FIM

**D**e certa forma, minha curiosidade foi maior que meu medo, pois não consegui continuar parado ali e rastejei de volta para a margem do rio. De lá, oculto por um arbusto, eu podia observar o caminho que ia até nossa porta. Mal me posicionei e já pude ver meus perseguidores, sete ou oito deles, correndo afobados com o sujeito com o lampião um pouco à frente. Três deles corriam juntos, de mãos dadas. Mesmo em meio à nevoa, consegui discernir o cego ao centro. Sua voz confirmou minha suspeita:

— Derrubem a porta!

— Sim, senhor! — dois ou três dos capangas responderam.

Correram para a entrada da Almirante Benbow, com o sujeito do lampião logo atrás. Pararam à porta e os ouvi sussurrando, talvez pela surpresa de encontrá-la aberta. Foi uma pausa curta, no entanto, pois o cego logo deu novas ordens. Sua voz era cada vez mais alta, inflamada pela impaciência e a raiva.

— Vamos! Para dentro! — gritou, repreendendo-os pela demora.

Quatro ou cinco obedeceram imediatamente, e dois permaneceram na estrada com aquele cego medonho.

Houve um momento de silêncio, seguido por um grito de surpresa, e então uma voz gritou de dentro da casa:

— O Bill morreu!

A resposta do cego foi praguejar uma vez mais por causa da demora.

— Pois revistem ele, seus palermas, e o restante vai procurar o baú — gritou.

Pude ouvi-los subindo a escada, tão ruidosamente que a casa pareceu tremer. Logo em seguida, novos gritos de espanto, e então a janela do quarto do capitão se escancarou violentamente, e ouvi os vidros se quebrando. Vi um dos homens se debruçar no parapeito, contra o luar, e gritar para o cego na entrada:

— Pew, chegaram antes de nós! Alguém já revirou o baú!

— Mas o que queremos está aí? — indagou Pew.

— O dinheiro está.

O cego praguejou contra o dinheiro.

— Estou falando dos papéis do Flint! — exclamou.

— Não estou vendo em lugar nenhum — tornou o outro.

— Vocês aqui embaixo, revistaram o Bill? — perguntou o cego.

Outro sujeito, provavelmente o encarregado de revistar o capitão, saiu pela porta dizendo:

— Alguém já mexeu no Bill. Não sobrou nada.

— Foram os malditos da pousada. É aquele rapaz. Vou arrancar os olhos dele! — vociferou o cego Pew. — Não deve fazer muito tempo. A porta estava trancada quando eu vim aqui antes. Se espalhem e encontrem eles!

— Deve ter sido isso mesmo, até largaram a vela aqui — disse o homem na janela.

— Se espalhem e encontrem eles! Deitem a casa abaixo! — Pew ordenou novamente, batendo a bengala no chão.

Um grande alvoroço se fez em nossa velha pousada. Passos pesados marchavam por todos os lados, móveis eram revirados, portas batidas — a barulheira era tanta que ecoava nos rochedos. Então os homens começaram a sair para a rua, um após o outro, dizendo que não haviam encontrado nada. Um assobio rasgou a noite, o mesmo que havia assustado minha mãe e eu minutos atrás, mas desta vez foi repetido duas vezes. Eu havia imaginado que o assobio era do próprio cego, convocando seu bando para o ataque, mas constatava agora que vinha das colinas ao lado do vilarejo, e que pelo efeito que causou nos piratas, tratava-se de um aviso de perigo próximo.

— É o Dirk de novo! — disse um deles. — Assoviou duas vezes! Temos que zarpar, companheiros!

— Zarpar uma ova, seu palerma! — exclamou Pew. — Dirk sempre foi um covardão, não liguem pra ele. O rapaz e a mãe devem estar perto, não podem ter ido muito longe.

Aposto que estão aqui do lado! Se espalhem e procurem por eles, imbecis! Ah, se eu não fosse cego!

A bronca pareceu surtir algum efeito, pois dois dos capangas começaram a vasculhar o depósito de lenha, aparentemente de má vontade e mais preocupados com a própria segurança, enquanto os outros permaneceram na rua, hesitantes.

— Vocês estão prestes a pôr a mão numa fortuna, seus animais, e ficam aí de corpo mole! O tesouro de um rei dando sopa e vocês comendo mosca! Ninguém teve coragem de encarar o Bill, só eu, um cego! E por causa de uns palermas como vocês, vou perder minha chance! Vou ter de continuar rastejando feito um mendigo, implorando por uma dose de rum, quando podia estar andando de carruagem! Se tivessem um mínimo de iniciativa, já os teriam pego.

— Calma lá, Pew, já pegamos os dobrões — resmungou um deles.

— Devem ter escondido aquela porcaria — emendou outro. — Pegue o dinheiro, Pew, e pare com esse ataque de nervos.

“Ataque” era mesmo uma boa forma de descrever aquilo. Diante dessas objeções, a indignação de Pew foi tão grande que, dominado pela raiva, começou a atacá-los a torto e a direito, e mesmo sem enxergar acertou sua bengala em mais de um deles.

Os piratas, por sua vez, começaram a xingar o cego de nomes horríveis, e sem sucesso tentavam arrancar a bengala de suas mãos.

Essa confusão foi o que nos salvou, pois enquanto se engalfinhavam, um outro barulho veio do alto das colinas vizinhas ao vilarejo — um tropel de cavalos. Quase ao mesmo tempo, das cercas à beira da estrada veio o clarão e o estampido de um tiro de pistola. Aquele devia ser o sinal de perigo máximo, pois os bandidos debandaram de uma vez, cada qual em uma direção. Uns pela praia, outros colina acima e assim por diante. Em menos de um minuto o único que sobrou ali foi Pew, abandonado não sei se pelo pânico do momento ou como revanche pelas broncas e bengaladas. Lá ficou ele, tateando a estrada freneticamente com sua bengala e chamando pelos seus comparsas. Acabou tomando a direção errada, o caminho para o vilarejo. Passou a alguns metros de onde eu estava, gritando:

— Johnny! Cão Negro! Dirk! Não abandonem o velho Pew, amigos! Não deixem o velho Pew!

Foi bem nesse momento que quatro ou cinco cavaleiros surgiram no topo da colina, visíveis à luz do luar, descendo a todo galope.

Pew se deu conta de seu erro e com um grito se virou, mas tropeçou em uma vala e caiu rolando. Em um segundo já estava de pé e disparou novamente, completamente

desnorteado, indo de encontro ao cavalo que vinha à frente do grupo.

O cavaleiro tentou desviar, mas foi em vão. Com um grito lancinante que ecoou pela noite, Pew foi pisoteado pelos quatro cascos do animal, que não conseguiu parar. O cego caiu de lado, tombando lentamente até seu rosto tocar o chão, e não se mexeu mais.

Me levantei e chamei os homens. Já estavam parados, chocados com o acidente, e logo vi quem eram. O que vinha atrás era o rapaz do vilarejo que se dispôs a ir buscar o dr. Livesey. Os outros eram coletores de impostos que encontrou pelo caminho e teve a excelente ideia de contar-lhes o caso e trazê-los até a Almirante Benbow. O inspetor Dance ouviu os rumores sobre o navio ancorado na Toca do Gato e também decidiu ir até a pousada averiguar. Foi graças a isso que eu e minha mãe escapamos.

Pew estava morto, sem sombra de dúvida. Quanto à minha mãe, a carregamos até o vilarejo, e com um pouco de água fria e saís de cheiro ela logo se recuperou. Não deu tanta importância aos momentos de terror que havia passado, mas se ressentia pelo dinheiro que o capitão ficou lhe devendo. Enquanto isso, o inspetor foi o mais rápido que pôde até a Toca do Gato. Seus homens, no entanto, tiveram de desmontar e descer o barranco com dificuldade, puxando seus cavalos e atentos a emboscadas que poderiam vir de qualquer lugar. Por isso, não foi uma



grande surpresa quando chegaram ao porto e viram que o veleiro já estava zarpando. O inspetor deu um grito para a tripulação do navio. Uma voz respondeu que ele não deveria ficar assim tão exposto à luz do luar, ou acabaria levando chumbo, e no mesmo instante uma bala passou de raspão pelo seu braço. Em seguida, o veleiro fez uma curva e desapareceu. O inspetor Dance ficou ali, como ele mesmo disse, “a ver navios”. A única coisa que pôde fazer foi enviar um homem até B... para avisar a guarda costeira.

— E isso não adianta nada — disse o inspetor —, eles escaparam, e é isso. Pelo menos me livrei do Mestre Pew.

Àquela altura eu já havia lhe contado o que se passara na pousada.

Voltei com ele para a Almirante Benbow, e o estado da casa era pior do que o imaginado. Na fúria com que nos procuraram, nem o relógio ficou a salvo. Embora nada tivesse sido roubado de fato, além do saco de moedas do capitão e um pouco de dinheiro que havia na caixa do balcão, percebi de imediato que estávamos arruinados. Analisando o lugar, o sr. Dance não entendia o que havia acontecido.

— Você disse que eles levaram o dinheiro, não foi? Oras, então que outra coisa de valor procuravam? Mais dinheiro, imagino?

— Não, senhor. Acho que não estavam atrás de dinheiro — respondi. — Acredito que estavam procurando

o que está aqui no bolso do meu casaco, e para falar a verdade, gostaria de guardar isto em um local seguro.

— Claro, rapaz, de acordo — disse o inspetor. — Se você quiser, guardo para você.

— Eu estava pensando em deixar com o dr. Livesey.

— Faz muito bem — me interrompeu, um tanto expansivo. — Muito bem. Ele é um cavalheiro, além de ser juiz. Pensando bem, vou pessoalmente informar a ele ou ao barão sobre os acontecimentos. Afinal, Pew está morto. Não que eu sinta pena, sabe, mas o caso é que ele está morto e as pessoas podem culpar os coletores de impostos, se ficarem sabendo. Se você quiser, Hawkins, pode vir comigo.

Agradei sinceramente, e caminhamos até o vilarejo, onde os cavalos haviam ficado. Quando acabei de contar meus planos à minha mãe, já estavam todos prontos para partir.

— Dogger, o seu cavalo é bom. Leve o rapaz na garupa — disse o inspetor.

Assim que montei e me agarrei à cintura do sr. Dogger, o inspetor deu o sinal e o grupo logo tomou a estrada que levava à casa do dr. Livesey, a trote largo.

## 6.

# OS PAPÉIS DO CAPITÃO

**C**avalgamos depressa durante todo o caminho até a porta do dr. Livesey. Toda a frente da casa estava escura.

O inspetor Dance me pediu para descer do cavalo e bater, e Dogger me ajudou com o estribo. A criada abriu a porta quase imediatamente.

— O dr. Livesey está? — perguntei.

Ela respondeu que não; ele havia passado em casa à tarde, mas tinha saído para jantar com o barão, onde demoraria algum tempo.

— Então vamos para lá, rapazes — disse o inspetor.

Como a distância era curta, não subi no cavalo. Corri segurando na correia do estribo, passando pela longa alameda de árvores desfolhadas banhadas pelo luar, até chegarmos aos portões da propriedade do barão. Sua mansão branca era cercada por grandes e vistosos jardins de ambos os lados. O sr. Dance apeou, identificou-se e fomos prontamente recebidos.

Um criado nos conduziu por um corredor atapetado, até uma grande biblioteca com estantes cheias de livros em todas as paredes. Havia um busto sobre cada estante. Lá estavam o barão e o dr. Livesey, sentados com seus cachimbos em frente à lareira acesa.

Eu nunca havia visto o barão tão de perto. Era um homem alto, com mais de um metro e oitenta, de compleição larga, expressão séria e rosto severo, vincado pelo sol de tantas viagens. Suas sobrelhas eram muito escuras e ágeis, o que lhe dava um ar de homem de gênio forte. Não parecia ser mau, mas inteligente e respeitável.

— Entre, sr. Dance — disse o barão em um tom formal, porém amigável.

— Boa noite, Dance — o doutor cumprimentou com um aceno de cabeça. — E para você também, Jim, meu amigo. Que bons ventos os trazem?

O inspetor se empertigou todo e contou o caso como se apresentasse uma palestra. Dava gosto ver os dois fidalgos inclinados em suas cadeiras se entreolhando abismados. Estavam tão entretidos e chocados que até se esqueceram de fumar. Quando lhes contei que minha mãe teve coragem de voltar à hospedaria, o dr. Livesey deu um tapa em sua própria coxa, e o barão quebrou seu cachimbo ao batê-lo contra a grelha da lareira, gritando “Bravo!”. Muito antes de terminar o relato, o sr. Trelawney (que como se lembram, era o nome do barão), já havia se levantado e andava de um lado para o outro da sala. O doutor, como se quisesse ouvir melhor, havia retirado sua peruca e era estranho vê-lo ali sentado com seu cabelo natural, curto e preto.

O sr. Dance finalmente terminou de contar sua história.

— Sr. Dance — disse o barão —, o senhor é um homem de muito valor. Quanto a terem atropelado aquele canalha traiçoeiro, considero que foi uma boa ação, como pisar em uma barata. E este rapaz Hawkins aqui é um danado, pelo que vejo. Hawkins, você pode tocar aquela sineta, por favor? O sr. Dance merece uma cerveja.

— Mas então, Jim — o doutor emendou —, o que eles procuravam está com você, certo?

— Está aqui, senhor — respondi entregando a ele o pacote de tecido impermeável.

O médico examinou o embrulho por todos os lados, como se estivesse ansioso para abri-lo. No entanto, só o que fez foi guardá-lo calmamente no bolso de seu casaco.

— Barão, o inspetor pode voltar ao seu trabalho, depois que terminar sua cerveja, é claro — disse dr. Livesey. — Mas gostaria que Jim Hawkins ficasse para passar a noite em minha casa. Com sua permissão, proponho pedir para que tragam a torta fria para ele comer.

— Como quiser, Livesey — respondeu o barão. — Hawkins merece bem mais do que uma torta fria.

Então um criado trouxe uma grande torta de pombo e a colocou sobre uma mesa lateral. Me empanturrei, pois estava faminto como um leão, enquanto o sr. Dance era mais uma vez congratulado e por fim dispensado.

— E agora, barão... — começou o doutor.

— E agora, Livesey... — o barão respondeu, ao mesmo tempo.

— Uma coisa de cada vez, uma coisa de cada vez — o dr. Livesey riu. — Imagino que já tenha ouvido falar desse Flint?

— Ouvido falar? — exclamou o barão. — “Ouvido falar”, essa é boa! Foi o pirata mais sanguinário que já se viu. Barba Negra era um menino comparado a ele. Os espanhóis tinham tanto medo dele que te confesso que às vezes sentia orgulho por ele ser inglês. Vi as velas de seu navio com meus próprios olhos, navegando perto de Trinidad, mas aquele frouxo com quem eu navegava enfiou o rabo entre as pernas, desviou a rota e fugiu para o Porto da Espanha.

— Bom, eu também já ouvi falar dele, aqui mesmo na Inglaterra — tornou o médico. — Mas a questão é: ele tinha dinheiro?

— Dinheiro? Você nunca ouviu as histórias? O que esses bandidos procuram além de dinheiro? O que interessa a eles, a não ser dinheiro? Por que arriscam sua carcaça imunda, se não por dinheiro?

— Isso saberemos logo — respondeu dr. Livesey. — Mas o senhor está tão exaltado e falante que ainda não me deixou concluir meu raciocínio. O que quero saber é o seguinte: supondo que esse pacote em meu bolso seja alguma pista de onde o tesouro de Flint está enterrado, será que esse tal tesouro é valioso?

— Valioso? — exclamou o barão. — Eu te digo o quanto ele vale: se tivermos mesmo uma pista, como você disse, prepararei um navio no porto de Bristol para você e Hawkins irem junto comigo. Encontrarei esse tesouro nem que leve um ano procurando.

— Pois muito bem — assentiu o doutor. — Então, se Jim estiver de acordo, abriremos o embrulho. — E o colocou sobre a mesa.

O pacote estava costurado, e o doutor precisou sacar uma tesoura cirúrgica de sua maleta para cortar as linhas. Dentro do embrulho havia duas coisas: um caderno e um envelope lacrado.

— Primeiro vamos ver o que tem no caderno — sugeriu o doutor.

O barão e eu já estávamos debruçados sobre os ombros do médico, que tinha gentilmente sinalizado para eu me aproximar e participar da emoção da descoberta. Na primeira página havia apenas alguns garranchos, como alguém faz quando está entediado ou quer praticar a escrita. Um deles era idêntico à tatuagem do capitão: “Salve Billy Bones”. Também estava escrito “Sr. W. Bones, imediato”, “Chega de rum”, “Em Palm Key ele levou uma boa”, e ainda outras garatujas, na maior parte palavras soltas e ininteligíveis. Fiquei imaginando *quem* havia levado uma boa, e que *boa* era essa. Podia muito bem ter sido uma facada nas costas.

— Isso não nos diz muita coisa — observou o doutor antes de folhear o caderno.

As dez ou vinte páginas seguintes continham uma série de anotações curiosas. Havia datas em uma margem da folha e quantias de dinheiro na outra, como em um livro-caixa. No entanto, em vez das descrições das despesas, entre as duas colunas havia somente cruces desenhadas, variando de número a cada linha. No dia 12 de junho, por exemplo, era possível ver claramente que foram pagas dezessete libras a alguém, mas não havia nenhuma explicação para isso além de seis cruces desenhadas. Em alguns casos, como que para não haver dúvidas, estava escrito também o local, como “mar de Caracas”, ou apenas as coordenadas geográficas, como “62° 17’ 20”, “19° 2’ 40”.

Era o registro de um período de mais de vinte anos. As quantias aumentavam ao longo do tempo. No final havia uma soma que havia sido corrigida cinco ou seis vezes, e a inscrição: “A parte de Bones”.

— Não faço ideia do que seja isso — comentou o dr. Livesey.

— Ora, está claro como o dia! — exclamou o barão. — É a contabilidade do pilantra. As cruces significam navios ou cidades que os piratas afundaram ou saquearam. As quantias são a parte do patife nos saques. Ele até incluiu detalhes onde achou que pudesse haver dúvida. Veja aqui: “mar de Caracas”. Quer dizer que abordaram algum navio perto daquela costa. Que Deus tenha piedade dos pobres



homens daquela tripulação, sem dúvida estão no fundo do mar.

— Ah, sim! — disse o médico. — Essa é vantagem de ser tão viajado. Sim, senhor! E as quantias aumentam conforme ele subia de posto na hierarquia dos piratas.

Nas últimas folhas do caderno havia ainda algumas outras anotações sobre lugares, e uma tabela de conversão entre moedas da França, Inglaterra e Espanha, para se chegar a um câmbio comum.

— Que homem tinhoso! — observou o doutor. — Não devia ser fácil passar a perna nele.

— E agora vamos ver os outros papéis — disse o barão.

O envelope estava selado em vários lugares. Dava para perceber que um dedal fora usado como sinete. Talvez fosse o mesmo dedal que encontrei no bolso do capitão. Com muito cuidado, o doutor abriu todos os lacres, até deixar cair o mapa de uma ilha. O papel continha latitudes e longitudes, medidas de profundidade, nomes de montes, baías e enseadas, e outros detalhes necessários para que um navio pudesse chegar com segurança até a praia indicada. A ilha tinha cerca de quatorze quilômetros de largura e oito de comprimento. Sua forma lembrava a de um dragão gordo. Possuía dois locais bons para atracar, protegidos por terra, e na parte central da ilha havia uma elevação chamada de “Colina da Luneta”. Além disso, havia outras inscrições adicionadas posteriormente. As que mais se sobressaíam eram três cruzeiras vermelhas —

duas na região norte da ilha e uma a sudoeste. Embaixo dessa última, com a mesma tinta vermelha e em uma caligrafia cuidadosa (diferente dos garranchos do capitão), a indicação: “Maior parte do tesouro aqui”.

No verso do mapa, a mesma pessoa havia escrito outras informações:

*Árvore alta, topo da Luneta, um quarto na direção N de NNE.*

*Ilha do Esqueleto, ESE na direção E.*

*Três metros.*

*A prata está no esconderijo ao norte. Pode ser encontrada seguindo o monte ao leste, a dez braças do rochedo negro que se parece com um rosto.*

*As armas estão em fácil esconderijo, nas dunas no ponto norte do promontório da enseada, direção E e um quarto a N.*

*J.F.*

Era apenas isso. Mesmo sendo curtas e incompreensíveis para mim, essas informações deixaram o barão e o dr. Livesey empolgados.

— Livesey — começou o barão —, você vai abandonar esse seu trabalho miserável imediatamente. Amanhã parto para Bristol. Dentro de três semanas... três semanas, nada! Em duas semanas, no máximo dez dias, terei o melhor navio e a melhor tripulação da Inglaterra, sim senhor! Hawkins será nosso grumete. E que grumete famoso você será, Hawkins. Você, Livesey, será o médico de bordo. Serei

o almirante. Vamos levar Redruth, Joyce e Hunter. Teremos ventos favoráveis, uma viagem tranquila e vamos achar o local sem grandes dificuldades. Depois disso, nunca mais precisaremos nos preocupar com dinheiro na vida.

— Irei com você, Trelawney — declarou o dr. Livesey.  
— Pode contar comigo e com Jim também. Farei tudo ao meu alcance para encontrarmos o tesouro. Só uma pessoa me preocupa.

— Quem? — indagou o barão. — Me diga quem é esse patife!

— Você! — respondeu o médico. — Você é incapaz de guardar segredo. Não somos os únicos que sabem deste mapa. Os sujeitos que atacaram a pousada hoje sem dúvida estão desesperados e são perigosos. Sem contar os outros que ficaram no navio. Não duvido que o bando seja ainda maior, todos loucos para colocar as mãos nesse tesouro. Nenhum de nós pode ficar sozinho até zarparmos. O senhor vai com Joyce e Hunter para Bristol, e enquanto isso eu fico aqui com Jim. E ninguém pode dar um pio sobre nossa descoberta.

— Livesey — tornou o barão —, como sempre, você tem razão. Minha boca será um túmulo.

## **PARTE DOIS**

### **O COZINHEIRO DE BORDO**

## 7.

### MINHA PARTIDA PARA BRISTOL

**L**evou mais tempo do que o barão esperava até conseguirmos zarpar, e nenhum dos planos iniciais — nem o do dr. Livesey, de me manter junto dele — correu conforme o pretendido. O doutor teve de ir até Londres pedir a um médico que o substituísse em suas clínicas. O barão ficou bastante atarefado em Bristol. E eu fiquei na mansão, sob os cuidados do velho Redruth, zelador da propriedade do barão. Me sentia quase como um prisioneiro, mas sonhava acordado com a vida no mar, imaginando grandes aventuras em ilhas exóticas. Passava horas repassando o mapa em minha mente, pois me lembrava dele em detalhes. Sentado à lareira, na casa de Redruth, imaginava chegar à ilha por todos os lados possíveis; explorava cada palmo de seu terreno; subia mil vezes a colina que chamavam de Luneta, e do topo vislumbrava as paisagens mais fantásticas e diversas. Em algumas de minhas fantasias a ilha era repleta de selvagens, a quem tínhamos de combater. Em outras, cheia de animais ferozes que nos perseguiam. Nenhuma delas, porém, foi tão estranha e trágica quanto o que vivemos de fato.

Assim se passaram as semanas até que um belo dia chegou uma carta para o dr. Livesey, com a seguinte

inscrição no envelope: “Em caso de ausência do destinatário, poderá ser aberta por Tom Redruth ou pelo menino Hawkins”. Obedecendo a tais instruções, encontramos — ou melhor, eu encontrei, pois o pobre zelador tinha grandes dificuldades em ler qualquer coisa escrita à mão — as seguintes informações:

*Pousada Velha Âncora, Bristol, 17 de março de 17..*

*Caro Livesey,*

*Como no momento não sei se você já se encontra na mansão ou se ainda está em Londres, mandei uma cópia desta carta para ambos os endereços.*

*Consegui um navio e já o equipei. Está no cais, pronto para zarpar. Você não poderia querer uma escuna melhor — até uma criança conseguiria guiá-la. Tem duas toneladas e se chama Hispaniola.*

*Pude comprá-la por intermédio de meu velho amigo Blandly, que se mostrou incrivelmente solícito. Esse camarada admirável não poupou esforços para me ajudar, assim como todos em Bristol, logo que ficaram sabendo de nosso destino — você sabe, o tesouro.*

— Redruth! — exclamei, interrompendo a leitura. — O dr. Livesey não vai gostar nada disso. O barão acabou abrindo a boca, mesmo depois das advertências do doutor.

— Oras, está no direito dele! — resmungou o zelador.  
— Eu ia achar estranho é se o barão seguisse as ordens de um médico.

Depois desse comentário, desisti de tentar argumentar e continuei lendo:

*Foi o próprio Blandly quem encontrou o Hispaniola, e graças ao seu grande tino comercial, ainda por cima o conseguiu por uma pechincha. E imagine você que em Bristol há um bando de desocupados que espalham horrores sobre Blandly. Chegam ao ponto de dizer que a pobre criatura faria qualquer coisa por dinheiro, e que o Hispaniola era na verdade dele, e que o vendeu para mim por um valor absurdo — tudo lorota, obviamente. Nenhum dos infelizes, no entanto, se atreve a pôr qualquer defeito na escuna.*

*Por enquanto tudo corre às mil maravilhas. Exceto pelos trabalhadores — carregadores, operários etc. — que são lentos demais. Mas já dei um jeito nisso. O que me preocupava mesmo era a tripulação.*

*Meu plano era poder contar com uns vinte marinheiros — para o caso de encontrarmos índios, piratas ou até mesmo os malditos franceses — e tive um trabalho dos diabos para conseguir apenas meia dúzia, mas então, em um grande golpe de sorte, encontrei justamente o homem que eu procurava.*

*Eu estava nas docas quando, por puro acaso, um sujeito puxou papo comigo. Me contou que era um ex-marujo, agora dono de uma taberna, e que conhecia todos os marinheiros de Bristol. A vida em terra firme não havia feito bem para sua saúde e procurava trabalho como cozinheiro de bordo, para que pudesse voltar ao mar. Disse que com muito esforço havia caminhado até o porto naquela manhã, apenas para respirar a maresia.*

*Fiquei profundamente comovido — como você também teria ficado — e, por caridade, o contratei como nosso cozinheiro na mesma hora. Seu nome é Long John Silver e não tem uma perna. Considerei isso uma prova de seu valor, pois a perdeu servindo seu país, e sob as ordens do imortal Hawke.<sup>1</sup> Ele não recebe nenhuma pensão do governo, Livesey. Veja você que tempos abomináveis são esses em que vivemos.*

*Pois bem, pensei ter contratado apenas um cozinheiro, mas acabei encontrando uma tripulação inteira. Silver e eu conseguimos juntar, em poucos dias, um grupo dos mais valorosos homens que se pode imaginar. Um tanto mal-encarados, lá isso é verdade, mas fortes como leões. Te digo que poderíamos derrotar uma fragata.*



*Long John, inclusive, demitiu dois dos seis homens que eu já havia contratado. Fez-me ver logo de cara que se tratavam do tipo de marujo de água doce que só causaria problemas em uma missão de tal importância.*

*Minha saúde e meu ânimo estão formidáveis. Estou comendo feito um touro e dormindo feito uma pedra, mas só ficarei tranquilo quando meus velhos companheiros estiverem a bordo. Ao mar! Ao tesouro! As glórias da navegação estão mexendo com minha cabeça. Por isso, Livesey, venha logo de uma vez. Não perca mais um minuto, se me considera seu amigo.*

*Deixe que o menino Hawkins visite sua mãe uma última vez, acompanhado de Redruth, e depois disso, venham ambos sem demora a Bristol.*

*John Trelawney*

*P.S. — Não lhe contei que Blandly — a propósito, pedi a ele que mande um navio à nossa procura, caso não voltemos até o fim de agosto — encontrou um sujeito admirável para ser nosso timoneiro. Um homem valoroso em todos os aspectos, mas um tanto rígido demais, o que não me agrada. Long John Silver conseguiu um imediato muito competente, chamado Arrow. E temos também um contramestre que sabe todos os toques navais no apito, de forma que a bordo do Hispaniola as coisas serão à moda dos velhos navios de guerra.*

*Esqueci de te dizer que Silver é um homem de posses. Descobri por conta própria que tem uma conta bancária e que nunca ficou devendo um tostão. Vai deixar sua taverna sob responsabilidade de sua esposa. Por ser ela uma mulher de cor, dois solteirões como nós poderiam pensar que é seu casamento, tanto quanto sua saúde, que o fazem querer voltar à vida errante.*

J.T.

*P.P.S — O menino Hawkins pode passar uma noite com a mãe.*

J.T.

Você pode imaginar como aquela carta me deixou animado. Eu mal podia conter minha empolgação. Se alguma vez na vida eu detestei alguém, foi o velho Tom Redruth, que não fazia nada além de grunhir e reclamar. Qualquer um dos outros criados assumiria seu posto com prazer, mas essa não era a vontade do barão, e a vontade do barão era a lei. Ninguém além do velho Redruth ousaria contestar essa lei com um resmungo que fosse.

Na manhã seguinte caminhamos até a Almirante Benbow, e lá encontrei minha mãe com boa saúde e bom humor. O capitão, que havia sido a causa de tantos problemas, estava agora onde os homens maus não incomodam mais ninguém. O barão havia mandado renovar tudo, o salão, o bar e até a placa da entrada. Comprou inclusive móveis novos, o melhor deles era uma

poltrona para que minha mãe descansasse na cozinha. Ela havia contratado um garoto como aprendiz, assim não ficaria sobrecarregada enquanto eu estivesse fora.

Foi só ao ver aquele rapaz que percebi minha situação. Àquela altura eu havia pensado apenas nas aventuras que me aguardavam, sem considerar a casa que deixava para trás. Ao ver aquele menino estranho e desajeitado, que tomaria meu lugar ao lado de minha mãe, tive minha primeira crise de choro. Receio que fiz da vida do pobre garoto um inferno, pois, sendo ele novo no serviço, logo vi inúmeras oportunidades de repreendê-lo e humilhá-lo, e aproveitei todas.

A noite se passou e, no dia seguinte após o jantar, Redruth e eu tomamos novamente a estrada a pé. Me despedi de minha mãe e da enseada onde morei desde que nasci, e da velha e querida Almirante Benbow — não tão querida agora, com a nova pintura. Uma das últimas coisas que pensei foi no capitão, que tantas vezes caminhou por aquela praia com seu chapéu inclinado, sua cicatriz no rosto e sua velha luneta de bronze. Um momento depois já havíamos virado a esquina e minha casa estava fora de vista.

A diligência do correio nos apanhou no terreno em frente à hospedaria Royal George, ao anoitecer. Fiquei espremido entre Redruth e um senhor corpulento. Mesmo com os solavancos da carruagem e o ar frio da noite, devo ter pegado no sono logo no começo da viagem. Dormi

profundamente enquanto atravessávamos colinas e vales, um após o outro. Só acordei quando me deram um cutucão nas costelas. Abri os olhos e vi que já era dia e que estávamos em uma cidade, parados em frente a um casarão.

— Onde estamos? — perguntei.

— Em Bristol — respondeu Redruth. — Chegamos.

O barão havia se fixado em uma pousada bem próxima às docas, para supervisionar as obras em nossa escuna. Tínhamos de andar até lá. Para minha alegria, o caminho atravessava o cais, o que me permitiu admirar uma infinidade de navios de diversos tamanhos, modelos e nacionalidades. Em um deles, os marinheiros cantavam enquanto se ocupavam de seus ofícios. Em outro, os homens trabalhavam pendurados no mastro, a tal altura que pareciam segurar cordas da espessura de uma teia de aranha. Embora tenha passado minha vida toda na praia, nunca havia sentido a sensação de estar tão perto do mar quanto naquele momento. O cheiro de piche misturado com a maresia era uma novidade para mim. Admirei as fantásticas carrancas de proa, em navios que haviam cruzado o oceano várias vezes. Observei a multidão de velhos marujos, com seus brincos nas orelhas, bigodes enrolados para cima e tranças oleosas de alcatrão, caminhando com o passo cadenciado pelos anos sobre o convés. Uma visão de reis ou arcebispos não teria me agradado tanto.

O melhor de tudo é que eu também me lançaria ao mar e navegaria em uma escuna ao lado de um contramestre que conhecia apitos navais, e marujos de trança que cantavam velhas canções de marinheiro. Ao mar, rumo a uma ilha desconhecida, em busca de um tesouro escondido!

Estava ainda perdido em minhas fantasias quando paramos em frente a uma grande hospedaria, de onde saiu o barão Trelawney, fardado como um oficial da marinha, em um imponente casaco azul. Veio ao nosso encontro sorrindo e imitando de forma impecável o andar dos marinheiros.

— Aí estão vocês! — nos cumprimentou. — O doutor chegou de Londres ontem à noite. Bravo! A tripulação está completa!

— Ah, senhor! — exclamei. — Quando zarpamos?

— Às velas! — respondeu. — Zarpamos amanhã!

## 8.

### NA TAVERNA DA LUNETTA

**A**o terminar meu café da manhã, o barão me pediu que entregasse um bilhete a John Silver, na Taverna da Luneta. Não tinha como errar, disse ele, era só seguir pelo cais até encontrar um pequeno bar com uma luneta de bronze na fachada. Parti sem demora, radiante com a chance de observar mais uma vez os navios e os marujos. As docas estavam em polvorosa naquele horário, e fui abrindo caminho entre a multidão de trabalhadores, carroças e cargas até o local de destino.

Era um pequeno estabelecimento, até que bastante agradável. A placa havia sido pintada recentemente, nas janelas havia cortinas limpas e bem arrumadas, e o piso estava lavado e encerado. O bar ficava entre duas ruas, com uma porta de cada lado, o que deixava o salão principal bastante iluminado, mesmo com a fumaça dos cachimbos e charutos.

A clientela era quase toda composta por homens do mar, e o falatório estava tão alto e animado que me detive à porta, hesitante.

Enquanto estive ali parado, um homem saiu do cômodo lateral para o salão, e assim que o vi tive certeza de que aquele era Long John Silver. Sua perna esquerda havia sido cortada na altura do quadril, e com o braço

direito manejava uma muleta com grande habilidade, saltitando para todos os lados com a destreza de um pássaro. Era um homem alto e forte, com o rosto largo e pálido, mas expressivo e sorridente. Parecia estar de ótimo humor, assobiando enquanto ia de uma mesa à outra, distribuindo gracejos e tapinhas no ombro dos clientes mais íntimos.

Devo confessar que desde que o barão mencionou Long John em sua carta, eu temia que ele pudesse ser o mesmo marinheiro com uma perna só que povoava meus pesadelos na Almirante Benbow. No entanto, bastou um olhar para que meu medo desaparecesse. Eu havia conhecido o capitão, o Cão Negro e o cego Pew, e estava convencido de que saberia reconhecer um pirata. Eram outro tipo de pessoa, segundo minha concepção, diferente daquele estalajadeiro simpático e asseado.

Tomei coragem, entrei e me dirigi até ele, que conversava com um cliente enquanto apoiado em sua muleta.

— Senhor Silver? — perguntei, entregando-lhe o bilhete.

— Sim, meu rapaz — me respondeu. — Silver é meu nome, sim senhor. E você, quem é?

Ao ler o bilhete do barão, me pareceu que ele teve um sobressalto.

— Ah, sim! — continuou, quase gritando e me estendendo sua mão. — Pois sim, você é nosso novo

grumete. Muito prazer em conhecê-lo! — E me cumprimentou com um firme aperto de mão.

Naquele momento, um dos clientes no fundo do salão levantou -se abruptamente e foi saindo do recinto. Como estava próximo da porta, em um segundo ganhou a rua. Seu andar apressado chamou minha atenção, e o reconheci no mesmo instante. Era o sujeito pálido e corpulento, com dois dedos faltando na mão esquerda, o primeiro pirata a atormentar o capitão na Almirante Benbow.

— Peguem aquele homem! — gritei. — É o Cão Negro!

— Pouco me importa quem seja ele, mas está saindo sem pagar! — esbravejou Silver. — Harry, corra atrás dele!

Um dos homens próximos à porta se levantou num salto e saiu em disparada atrás do pirata.

— Não deixaria um homem sair sem pagar a conta nem se fosse o Almirante Hawke! — exclamou Silver, soltando minha mão. — Quem você disse que ele era? Cachorro o quê?

— Cão Negro, senhor — respondi. — O sr. Trelawney não lhe contou sobre os piratas? Aquele homem era um deles.

— Verdade? Aqui na minha taverna? Ben, vá ajudar o Harry! — ordenou Silver. — Um dos piratas, então? Morgan, era você que estava sentado com ele? Venha aqui!

Morgan era um velho marinheiro de cabelos grisalhos e rosto pardacento, que se aproximou com ar receoso, mascando tabaco.



— Me diga, Morgan, você nunca viu aquele Cachorro... Cão Negro antes, não é? — Long John perguntou ríspidamente.

— Não, senhor — respondeu Morgan em tom humilde.

— E imagino que também não saiba o nome dele.

— Não, senhor.

— Por Deus, Tom Morgan, é bom você estar falando a verdade — exclamou o taverneiro. — Se eu souber que você anda com gente dessa laia, pode ter certeza de que nunca mais pisará aqui. Sobre o que vocês estavam conversando?

— Não sei bem ao certo, senhor — disse Morgan.

— Você tem alguma coisa na cabeça, ou só vento? — esbravejou Long John. — Não sabe ao certo, é? Imagino que você também não saiba ao certo com quem estava conversando? Diga, do que estavam falando? Viagens, capitães, navios? Desembucha! O quê?

— Ele estava falando de passar homens pela quilha<sup>2</sup> — respondeu o velho.

— Ah, passar homens pela quilha? Parece bem apropriado, já que esse pode ser o seu destino! Volta lá pro seu lugar, seu palerma!

Enquanto Morgan voltava à sua mesa, Silver sussurrou para mim, em um tom de confiança que me fez sentir lisonjeado:

— Na verdade Tom Morgan é um homem honesto, só é tapado. Mas então... — continuou, voltando a falar alto. — Cão Negro? Nunca ouvi esse nome, não. Se bem que eu

acho que... sim, eu já vi esse pilantra. Ele vinha aqui com um mendigo cego, acho que era ele.

— É ele mesmo! — afirmei. — Eu conheci esse cego também. Se chamava Pew.

— Isso! — continuou Silver, exaltado. — Pew! Era esse mesmo o nome dele. Ah, ele bem que tinha uma cara de tubarão. Se conseguirmos pegar esse Cão Negro, o capitão Trelawney vai ficar satisfeito. O Ben corre rápido, quase nenhum marujo é tão veloz quanto ele. Ben vai conseguir pegá-lo, certeza que vai! O desgraçado ficou falando de passar homens na quilha, é? Eu que vou arrastar ele na quilha.

Sem parar de falar, ia de um lado a outro da taverna, batendo duro com sua muleta no chão e dando tapas nas mesas, tão inflamado que teria convencido um juiz ou delegado. Minhas suspeitas foram reavivadas por ter encontrado Cão Negro na Taverna da Luneta, e fiquei observando nosso cozinheiro de bordo atentamente. Mas ele era perspicaz, eloquente e esperto demais para mim. Quando os dois homens voltaram, sem fôlego, disseram que haviam perdido o homem na multidão, e Long John Silver os repreendeu como se fossem eles os ladrões. Eu já estava disposto a colocar minha mão no fogo por sua inocência.

— Veja só, Hawkins — disse Long John —, em que rolo danado eu fui me meter. O que o capitão Trelawney vai pensar de mim? Aquele filho de uma cadela aqui, na

minha taverna, bebendo do meu rum! Você vem e me diz que ele é um pirata, e eu o deixo escapar debaixo do meu nariz! Hawkins, você vai contar para o capitão exatamente o que aconteceu, não é? Você ainda é jovem, mas é um rapaz inteligente e honesto. Deu para notar isso assim que você pôs os pés aqui. Você tem que entender: o que eu poderia fazer com esta minha maldita perna de pau? No tempo em que eu era oficial da marinha, teria alcançado aquele canalha, palavra que sim, e lhe daria uma boa coça, mas no meu estado atual...

Calou-se de repente, boquiaberto como se tivesse acabado de se dar conta de algo.

— A conta! — gritou. — Três doses de rum! Com mil diabos, até da conta eu me esqueci!

E deixou-se cair em um banco, rindo até escorrer lágrimas. Não pude conter meu riso também, e logo toda a taverna estava gargalhando.

— Veja só que belo idiota eu sou! — disse afinal, limpando o rosto. — Nós vamos nos dar bem, Hawkins. Eu devia era ser contratado como grumete também. Mas não adianta ficar reclamando, vamos ao trabalho. O dever em primeiro lugar, companheiros. Vou buscar meu velho chapéu de ponta, e vamos contar o que houve ao capitão. Afinal, o caso é sério, Hawkins, e nem você nem eu podemos dizer que conseguimos resolvê-lo. Não fomos nada espertos, nenhum de nós. Mas raios me partam! Essa do calote foi boa!

E voltou a rir, gargalhando com tanto gosto que mesmo não vendo tanta graça naquilo quanto ele, ri também outra vez.

Em nossa curta caminhada pelo cais, ele se mostrou uma ótima companhia, falando sobre os vários navios pelo caminho, suas cargas, peso, de que país eram, e explicava o que estava sendo feito em cada um deles — um navio recebendo carga, outro sendo descarregado, e outro sendo preparado para zarpar. De vez em quando me contava alguma história sobre navios ou marujos que tinha conhecido, e repetia expressões náuticas até que eu as aprendesse. Comecei a pensar que ele era o melhor companheiro de bordo que eu poderia ter.

Quando chegamos à hospedaria, o barão e o dr. Livesey terminavam suas cervejas, antes de irem à escuna para uma inspeção.

Long John contou a história de cabo a rabo, com muita eloquência e extremamente fiel aos acontecimentos.

— Foi bem assim, não foi, Hawkins? — me perguntava de vez em quando, e eu confirmava sempre.

Os dois fidalgos lamentaram o fato de Cão Negro ter escapado, mas todos concordamos que não havia nada a ser feito. Elogiaram Long John, que foi embora mancando em sua muleta.

— Todos a bordo às quatro da tarde! — gritou-lhe ainda o barão.

— Sim, senhor! — respondeu o cozinheiro, já distante.

— Muito bem, barão — comentou dr. Livesey. — Em geral suas descobertas não me agradam muito, mas devo dizer que simpatizei com esse John Silver.

— Esse homem foi um achado — tornou o barão.

— E agora — continuou o médico —, Jim pode subir a bordo conosco, não?

— Certamente — respondeu o barão. — Pegue seu chapéu, Hawkins, e vamos dar uma olhada no navio.

## 9.

# PÓLVORA E ARMAS

**O** *Hispaniola* estava a certa distância do cais e fomos até ele de bote, abrindo caminho entre as carrancas e popas dos outros navios. Às vezes os cordames roçavam nosso casco, outras balançavam sobre nossas cabeças. Por fim subimos a bordo, onde o sr. Arrow, o imediato, nos recebeu e cumprimentou. Era um velho marinheiro vesgo de pele escura e brincos. Ele e o barão pareciam se dar bastante bem, mas logo percebi que o mesmo não acontecia entre o sr. Trelawney e o capitão.

Este último era um homem áspero e desconfiado, e parecia que tudo no navio o desagradava. Não demoraríamos a saber o motivo, pois assim que entramos na cabine um marinheiro veio procurar o barão:

— O capitão Smollett quer falar com o senhor.

— Estou sempre às ordens do capitão. Mande-o entrar — disse o barão.

O capitão, logo atrás do marujo, entrou imediatamente e fechou a porta.

— Muito bem, capitão Smollett, o que me diz? Tudo em ordem, imagino. Prontos para zarpar?

— Bem, senhor — começou o capitão —, eu prefiro ser direto, mesmo com o risco de ofendê-lo. Essa viagem não

me agrada. Não gosto da tripulação e não gosto do meu imediato. Acho melhor dizer logo.

— E imagino que o senhor também não goste do navio? — perguntou o barão, e pude perceber que estava bastante zangado.

— Isto ainda não posso responder, senhor, ainda não vi como a embarcação enfrenta o mar — retrucou o capitão. — Me parece um bom navio, é só o que posso dizer.

— E parece que o senhor também não gosta do seu chefe? — insinuou o barão.

Nesse momento o dr. Livesey interveio:

— Calma lá! — disse. — Calma lá! Falar desse modo não vai resolver nada, só vai causar brigas. O capitão já falou bastante, mas também não disse nada de fato, e eu gostaria que ele se explicasse. O senhor disse que esta viagem não lhe agrada. E por que não?

— Eu fui contratado, senhor, para cumprir o que se pode chamar de ordens sigilosas. Guiar este navio para onde este cavalheiro me indicasse. Até aí, tudo bem. Mas agora fico sabendo que todos os homens a bordo sabem mais do que eu. Isso não é lá muito justo, concorda?

— Concordo — respondeu o doutor. — Não é mesmo.

— Ainda por cima — continuou o capitão —, descobro pelos meus subordinados que vamos procurar um tesouro. Ir atrás de tesouros é um negócio traiçoeiro. Eu não gosto de viagens desse tipo, menos ainda quando deveriam ser

secretas. Me perdoe a franqueza, sr. Trelawney, mas até o papagaio já sabe.

— Está falando do papagaio de Silver? — perguntou o barão.

— É modo de falar — tornou o capitão. — Quis dizer que já está na boca do povo. Pelo que vejo, nenhum dos senhores sabe muito bem o que está fazendo, e vou dizer o que penso. Esta é uma viagem de vida ou morte, e ambas as chances são iguais.

— Entendo o que diz, e devo concordar — disse o dr. Livesey. — Estamos sim correndo riscos, mas não somos tão ingênuos quanto o senhor supõe. Também disse que não gosta da tripulação. Não são bons marinheiros?

— Não gosto desses homens, senhor — afirmou o capitão. — E já que estamos falando disso, gostaria de ter selecionado minha própria tripulação.

— Talvez fosse o certo mesmo — disse o médico. — Talvez meu amigo tivesse escolhido melhor se o senhor estivesse junto. Mas essa falta de consideração, se é que houve, não foi intencional. E também não gosta do sr. Arrow?

— Não gosto, senhor. Acredito que possa ser um bom marujo, mas dá muita liberdade à tripulação, coisa que um oficial não deve fazer. Um imediato deve ser reservado. Não se bebe com os homens no convés!

— Quer dizer que ele costuma beber? — exclamou o barão.



— Não, senhor — respondeu o capitão. — Apenas que dá muita confiança aos homens.

— Bem, vamos direto ao ponto, capitão — pediu dr. Livesey. — Diga o que gostaria de fazer.

— Os senhores estão decididos a fazer essa viagem?

— Completamente — afirmou o barão.

— Muito bem — tornou o capitão. — Já que tiveram a paciência de me ouvir até aqui, dizendo coisas que não posso provar, peço que me ouçam só um pouco mais. Os homens estão colocando a pólvora e as armas no porão da proa. Acontece que há um bom compartimento abaixo da cabine. Por que não guardar aqui? Essa é a primeira questão. A segunda é: os senhores estão em um grupo de quatro pessoas, e pelo que entendi alguns ficarão junto com a tripulação. Por que não colocam beliches aqui ao lado da cabine e ficam todos juntos?

— Algo mais? — perguntou o sr. Trelawney.

— Só mais uma coisa — continuou o capitão Smollett —, porque a conversa já se alongou bastante.

— Demais — concordou o médico.

— Vou dizer o que ouvi — prosseguiu. — Estão falando que os senhores têm o mapa de uma ilha, e que nele há cruzes que marcam onde o tesouro está. E que essa ilha fica... — e disse as coordenadas geográficas.

— Mas eu não contei nada a ninguém! — defendeu-se o barão.

— Toda a tripulação está falando — Smollett afirmou.

— Livesey, deve ter sido você ou Hawkins — acusou o sr. Trelawney.

— Não importa quem foi — respondeu o médico.

Percebi que nem ele nem o capitão levavam muito a sério os protestos do barão. Eu tampouco, para falar a verdade, pois o sr. Trelawney era realmente incapaz de guardar um segredo. Apesar disso, acredito que nesse caso ele tivesse razão, e que nenhum de nós tivesse revelado nada sobre a ilha.

— Bom, senhores — continuou o capitão —, não sei com quem o mapa está, mas faço questão de uma coisa: ninguém deve vê-lo, nem mesmo eu ou o sr. Arrow. Caso contrário, peço que aceitem minha demissão.

— Entendo — disse o médico. — O senhor quer que mantenhamos sigilo e que montemos nossa própria guarnição aqui na proa, só com pessoas de confiança e com as armas e a pólvora. Em outras palavras, o senhor teme um motim.

— Não me leve a mal, senhor — respondeu o capitão Smollett —, mas não lhe dei o direito de colocar palavras em minha boca. Nenhum capitão se lançaria ao mar se tivesse qualquer suspeita disso, por menor que fosse. Quanto ao sr. Arrow, acredito que seja verdadeiramente honesto, e digo o mesmo quanto a alguns dos homens. Aliás, talvez todos sejam. Mas sou o responsável pela segurança do navio e pela vida de cada homem a bordo. Estou vendo coisas que não considero corretas. Peço

apenas que tomem certas precauções, ou que aceitem minha demissão. Isso é tudo.

— Capitão Smollett — o doutor falou, com um sorriso —, o senhor já ouviu a fábula da montanha que pariu um rato? Me desculpe dizer isso, mas ao ouvi-lo me lembrei dela. Quando o senhor entrou aqui, poderia apostar minha peruca que sua intenção era dizer outra coisa.

— O senhor é um homem perspicaz — observou o capitão. — Quando entrei aqui, minha intenção era ser demitido. Imaginei que o sr. Trelawney não fosse ouvir uma palavra do que eu tinha a dizer.

— E não teria ouvido mesmo! — esbravejou o barão. — Se Livesey não estivesse aqui, eu já o teria mandado ao diabo. Seja como for, já ouvi. Farei como quer, mas saiba que não simpatizo nem um pouco com o senhor.

— Como queira, senhor — concluiu o capitão. — Verá que estou apenas cumprindo meu dever.

E após isso, deixou a cabine.

— Trelawney — observou o doutor —, ao contrário do que eu imaginava, acredito que você conseguiu encontrar dois marujos honestos para sua viagem. Esse homem e John Silver.

— Silver, pode ser — protestou o barão. — Mas a conduta desse patife insuportável não é digna de um homem, nem de um marinheiro, muito menos de um inglês.

— Veremos — apaziguou o médico.

Quando saímos ao convés, os homens já carregavam a pólvora e as armas para a cabine, cantarolando suas canções de marinheiro, sob a supervisão do sr. Arrow e do capitão.

A mudança me agradou bastante. Toda a escuna foi reorganizada; seis acomodações foram feitas onde antes era o porão principal da popa. Pela nova configuração, todas as cabines se conectavam com a cozinha e com o castelo de proa por um corredor à bombordo.

Originalmente, o capitão, o sr. Arrow, Hunter, Joyce, o doutor e o barão seriam seus ocupantes. Agora Redruth e eu poderíamos usar dois desses alojamentos, enquanto o sr. Arrow e o capitão dormiriam na entrecoberta, que havia sido alargada de tal forma a ficar quase do tamanho de uma cabine. Seu teto ainda era bastante baixo, obviamente, mas havia espaço para pendurar duas redes, e até mesmo o imediato pareceu satisfeito com o arranjo. Ele talvez também tivesse suas desconfianças quanto à tripulação, o que eu apenas posso supor, pois, como verão, não tivemos muito tempo para saber sua opinião.

Estávamos todos bastante atarefados carregando a pólvora e arrumando as acomodações, quando um bote chegou com os dois últimos homens e Long John.

O cozinheiro subiu a bordo pela lateral do barco com a agilidade de um macaco, e assim que viu o que estava acontecendo, perguntou:

— E então, companheiros? O que é isso tudo?

— Estamos mudando a pólvora de lugar — respondeu um dos marujos.

— Mas por que diabos? — exclamou Long John. — Assim vamos perder a maré!

— Ordens minhas! — o capitão disse rispidamente. — Pode descer para a cozinha, homem. A tripulação vai querer jantar.

— Sim, senhor — respondeu o cozinheiro, e com um aceno de cabeça, tomou seu rumo.

— Esse é um bom sujeito, capitão — comentou o doutor.

— Parece que sim, senhor — concordou o capitão Smollett. — Cuidado com isso aí, homens! Cuidado! — exclamou, repreendendo os marujos com a pólvora.

Foi quando me viu examinando um canhão giratório de bronze, localizado no meio do navio, e gritou subitamente:

— Ei, grumete! Saia já daí! Vá se apresentar ao cozinheiro e trate de arrumar o que fazer!

Enquanto eu saía dali apressado, o ouvi dizer ao doutor, quase gritando:

— Aqui no meu navio não vai ter favoritismo!

Eu certamente compartilhava da opinião do barão sobre o capitão, e senti um ódio profundo daquele homem.

## 10.

### A VIAGEM

**T**rabalhamos arduamente durante toda a noite, organizando tudo. A todo momento chegavam botes trazendo amigos do barão, como o sr.

Blandly e outros, para lhe desejar boa viagem e um retorno seguro. Meu trabalho na Almirante Benbow não chegava nem à metade daquilo, portanto eu já estava completamente exausto quando, pouco depois do amanhecer, o contramestre fez soar seu apito para que a tripulação içasse as âncoras. No entanto, por mais cansado que eu estivesse, não sairia daquele convés por nada no mundo, de tão encantado que estava com tanta novidade — as ordens curtas e secas, o estridente assovio do apito, os homens apinhados em seus postos sob o brilho trêmulo das lanternas do navio.

— Ô Brasa, dá a deixa! — alguém gritou.

— Aquela antiga! — emendou outra voz.

— Agora mesmo, companheiros! — respondeu Long John, que estava em pé, apoiado em sua muleta, e logo o ar se encheu com a canção que eu já conhecia bem:

— *Quinze homens no baú do defunto...*

E toda a tripulação fez coro:

— *Io-ho-hô, e uma garrafa de rum!*

Ao terceiro “hô” todos giraram o cabrestante em um impulso conjunto.

Por mais emocionante que fosse aquele momento, imediatamente me lembrei da velha Almirante Benbow, e parecia ouvir a voz do capitão junto ao coro. Mas rapidamente a âncora foi recolhida e ficou gotejando sobre a proa. Em seguida içaram as velas, e a terra e os outros navios começaram a deslizar por ambos os lados da escuna. Antes que eu pudesse me deitar para um cochilo de meia hora, o *Hispaniola* já começava sua viagem para a Ilha do Tesouro.

Não contarei detalhes da viagem. Tudo correu relativamente sem problemas. O navio enfrentava bem o mar, a tripulação era formada por bons marinheiros, e o capitão executava suas funções com esmero. No entanto, antes de avistarmos a Ilha do Tesouro, aconteceram duas ou três coisas que merecem ser mencionadas.

A primeira delas é que o sr. Arrow se mostrou um comandante ainda menos competente do que temia o capitão. Os homens não respeitavam suas ordens e o faziam de gato e sapato. Mas isso não era o pior, pois a partir do segundo dia de viagem ele começou a aparecer no deque com olhos caídos, afogueado e falando enrolado, além de outros sinais de embriaguez. Não foram poucas as vezes em que o capitão o mandou de volta à sua cabine. Às vezes o sr. Arrow caía e se machucava. Outras vezes

passava um dia ou dois relativamente sóbrio, e realizava seu trabalho de maneira quase decente.

Entretanto, não fazíamos ideia de onde ele conseguia a bebida. Era o grande mistério do navio. Por mais que o vigiássemos, não conseguíamos descobrir. Quando perguntávamos diretamente a ele, se estivesse bêbado, apenas ria; se estivesse sóbrio, jurava solenemente que não bebia nada além de água.

O sr. Arrow não era apenas um comandante inútil e uma má influência para os outros, mas estava claro que se continuasse assim, acabaria se matando. Portanto, ninguém ficou muito surpreso — nem muito triste — quando em uma noite escura de mar revolto ele desapareceu e nunca mais foi visto.

— Homem ao mar! — gritou o capitão. — Bem, homens, isso nos poupa o trabalho de prendê-lo.

Mas o fato é que havíamos ficado sem nosso imediato. Obviamente, era necessário promover um dos homens. O candidato mais provável era Job Anderson, o contramestre, que manteve seu cargo inicial e acabou, por assim dizer, acumulando duas funções. O sr. Trelawney tinha experiência em navegação, e seus conhecimentos foram bastante úteis, pois muitas vezes assumia a guarda quando o mar estava tranquilo. Além disso, o timoneiro Israel Hands era um marujo experiente e astuto, em quem se podia confiar para quase qualquer tipo de situação.



Ele era bem íntimo de Long John Silver, e por isso, mencioná-lo me faz lembrar do nosso cozinheiro, que era chamado de Brasa pela tripulação.

Silver andava pelo navio com sua muleta presa ao pescoço por um cordão, para manter suas mãos tão livres quanto possível. Era curioso vê-lo firmar a muleta nos tabiques do piso e, apoiado nela, acompanhar os movimentos do navio. Dessa forma, cozinhava com tanta desenvoltura como se estivesse em terra firme. Nos espaços mais amplos da cozinha, havia cordas nas quais se apoiava para se movimentar — a tripulação as chamava de “os varais de Long John”. Assim ia de um canto a outro, ora calcado na muleta, ora segurando-se em seus varais, tão ágil quanto qualquer outro homem. Mas os marujos que já haviam navegado com ele se sensibilizavam em vê-lo tão diminuído.

— O Brasa não é um homem como outro qualquer — me segredou o timoneiro. — Ele teve boa educação, e antigamente, quando lhe dava na telha, podia falar tão bonito como se estivesse lendo um livro. E é corajoso também. Era capaz de enfrentar um leão! Já o vi agarrar quatro homens de uma vez e acabar com os quatro, batendo suas cabeças umas nas outras. E desarmado!

Toda a tripulação o respeitava e obedecia. Sabia como falar com cada um, e a cada um fazia um agrado especial. Me tratava com uma amabilidade sem par, e gostava da minha companhia na cozinha, que mantinha muito limpa,

com a louça sempre brilhando e seu papagaio em uma gaiola ao canto.

— Entre aqui, Hawkins — ele dizia. — Venha bater um papo com John. Você é mais do que bem-vindo, rapaz. Sente-se aí e ouça as novidades. Veja só o Capitão Flint aqui... dei esse nome ao meu papagaio por causa do famoso comandante! Ele prevê uma viagem de sucesso. Não é mesmo, Capitão?

E o papagaio respondia logo, “Peças de oito! Peças de oito!”, até dar a impressão de que ficava sem ar, ou até John cobrir sua gaiola com um lenço.

— Este pássaro aqui — explicava Long John — deve ter uns duzentos anos, Hawkins. Eles nunca morrem, e só o próprio diabo deve ser mais perverso que um bicho desses. Esse aqui já navegou com England, o grande pirata Capitão England. Já esteve em Madagascar, no Malabar, no Suriname, em Providence e em Portobello. Participou da recuperação de cargas de naufrágios. Foi em uma dessas missões que aprendeu a gritar “Peças de oito”. Não é para menos, pois puxaram 350 mil dessas moedas, Hawkins! Ele também estava junto quando o navio do vice-rei das Índias foi tomado perto de Goa. Olhando para ele, alguém pode pensar que é apenas um filhote. Mas você está farejando pólvora, não está, Capitão?<sup>3</sup>

— Todos a postos! — o papagaio respondia.

— Ah, ele tem lá o seu charme. — O cozinheiro se derretia, tirando do bolso um torrão de açúcar para dar à

ave, que bicava as grades da gaiola e seguia praguejando, fazendo jus à sua má reputação.

— Aqui está — continuava John. — Não se pode fazer chouriço sem sangue, rapaz. Veja só esse bicho, coitado. Tem uma boca assim tão suja, mas não faz ideia do que diz, pode ter certeza. Ele diria as mesmas coisas se um padre estivesse aqui.

E acariciava as plumas do animal de maneira tão solene que me fazia crer que era o melhor dos homens.

Já o barão e o capitão Smollett estavam longe de se entender. O barão não escondia seu desprezo pelo comandante do navio. O capitão, por sua vez, mal abria a boca, mas quando falavam com ele, suas respostas eram curtas e ásperas, sem nenhum rodeio. Por ter sido voto vencido, admitia que talvez tivesse se enganado quanto à tripulação, que alguns dos homens eram bons marinheiros, e que em geral a tripulação se portava bem. Quanto à embarcação, havia ganhado sua total aprovação.

— O barco obedece ao vento como uma boa esposa obedece ao marido, senhor. Mas... — completava — só o que posso dizer é que ainda falta muito para voltarmos para casa, e essa viagem não me agrada.

A esse tipo de comentário, o barão dava as costas e saía pisando duro pelo convés, de peito estufado.

— Se esse homem der mais um pio sobre isso — esbravejava o barão —, não respondo por mim.

Passamos por algumas tempestades, o que apenas comprovou a qualidade do *Hispaniola*. Os homens a bordo pareciam satisfeitos, e nem podia ser diferente. Creio que não houve tripulação mais bem tratada desde que Noé se lançou ao mar. Ao menor pretexto, a bebida era servida sem restrições. Em dias especiais, como quando alguém fazia aniversário, havia doces, e um barril de maçãs ficava sempre aberto no convés para quem quisesse se servir.

— Nunca vi isso dar bom resultado — o capitão comentava ao dr. Livesey. — Mimar demais a tripulação é oficina do diabo. É o que eu acho.

No entanto, o barril de maçãs acabou sendo providencial, como verão a seguir, pois sem ele não teríamos nos dado conta do perigo iminente e morreríamos vítimas de uma emboscada.

Contarei como o caso aconteceu.

Havíamos apanhado os ventos alísios que nos levariam à desejada ilha — não posso dar mais detalhes — e íamos a boa velocidade havia alguns dias, sem percalços. Pelas nossas estimativas, já estávamos no último dia de viagem, ou perto disso. Avistaríamos terra naquela noite, ou na manhã seguinte, no mais tardar. Seguíamos para sul-sudoeste, levados por uma brisa estável e mar calmo. O *Hispaniola* avançava implacável, banhando o gurupés com a espuma das ondas. O vento enchia nossas velas e o humor a bordo era o melhor possível, tão perto que estávamos de completar a primeira etapa de nossa viagem.

Logo após o pôr do sol, quando eu estava prestes a me recolher depois de terminado o trabalho, pensei que uma maçã cairia bem. Subi ao convés, e o vigia tinha os olhos fixos no horizonte, esperando avistar a ilha. O marinheiro ao leme se concentrava no curso do vento, assobiando despreocupadamente. Era só o que se ouvia no navio, além das ondas batendo no casco.

Tive de pular para dentro do barril, pois havia apenas poucas maçãs no fundo. Sentado ali na escuridão, com o som do mar e o movimento do navio, acabei pegando no sono, ou pelo menos estava quase, quando um homem sentou-se ruidosamente ali ao lado. O barril tremeu quando ele se apoiou, e eu estava quase saltando para fora quando ouvi sua voz. Era Silver, e antes que ele completasse suas primeiras frases, decidi permanecer escondido. Fiquei ali ouvindo, com um misto de curiosidade e medo, pois bastou ouvir o começo da conversa para que eu entendesse que a vida dos homens honestos a bordo dependeria unicamente de mim.

## 11.

### O QUE OUVI ESCONDIDO NO BARRIL

**N**ão, eu não — começou Silver. — O capitão era Flint. Eu era o contramestre, por causa da minha perna de pau. Perdi minha perna no mesmo ataque em que Pew ficou cego. Quem me amputou foi um mestre cirurgião, com diploma e tudo, educação clássica, coisa e tal. Mas ele foi enforcado feito um porco e ficou apodrecendo no sol como todos os outros, lá no forte de Cabo Corso. Foram os homens do capitão Roberts, isso sim, que viviam mudando seus navios de nomes, como fizeram com o *Royal Fortune* e outros. Para mim, quando um navio é batizado, o nome não muda mais. É o que eu penso. Assim foi com o *Cassandra*, que nos levou sãos e salvos de Malabar para casa, depois que o capitão England abordou o navio do vice-rei das Índias. E assim foi com o velho *Walrus*, o navio de Flint, que eu cheguei a ver lavado em sangue depois de um ataque e quase afundar com o peso do ouro roubado.

— Ah! — ouvi o rapaz mais novo da tripulação comentar admirado. — Flint foi o melhor de todos os tempos, sem dúvida!

— Davis também era danado, pelo que dizem — tornou Silver. — Mas eu nunca naveguei com ele. Comecei com o England, depois acompanhei Flint, essa foi minha

vida. E cá estou agora, tendo que me virar sozinho, por assim dizer. Com o England ganhei novecentas libras, e com o Flint, duas mil. Nada mal para um marujo. Está tudo guardadinho no banco. Te digo uma coisa, não adianta nada saber ganhar dinheiro se não souber poupar também. Onde foram parar os homens de England? Sabe-se lá. E os homens do Flint? Ora, a maioria está aqui a bordo, e bem felizes por estarem comendo pudim. Alguns deles já chegaram a ter que pedir esmola, tempos atrás. O velho Pew mesmo, quando perdeu a visão, talvez tenha se sentido diminuído com isso e para compensar torrou mil e duzentas libras em um ano, como se fosse um lorde. E cadê ele agora? Mortinho, debaixo de sete palmos de terra. Só que nos dois últimos anos o infeliz passou fome! Pedia esmola, roubava, cortava umas gargantas, e sempre passando fome, com os diabos!

— Aprontou tanto e no fim das contas não valeu de muita coisa — observou o jovem marujo.

— Quando o sujeito é burro, não vai muito longe mesmo, pode acreditar. É sempre oito ou oitenta com esse tipo — respondeu Silver. — Mas escute aqui: você ainda é jovem, e é um rapaz esperto. Percebi assim que te vi, por isso falo com você de homem pra homem.

Dá para imaginar como me senti quando ouvi aquele pilantra asqueroso elogiar o rapaz com o mesmo discurso que havia usado comigo. Acho que se pudesse, eu o teria

matado ali mesmo de dentro do barril. Ele continuou com sua ladainha, sem fazer ideia de que eu escutava tudo:

— O que acontece quando um senhor da própria sorte consegue um bom saque é o seguinte: eles têm uma vida dura, cheia de riscos, mas comem e bebem como reis. Quando terminam uma viagem, estão com os bolsos cheios de dinheiro. Só que esbanjam tudo com rum e farras, e aí logo acabam com uma mão na frente e a outra atrás, e se lançam ao mar de novo. Mas não é assim que eu levo as coisas. Eu poupo tudo, um pouquinho aqui, mais um pouco ali, sem deixar todo o dinheiro em um lugar só, que eu não sou besta de levantar suspeitas. Estou com cinquenta anos, veja você. Depois desta viagem, vou me endireitar e viver como um homem de bem. Você pode pensar que já não é sem tempo. Ah, mas até hoje levei uma boa vida, nunca me privei de nada e sempre tive cama quente e prato cheio, exceto quando estava no mar. E sabe como comecei? Lavando convés, como você.

— Bom — disse o outro —, só que agora você perdeu todo esse dinheiro, não foi? Você não vai ousar mostrar a cara em Bristol depois dessa.

— Oras, onde você acha que o dinheiro estava? — perguntou Silver em tom irônico.

— Em Bristol, num banco ou coisa assim, não? — respondeu seu companheiro.

— Estava até o dia em que zarpamos — tornou o cozinheiro. — Mas agora minha senhora já pegou tudo.



Vendemos a Luneta, com móveis, talheres e tudo. Minha patroa vai me encontrar em um lugar que combinamos. Eu até te diria onde, pois confio em você, mas os outros ficariam com inveja.

— E o senhor confia na sua esposa a esse ponto?

— Um senhor da própria sorte não costuma confiar em muita gente, e te digo que isso é o certo a se fazer. Mas eu levo as coisas a meu próprio modo, sabe? Quando alguém tenta me passar a perna, não costuma continuar vivo pra contar a história. Alguns tinham medo do Pew, outros tinham medo do Flint. Mas o Flint me respeitava. Ele tinha medo de mim, e também orgulho. E os homens do Flint eram a tripulação mais valente que já vi. Nem o diabo teria coragem de navegar com eles. Eu não sou de me gabar, e você já deve ter percebido que sou bem sociável, mas na época em que eu era contramestre, os piratas de Flint não eram flor que se cheirasse. Mas pode ficar tranquilo, você está seguro aqui no navio do velho John.

— Uma coisa eu te digo — disse o rapaz. — Eu não estava gostando nem um pouco desse trabalho até termos essa conversa, John. Mas a partir de agora, pode contar comigo.

— Você é um rapaz valente, e é esperto também — afirmou Silver, apertando a mão do jovem marujo com tanto entusiasmo que fez o barril tremer. — E nunca vi alguém que levasse mais jeito para ser senhor da própria sorte do que você.

Àquela altura eu já tinha entendido algumas das expressões que eles usavam. Quando diziam “senhor da própria sorte”, estavam se referindo simplesmente a piratas ordinários, e o que ouvi foi um dos homens supostamente honestos do navio se corrompendo — talvez o último a bordo que ainda faltava ser convencido. Logo minha suspeita se confirmou, pois após um discreto assovio de Silver, outro homem se juntou ao grupo.

— Dick está conosco — disse Long John.

— Ah, eu sabia que ele se juntaria a nós. — Ouvi a voz de Israel Hands, o timoneiro, responder. — Afinal, você não é bobo, certo, Dick?

Israel se virou para cuspir o fumo que estava mascando e continuou:

— Mas o que eu quero saber, Brasa, é o seguinte: quanto tempo ainda vamos ter que ficar navegando para lá e para cá? Já estou farto do capitão Smollett. Raios, ele já me amolou demais! Eu quero a cabine dele pra mim. Também quero o vinho deles, as comidas... tudo.

— Israel — disse Silver —, você nunca foi lá muito inteligente. Mas consegue ouvir, ou pelos menos deveria, com essas orelhas grandes. Ouça o que eu digo: até eu dar o sinal, você vai continuar no seu posto, vai trabalhar direitinho, falar manso e ficar sem beber. É isso e acabou.

— Bom, não estou dizendo o contrário — resmungou o timoneiro. — Eu quero saber é quando vai ser esse sinal.

— Quando? Mas que diabo! — esbravejou Silver. — Eu te digo quando, já que quer saber. Quando eu disser que é o momento certo. Estamos com um marinheiro de primeira linha, o capitão Smollett, guiando este navio. Temos o doutor e o barão com o mapa, que eu não sei onde está, sei? Você também não sabe. Pois então, tem que ser quando os dois encontrarem o troço e nos ajudarem a trazer tudo a bordo. E então veremos. Se eu pudesse confiar em vocês, filhos de uma cadela, deixava o capitão Smollett levar o navio até metade do caminho de volta, antes de dar o golpe.

— Somos todos bons marinheiros aqui, creio eu — comentou Dick.

— Somos todos marinheiros de convés, você quer dizer — retrucou Silver. — Claro, conseguimos manter uma rota, mas quem vai calcular e traçar as coordenadas? Ninguém chegaria a lugar nenhum! Se eu pudesse fazer como quero, deixaria o capitão Smollett nos levar até depois dos ventos alísios, pelo menos. A partir daí, não haveria mais risco de um maldito erro de cálculo, nem passaríamos aperto. Mas eu conheço bem o tipinho de vocês. Eu vou dar um jeito neles na ilha mesmo, assim que a carga já estiver a bordo. É uma desgraça que tenha que ser desse jeito, mas vocês só ficam satisfeitos quando estão bêbados. Que o diabo me carregue, já estou mais que farto de navegar com gente da laia de vocês.

— Calma aí, Long John! — exclamou Israel. — Que bicho te mordeu, homem?

— Ah, você tem ideia de quantos navios eu já vi serem tomados? E quantos moleques afobados já vi esturricando no sol, pendurados na forca de Londres? — esbravejou Silver. — E tudo por causa dessa maldita pressa, sempre ela! Entende o que estou dizendo? Não sou nenhum marinheiro de primeira viagem! Se você soubesse se manter na rota e ajustar as velas, já estaria rico. Mas não! Eu te conheço bem. Se depender de você, amanhã mesmo já vai encher a cara de rum e dane-se o mundo!

— Todo mundo te respeitava e sabia que você era um homem sério, John. Só que alguns marinheiros sabiam guiar o timão tão bem quanto você — tornou Israel. — Gostavam de uma diversão, é verdade. Não viviam ao deus-dará, mas faziam lá suas farras, como todos.

— Ah, é? — Silver continuou. — E onde estão agora? Pew era assim, e morreu sem um tostão. Flint também, e morreu de tanto rum, em Savannah. Era uma tripulação das melhores, sem dúvida. Mas acabaram como?

— Certo, mas o que faremos com eles quando os pegarmos? — Dick interveio.

— Esse é dos meus! — exclamou Silver, admirado. — É assim que eu gosto. O que você acha? Largá-los na ilha? É o que England faria. Ou fatiá-los feito presunto? Isso é o que Flint ou Billy Bones fariam.

— Billy seria o homem certo para esse serviço — comentou Israel. — “Os mortos não mordem”, era o que ele dizia. Só que ele está morto também, então sabe bem o que os defuntos fazem ou não. Billy foi o marujo mais valente que já vi.

— Pode ter certeza — concordou Silver. — Valente e esperto. Mas escutem bem, sou um homem de paz. Quase um cavalheiro. Mas a coisa é séria, e com coisa séria não se brinca. Meu voto é para que matemos todos. Quando eu virar lorde e estiver andando de carruagem, não quero nenhum desses grã-finos que agora estão lá em cima brincando de marinheiro aparecendo para me atormentar. Meu conselho é esperar o momento certo, e então acabar com todos!

— John, você é um homem como poucos — admirou-se o timoneiro.

— Pode ter certeza, Israel — respondeu Silver. — Eu só peço uma coisa: Trelawney é meu. Vou arrancar aquela sua cabeça oca com minhas próprias mãos!

E continuou, mudando de assunto:

— Dick, me faça o favor de pegar uma maçã aí no barril, que eu fiquei com a boca seca.

Imaginem como fiquei aterrorizado ao ouvir aquilo! Se eu tivesse forças, teria saltado dali e fugido, mas nem minhas pernas nem meu coração me obedeciam. Ouvi Dick se levantando, mas aparentemente alguém o interrompeu, e ouvi Hands exclamar:

— Ah, que maçã coisa nenhuma! Deixa essa porcaria para lá, John. Vamos é tomar um gole de rum.

— Dick, confio em você — disse Silver. — Mesmo assim, saiba que meu tonel de rum tem um medidor. Aqui está a chave. Desça lá, encha uma caneca e traga aqui.

Mesmo apavorado como eu estava, compreendi que era assim então que o sr. Arrows conseguia a bebida que acabou sendo seu fim.

Dick não demorou muito, mas durante sua ausência Israel ficou cochichando no ouvido de Silver. Consegui distinguir apenas umas poucas palavras, mas o que ouvi foi bem importante. Além de alguns outros pormenores do plano, pude escutar uma frase inteira: “Nenhum dos outros vai se aliar a nós”. Aquilo queria dizer que ainda restavam alguns homens leais a bordo.

Quando Dick voltou, a caneca foi passando de um para o outro.

— À sorte — foi o brinde de um.

— Ao velho Flint — respondeu outro, e Silver completou, quase cantarolando:

— Saúde e bonança, que a maré vá como veio. Que nossos bolsos e panças fiquem sempre cheios!

Nesse momento percebi uma claridade entrar pelo barril. Olhei para cima e vi que lua já ia alta e iluminava o topo do mastro principal e da vela de proa. Logo em seguida a voz do vigia ecoou:

— Terra à vista!

## 12.

### CONSELHO DE GUERRA

**H**ouve uma grande correria por todo o convés. Quando ouvi a confusão de pessoas vindo das cabines e do castelo de proa, aproveitei para saltar fora do barril. Como um raio contornei a vela principal e corri em direção à popa até chegar do outro lado do deque a tempo de encontrar Hunter e o dr. Livesey na amurada frontal.

Toda a tripulação já havia se reunido ali. Um nevoeiro surgiu quase ao mesmo tempo em que a lua apareceu. Ao longe, alguns quilômetros a sudoeste, podíamos ver duas colinas baixas, e atrás de uma delas outra ainda maior se erguia, com o pico ainda coberto pela névoa. Todas tinham um formato cônico e pontiagudo.

Foi tudo o que pude ver. Aquilo parecia um sonho, pois ainda não havia me recuperado do pavor de poucos minutos atrás. Foi quando ouvi as ordens do Capitão Smollett. O *Hispaniola* avançou a barlavento, seguindo o curso que nos levaria ao leste da ilha.

— Muito bem, homens! — gritou o capitão, depois que as velas foram manobradas. — Algum de vocês já esteve nesta ilha?

— Eu já, senhor — respondeu Silver. — Quando trabalhei em um navio mercante, paramos aí para pegar água.

— O ancoradouro fica ao sul, contornando uma ilhota, estou certo?

— Sim, senhor. Chamam de a Ilha do Esqueleto. Era bastante frequentada por piratas antigamente, e um marujo que navegava conosco conhecia bem todos os seus detalhes. Aquele monte ao norte é chamado de Colina do Mastro. Seguindo ao sul há três outras colinas enfileiradas. São chamadas de Traquete, Grande e Mezena, senhor. Mas a Grande, coberta pela névoa, também costumavam chamar de Luneta, porque ali deixavam um marujo de vigia enquanto a tripulação ficava lá embaixo no ancoradouro, limpando os navios. Era lá que ancoravam para limpar os navios, senhor, se me permite dizer.

— Estou com o mapa aqui — disse capitão Smollett. — Veja se o lugar é este.

Os olhos de Long John faiscaram quando segurou o mapa, mas pelo aspecto do papel, percebi que ele se frustraria. Não era o mapa que encontramos no baú de Billy Bones, e sim uma cópia idêntica — com todos os nomes, altitudes e profundidades — sem as cruces vermelhas e anotações. Por maior que fosse seu desapontamento, Silver teve a presença de espírito necessária para disfarçar.



— Sim, senhor — confirmou Silver. — O lugar é esse mesmo, sem dúvida, e muito bem traçado. Quem desenhou este mapa, senhor? Os piratas não teriam capacidade para isso, creio eu. Ah, sim, aqui está: Ancoradouro do Capitão Kidd. Era assim mesmo que meu companheiro de bordo chamava. Há uma forte corrente que contorna o lado sul, depois vira para o norte e passa pela praia a oeste. O senhor fez bem em seguir a barlavento para se aproximar da ilha. Se a intenção do senhor era ancorar e carenar o navio, não tem lugar melhor.

— Obrigado, marinheiro — disse o capitão Smollett. — Pedirei sua ajuda mais tarde. Dispensado.

Fiquei surpreso com a frieza de John ao admitir que conhecia a ilha, e também um pouco assustado quando o vi se aproximando de mim. Certamente ele não sabia que eu o escutara confabular, de dentro do barril de maçãs, com seus cúmplices. Mesmo assim sua crueldade, desfaçatez e influência sobre os homens me deixaram horrorizado, e mal pude conter um calafrio quando ele pousou sua mão sobre meu braço.

— Sim, senhor — ele me disse. — É um belo lugar, esta ilha. Um belo lugar para um rapaz desembarcar. Você vai poder se lavar no rio, trepar nas árvores, caçar umas cabras, você vai ver só. E vai se perder nessas colinas como se você mesmo fosse uma cabra. Ah, isso me rejuvenesce. Tinha até me esquecido da minha perna de pau. Que coisa boa é ser jovem e saudável, pode acreditar. Quando você

quiser sair para explorar um pouco, é só falar com o velho John aqui, que eu faço um lanchinho para você levar.

E com um tapinha no meu ombro, como se fosse o melhor dos meus amigos, saiu claudicando e desceu para a cozinha.

O capitão Smollett, o barão e o dr. Livesey conversavam no tombadilho, e mesmo aflito como eu estava para contar a eles o que sabia, não quis interrompê-los ali, tão abertamente. Enquanto ainda vasculhava minha mente à procura de um bom pretexto, o dr. Livesey me chamou para perto dele. Havia deixado seu cachimbo na cabine, e como era fumante inveterado, pediu que eu fosse buscá-lo. Assim que fiquei próximo dele o suficiente para não sermos ouvidos, disse:

— Doutor, preciso falar com o senhor. Vá com o capitão e o barão até a cabine, e invente algum motivo para mandar me chamarem. Tenho péssimas novidades.

Sua expressão se alterou levemente, mas logo se recompôs:

— Obrigado, Jim — disse em voz bem alta. — Era o que eu queria saber — como se tivesse me perguntado algo.

E com isso se virou e se juntou novamente aos outros dois. Conversaram brevemente e, mesmo que todos tenham se mantido impassíveis e com o tom de voz inalterado, estava claro que o dr. Livesey havia transmitido o meu pedido, pois logo em seguida o capitão deu uma

ordem a Job Anderson, para que toda a tripulação se reunisse no convés.

— Companheiros — começou capitão Smollett. — Quero dizer algumas palavras a vocês. Esta ilha que avistamos é o destino de nossa viagem. O sr. Trelawney, como generoso cavalheiro que é, me pediu algumas informações, e lhe respondi sem ressalvas que todos os homens a bordo cumpriram com seus deveres de maneira irretocável, superando minhas expectativas. E por isso ele, o doutor e eu desceremos à cabine para brindar à *sua* saúde e sorte, e *vocês* poderão beber e brindar à *nossa* saúde e sorte. Vou lhes dizer o que penso disso: acho formidável. E se vocês compartilham de minha opinião, deem um bom “viva”, à moda dos marinheiros, ao cavalheiro responsável por tudo isso.

Todos gritaram — o que era esperado, obviamente, mas o entusiasmo foi tanto que confesso que mal podia acreditar que aqueles mesmos homens conspiravam contra nós.

— Mais um viva para o capitão Smollett! — Long John gritou após a primeira salva.

E a segunda saudação também foi estrondosa.

Os três senhores desceram assim que os gritos cessaram, e pouco depois mandaram avisar que Jim Hawkins era esperado na cabine.

Encontrei os três à mesa, com uma garrafa de vinho espanhol e uma porção de passas. O doutor fumava sem

parar, com a peruca em seu colo. Eu sabia que aquilo era um sinal de nervosismo. Como a noite estava quente, a janela para a proa estava aberta e era possível ver o reflexo da lua nas ondas atrás do navio.

— Muito bem, Hawkins — disse o barão. — Você tem algo a nos dizer. Vamos ouvir.

Fiz o que era meu dever, e contei toda a conversa que Silver teve com seus comparsas, embora um pouco resumida. Ninguém me interrompeu, imóveis e com os olhos fixos em mim do começo ao fim do relato.

— Puxe uma cadeira, Jim — disse o dr. Livesey quando terminei.

Sentei-me com eles à mesa. Me serviram um copo de vinho e um punhado de passas. Todos os três, um após o outro, fizeram uma reverência e brindaram à minha saúde e em reconhecimento à minha sorte e coragem.

— Bem, capitão — o barão foi o primeiro a falar. — Você estava certo e eu errado. Reconheço que fui um idiota e aguardo suas ordens.

— Não foi mais idiota que eu, senhor — replicou o capitão. — Nunca conheci uma tripulação capaz de organizar um motim sem que um homem mais atento pudesse perceber algum sinal da trama e se prevenir. Mas esses... me enganaram direitinho.

— Capitão — o doutor interveio —, se me permite dizer, isso é obra de Silver. É um homem acima da média, sem dúvida.

— Pois ficaria melhor ainda no alto de uma forca, senhor — retrucou o capitão. — Mas essa conversa não leva a lugar nenhum. Vejo algumas questões aqui, e se o sr. Trelawney permitir, gostaria de expô-las.

— O senhor é o capitão. Tem todo o direito de falar abertamente — disse o sr. Trelawney com ar solene.

O capitão então prosseguiu:

— A primeira questão é: temos que continuar com o propósito da viagem, pois agora não há mais volta. Se eu der ordem para retornarmos, aí é que sem dúvida nos atacarão. A segunda questão: ainda temos algum tempo, pelo menos até o tesouro ser encontrado. E em terceiro lugar, ainda restam alguns homens leais. Mas é o seguinte, senhor, em algum momento o motim vai estourar, e minha proposta é que esperemos o momento certo de agir. Tudo na vida requer tempo e medida, como diz o ditado. Devemos esperar para pegá-los desprevenidos, quando menos esperarem. E imagino que possamos confiar em seus criados, não é, sr. Trelawney?

— Como se fossem eu mesmo — afirmou o barão.

— Eles são três — calculou o capitão. — Contando conosco e com Hawkins aqui, somos em sete. E os marinheiros leais?

— Provavelmente os homens que Trelawney contratou — apontou o doutor. — Aqueles que ele mesmo escolheu, antes de topar com Silver.

— Não — tornou o barão. — Hands também era um dos meus.

— Eu realmente pensei que Hands fosse confiável — acrescentou o capitão.

— E pensar que são todos ingleses! — o barão se exaltou. — Tenho ganas de explodir este navio.

— Bem, senhores — continuou o capitão —, o que vou dizer não ajuda muito. Devemos esperar e nos manter atentos, concordam? Não é fácil, eu sei. Seria melhor irmos às vias de fato, mas isso de nada adiantaria antes de sabermos quem está do nosso lado. É esperar e ver o que acontece. Essa é minha opinião.

— Jim pode ser de grande ajuda neste momento — disse o médico. — Além de ser observador, os marujos ficam à vontade perto dele.

— Jim, deposito uma grande fé em você — acrescentou o barão.

Ouvir aquilo me deixou desesperado, pois não me sentia nem um pouco à altura daquela responsabilidade. Ainda assim, por uma série de circunstâncias estranhas, nossa chance de salvação veio mesmo através de mim. Fosse como fosse, só podíamos confiar em apenas sete dos vinte e seis marinheiros a bordo. E um desses sete era apenas um menino, portanto eram seis homens de nós contra dezenove deles.

## **PARTE TRÊS**

### **AVENTURA EM TERRA FIRME**

## 13.

# COMO COMEÇOU MINHA AVENTURA NA ILHA

**Q**uando subi ao deque na manhã seguinte, a ilha tinha uma aparência completamente diferente. Embora já não houvesse mais brisa alguma, fizemos grande progresso durante a noite. Agora estávamos parados na calmaria, a cerca de meia milha a sudeste da costa oriental. Boa parte do terreno era coberto por bosques cinzentos. A coloração neutra era entrecortada pelo amarelo dos bancos de areia das zonas mais baixas, e pelas muitas árvores da família dos pinheiros que se elevavam acima do bosque — algumas solitárias, outras agrupadas. De maneira geral, tudo tinha uma cor uniforme e triste. Os montes eram claramente visíveis acima da vegetação, como campanários de rocha nua. Todos tinham formatos estranhos. A Colina da Luneta, a mais alta da ilha, com cerca de cem metros de altitude, apresentava a configuração mais exótica: era íngreme por todos os lados, cortada bruscamente no cume, como um pedestal de estátua.

O *Hispaniola* balançava ao sabor das ondas, com a água entrando e saindo pelos embornais. As cordas chiavam nas roldanas e o leme batia de um lado para o



outro. Todo o navio rangia, estalava e tremia como uma fábrica. Tive de segurar firme num dos cabos do mastro quando tudo pareceu girar à minha volta, pois embora eu fosse um marinheiro razoável com o navio estável em alto mar, ainda não havia me acostumado àquela sensação de ser jogado de um lado para o outro, ainda mais logo pela manhã, de estômago vazio.

Talvez tenha sido por isso, ou pelo aspecto da ilha, com seus bosques melancólicos, rudes torres de pedra e as ondas que se formavam e se chocavam nas praias inóspitas. Só sei que embora o sol brilhasse, claro e quente, as aves mergulhassem e gritassem à nossa volta, e que fosse esperado que alguém se sentisse feliz ao encontrar terra firme depois de tanto tempo no mar, meu coração estava na garganta. Desde que botei os olhos na Ilha do Tesouro, odiei cada centímetro dela.

Teríamos uma dura manhã de trabalho pela frente, pois como não havia nenhum vento, os marinheiros tiveram que sair em botes para puxar o navio por umas três ou quatro milhas margeando o cabo, até conseguirmos passar pelo estreito canal que dava acesso ao ancoradouro atrás da Ilha do Esqueleto. Fui como voluntário em um dos botes, embora, como é de se supor, não havia muito o que eu pudesse fazer. O calor estava escaldante e os homens trabalhavam praguejando sem parar. Anderson, no comando de nosso bote, em vez de tentar organizar o

trabalho, contribuía com impróprios ainda piores e mais altos.

— Bom — disse depois de um palavrão —, uma hora isto acaba.

Considerarei aquilo um mau sinal, pois até aquele dia os homens trabalhavam arduamente e de bom grado. Ao avistarem a ilha sua disciplina se afrouxou.

Durante todo o percurso, Long John ficou ao lado do timoneiro, guiando a manobra. Conhecia a passagem como a palma de sua mão, e embora o encarregado de medir a profundidade sempre encontrasse mais água que o esperado, John se manteve impassível.

— A maré vazante está puxando muito — disse Long John. — Parece que esta passagem foi esculpida à mão.

Lançamos a âncora no exato local em que o mapa indicava, a meia distância entre a ilha maior e a do Esqueleto. As margens eram de areia lisa. O mergulho da âncora causou uma revoada de pássaros que circularam ruidosamente sobre as copas das árvores, mas em menos de um minuto se acalmaram e tudo mergulhou de novo no silêncio.

O local era completamente resguardado por um bosque cerrado, e dava para ver as marcas da maré cheia nos troncos das primeiras árvores. As margens eram planas em sua maior parte, e os topos das colinas se erguiam ao longe, aqui e ali, formando um estranho anfiteatro. Dois riachos desaguavam em um pântano, na falta de melhor

descrição, e a folhagem ao redor desse trecho da enseada parecia ter um brilho quase tóxico. Olhando do navio, não era possível ver nem a cabana nem a paliçada, ocultas pelo arvoredo. Não fosse pelo mapa, poderíamos pensar que éramos os primeiros a encontrar aquela ilha desde o início dos tempos.

O ar estava completamente parado. Não havia nenhum som além das ondas quebrando nas praias e contra os rochedos mais além. Um odor estranho e pungente pairava sobre o ancoradouro — cheiro de substrato de folhas encharcadas e troncos podres. Notei o doutor inspirando fundo algumas vezes, com uma careta de quem prova um ovo podre.

— Se o tesouro está aqui, eu não sei — disse ele. — Mas aposto minha peruca que nesse pântano tem malária.

Se nos botes o comportamento dos homens já era alarmante, tornou-se realmente ameaçador quando voltaram a bordo. Deitaram-se espalhados pelo convés, murmurando uns com os outros. A ordem mais insignificante era recebida com expressões de contrariedade e cumprida com evidente má vontade. Essa atitude contagiou até os homens leais, pois ninguém fazia o menor esforço para melhorar os ânimos. Como uma tempestade se anunciando, estava muito claro que um motim pairava sobre nós.

O perigo era evidente não só para nós da cabine superior. Long John ia de grupo em grupo realizando

tarefas e distribuindo conselhos, portando-se como o melhor dos homens. Fez o máximo que pôde para demonstrar boa vontade e disposição; era todo sorrisos. Quando uma ordem era dada, se empertigava em sua muleta e respondia com um amigável “Sim, senhor!”. Quando não tinha mais o que fazer, cantava uma canção atrás da outra, tentando disfarçar o descontentamento da tripulação.

De todos os sinais sombrios daquela tarde pesada, a óbvia inquietude de Long John era o pior.

Reunimos nosso conselho na cabine.

— Senhor — começou o capitão —, se eu der mais uma ordem que seja, a tripulação toda cai sobre nós. O senhor já percebeu como as coisas estão. Estou recebendo respostas atravessadas. Se eu tentar retrucar, nos atacam imediatamente. Se eu fizer vista grossa, Silver perceberá que tem algo estranho e o motim começa do mesmo jeito. Nosso destino está nas mãos de apenas um homem.

— E que homem é esse? — perguntou o barão.

— O próprio Silver, senhor — tornou o capitão. — Ele está tão ansioso quanto nós para que as coisas se acalmem. A discordância no grupo é evidente. Se Silver tiver a oportunidade, conseguirá dissuadi-los, e proponho justamente dar essa chance a ele. Vamos permitir que tirem uma tarde de folga na ilha. Se aceitarem, tomamos o navio e usamos as armas para nos defender. Caso se recusem, então nos entrincheiramos na cabine e seja o que

Deus quiser. No caso de irem apenas alguns, pode estar certo de que Silver os trará de volta dóceis como cordeirinhos.

E assim foi feito. Aos homens de confiança foram dadas pistolas. Hunter, Joyce e Redruth foram postos a par da situação, e receberam a notícia com menos alarme e mais coragem do que esperávamos. O capitão então foi ao convés e se dirigiu à tripulação.

— Rapazes! — disse o capitão. — Tivemos um dia estafante e estamos todos exaustos e de mau humor. Um passeio na terra não fará mal a ninguém. Os botes já estão na água, quem quiser pode passar a tarde na ilha. Darei um tiro de aviso meia hora antes do pôr do sol.

Creio que os mais tolos devem ter pensado que tropeçariam no tesouro tão logo pisassem em terra, pois se alegraram no mesmo instante, com vivas que ecoaram nos morros e fizeram a passarada novamente se levantar aos gritos e sobrevoar o ancoradouro.

O capitão teve a astúcia de não ficar por ali. Sumiu logo da vista de todos, deixando a excursão a cargo de Silver — e penso que fez muito bem. Se tivesse continuado no convés, seria impossível fingir que não sabia o que se passava. Estava claro como o dia. Silver era o real capitão de uma tripulação pronta a se rebelar. Os homens leais — e logo eu teria a prova de que ainda restavam alguns a bordo — deviam ser um tanto estúpidos. Ou melhor, suponho que a verdade é que todos os marinheiros estavam

descontentes com a conduta dos líderes do motim, uns mais, outro menos. Alguns poucos, sendo verdadeiramente íntegros, não podiam ser convencidos nem corrompidos. Uma coisa é ser preguiçoso ou dissimulado, outra bem diferente é tomar um navio e assassinar inocentes.

O grupo finalmente se dividiu. Seis marujos ficariam a bordo, e os treze restantes, incluindo Silver, começaram a tomar os botes.

Foi então que me veio à mente a primeira das ideias ousadas que acabariam nos salvando. Se Silver havia deixado seis homens a bordo, estava claro que não conseguiríamos tomar e defender o navio. Mas como eram apenas seis, os homens do barão não precisariam de minha ajuda para proteger a cabine. Logo, decidi também ir à ilha. Em uma fração de segundo, escorreguei pelo cabo da amurada e me encolhi sob as lonas de um dos botes, quase no mesmo instante em que ele partia.

Ninguém notou minha presença, exceto pelo remador na proa, que disse:

— É você, Jim? Fique de cabeça baixa.

Silver, que estava em outro bote, virou seus olhos atentos para nós e perguntou se era eu que estava ali. Naquele momento me arrependi do que tinha feito.

Cada bote tentava chegar à praia primeiro, mas o nosso havia saído com alguma vantagem, sendo ao mesmo tempo o mais leve e o mais bem manobrado. Chegamos bem à frente dos outros. Assim que o barco parou entre as

árvores da margem, agarrei um galho, saltei e corri até me embrenhar na mata. Silver e o restante estavam ainda a uns cem metros atrás de nós.

— Jim! Jim! — pude ouvi-lo gritar.

Como é de se imaginar, não lhe dei atenção. Continuei correndo, pulando e me esgueirando pela mata até ficar sem forças.

## 14.

# O PRIMEIRO ATAQUE

**F**iquei tão aliviado por ter fugido de Long John que relaxei e comecei a apreciar a paisagem à minha volta, fascinado pela terra estranha onde me encontrava.

Em minha corrida, atravessei um terreno pantanoso cheio de salgueiros, juncos, árvores exóticas e bizarras que se erguiam das zonas alagadas. À minha frente abria-se uma clareira arenosa e irregular, de cerca de um quilômetro e meio. Havia alguns pinheiros e diversas árvores de tronco retorcido, parecidas com carvalhos, mas de folhagem clara como salgueiros. Ao fundo da clareira erguia-se um dos montes e seus dois estranhos picos escarpados brilhavam ao sol.

Pela primeira vez pude sentir o encantamento da exploração. A ilha era desabitada, a tripulação havia ficado para trás e não havia nenhum ser vivo à minha frente a não ser aves e animais selvagens inofensivos. Perambulei por entre as árvores. Em alguns lugares cresciam plantas com flores que eu desconhecia. De vez em quando encontrava uma cobra, e uma delas, oculta na fenda de uma pedra, ergueu sua cabeça e sibilou para mim como um pião rodando. Mal sabia eu que se tratava de uma mortífera cascavel, e que o ruído vinha do guizo em sua cauda.



Em seguida cheguei a um extenso bosque das tais árvores parecidas com carvalhos — vim a saber depois que se chamavam azinheiras —, que cresciam pelo terreno arenoso e tinham galhos caprichosamente retorcidos e folhagem espessa. O bosque se estendia desde o topo de uma duna, crescendo e alargando-se até alcançar o brejo salpicado de juncos no qual um dos riachos desaguava até chegar à enseada. O brejo exalava vapores com o sol forte, e em meio à névoa era possível ver a silhueta da Colina da Luneta.

De repente começou um alvoroço entre os juncos: um pato selvagem levantou voo grasnando, seguido por outro e mais outro, até que se ergueu uma grande nuvem de pássaros sobrevoando o brejo aos gritos. Na hora compreendi que deviam ser os marujos se aproximando pelas margens. Tive logo a confirmação, pois em seguida ouvi suas vozes ao longe. Apurei o ouvido e percebi que se aproximavam.

Tomado de pânico, rastejei para debaixo dos galhos de um carvalho e ali fiquei agachado, aflito e sem fazer qualquer barulho.

Reconheci a voz de Silver conversando com outro homem. Ele contava uma longa história e de vez em quando seu companheiro o interrompia. Pela entonação, a conversa estava animada, quase agressiva, mas não consegui distinguir uma só palavra.

Aparentemente fizeram uma pausa, e talvez até tivessem se sentado, pois não só deixaram de se aproximar, como os pássaros também se acalmaram e voltaram a pousar pelo pântano.

Foi quando senti que estava desperdiçando uma oportunidade, pois se já havia sido imprudente ao ponto de vir à ilha com aqueles criminosos, podia ao menos tentar ouvir o que diziam. O mínimo a fazer seria me aproximar tanto quanto possível, protegido pela copa baixa das árvores.

Identifiquei claramente onde estavam, não apenas pelo som das vozes, mas porque alguns pássaros alarmados ainda sobrevoavam os intrusos.

Engatinhei até eles com facilidade, mas devagar, e quando pude enfim olhar por uma abertura entre os galhos, avistei um pequeno vale gramado às margens do pântano, resguardado pelas árvores, onde Long John Silver e outro homem da tripulação conversavam frente a frente.

O sol os acertava em cheio. Silver havia deixado seu chapéu no chão e olhava para o outro com uma expressão de apelo em sua grande face rosada e brilhante de suor.

— Companheiro — ele dizia —, é só porque tenho muita consideração por você. Muita consideração, pode acreditar! Se eu não confiasse em você, acha que estaria te avisando? Já está tudo arranjado, não tem mais volta. Só estou te contando isso para salvar seu pescoço. Se algum daqueles vagabundos soubesse que estou fazendo isso, o

que você acha que aconteceria comigo, Tom? Me diga, o quê?

— Silver — respondeu o outro homem com uma voz rouca e trêmula, e notei que sua face também estava avermelhada. — Silver, você já é mais velho e é honesto, ou pelo menos é o que dizem. Além disso, você tem dinheiro, não é nenhum marujo pobretão. A não ser que eu esteja enganado, é um homem valente. Está me dizendo que vai se deixar levar por essa laia? Logo você? Deus é minha testemunha, prefiro perder uma mão a fazer parte disso. Não posso faltar com meu dever de...

Tom foi subitamente interrompido por um ruído. Eu acabava de descobrir um dos homens leais — no mesmo momento, ouvia sinais de outro. No pântano, a uma boa distância, ouviu-se o que pareceu um grito de raiva, seguido de outro. Então um berro horrível e longo ecoou diversas vezes pela Colina da Luneta. Novamente a passarada do brejo se levantou num rodopio que escureceu o céu. Aquele grito mortal ainda latejou em minha cabeça por um bom tempo depois do silêncio se reestabelecer, quando apenas o adejar dos pássaros e o distante rumor das ondas perturbavam a languidez da tarde.

O barulho fez Tom saltar de susto como um cavalo atijado, mas Silver sequer piscou. Permaneceu imóvel, acomodado em sua muleta e os olhos fixos em seu companheiro, como uma cobra prestes a dar o bote.

— John! — exclamou o marinheiro, estendendo-lhe a mão.

— Para trás! — disse Silver, afastando-se com um salto que me pareceu tão ágil quanto o de um atleta.

— Como quiser, John Silver — tornou o outro. — É o peso em sua consciência que o faz se assustar assim. Mas em nome de Deus, o que foi aquilo?

— Ah, aquilo? — retrucou Silver com um sorriso largo, porém mais cauteloso que nunca. Seus olhos apertados brilhavam como contas de vidro em sua grande face. — Aquilo? Imagino que tenha sido Alan.

Tom reagiu com a bravura de um herói.

— Alan! — gritou. — Que Deus receba sua alma de bom marinheiro. Quanto a você, John Silver, por muito tempo te considerei um amigo, mas não mais. Se me matarem como um cão, morrerei cumprindo meu dever. Você matou Alan, não foi? Pois me mate também, se tiver coragem. Duvido que seja capaz.

E com isso o valente marujo deu as costas para o cozinheiro e começou a caminhar de volta para a praia. Não iria muito longe, porém. Com um rugido, John agarrou-se ao galho de uma árvore e atirou sua muleta, que riscou o ar como um dardo. A ponta do inusitado projétil atingiu Tom entre os ombros com uma força impressionante. O marujo ergueu os braços, soltou o ar numa espécie de soluço e caiu.

Era impossível saber a gravidade do ferimento. A julgar pelo som que fizera, sua espinha deve ter se partido no mesmo instante, porém Tom não teve tempo de se recuperar. Silver, ágil com um macaco mesmo sem sua muleta, já estava sobre ele no momento seguinte, e cravou sua faca duas vezes no corpo inerte do marujo. De meu esconderijo pude ouvi-lo grunhir com o esforço dos golpes.

Eu não sei ao certo como é desmaiar, mas sei que nos instantes seguintes senti como se estivesse envolto em uma névoa estranha que fazia tudo girar. Silver, os pássaros, o topo da Colina da Luneta, tudo rodopiava diante dos meus olhos, e uma confusão de vozes e sinos reverberava em meus ouvidos.

Quando voltei a mim, o monstro já estava recomposto, com sua muleta debaixo do braço e o chapéu sobre a cabeça. À sua frente, Tom jazia imóvel. Sem lhe dar atenção, o assassino limpava calmamente o sangue de sua faca na grama. Tudo continuava igual, o sol brilhava inclemente sobre o brejo fumegante e o topo da colina. Eu mal podia acreditar que havia acabado de presenciar um assassinato, que momentos antes uma vida havia sido interrompida brutalmente bem diante dos meus olhos.

John retirou um apito do bolso e soprou uma série de silvos que atravessaram o ar escaldante. Obviamente não entendi aquele sinal, mas fui imediatamente tomado pelo pânico. Outros homens chegariam. Talvez me encontrassem ali. Já haviam assassinado dois homens

honestos. Se mataram Tom e Alan, por que não me matariam?

Comecei a rastejar no mesmo instante, da forma mais rápida e silenciosa que podia, tentando voltar para a parte aberta do bosque. Ouvia ainda os gritos entre o velho pirata e seus companheiros, o que me fez voar. Assim que saí da mata, corri como nunca, sem me preocupar para onde ia, desde que fosse para longe dos assassinos. Em minha fuga, o medo crescia cada vez mais dentro de mim, até se tornar uma espécie de transe.

Não poderia estar mais perdido. Quando fosse disparado o tiro de aviso para retornar ao navio, como eu poderia reencontrar aqueles criminosos ainda com sangue nas mãos? Não torceriam meu pescoço como se faz a uma galinha assim que me vissem? E minha ausência não seria a prova de que eu sabia de seus crimes, o que também selava meu destino? Estava tudo acabado, pensei. Adeus, *Hispaniola*. Adeus, barão, doutor e capitão! Só me restava morrer de fome ou pelas mãos dos amotinados.

Como eu disse, pensava nisso tudo enquanto corria, e sem perceber estava já próximo ao pé da pequena colina de dois picos, onde as azinheiras cresciam mais espaçadas e tinham o aspecto e tamanho de árvores de floresta. Em meio a elas havia alguns pinheiros dispersos, de quatro a cinco metros de altura. O ar também era diferente, mais fresco do que no charco.

Foi quando um novo susto me paralisou e  
descompassou meu coração.

## 15.

### O HOMEM DA ILHA

**A**quela parte da encosta era íngreme e rochosa. Do alto rolaram algumas pedras que ricochetearam ruidosamente entre as árvores. Olhei instintivamente para cima e vi um vulto saltando com grande rapidez para detrás de um pinheiro. Se era um urso, um macaco ou um homem, não consegui identificar. Parecia escuro e peludo, foi só o que pude ver. O terror dessa nova aparição me deixou imóvel.

Ao que tudo indicava, eu estava cercado. Atrás de mim os assassinos, à minha frente um ser desconhecido à espreita. Então preferi enfrentar os perigos que eu já conhecia, em vez daquele novo. O próprio Silver agora parecia menos terrível se comparado àquela criatura da floresta. Dei meia volta e, sem deixar de olhar para trás, retomei o caminho pelo qual viera, que me levaria de volta aos botes.

O vulto surgiu novamente e, dando a volta pela lateral, passou à minha frente. É verdade que eu estava cansado, mas me dei conta de que mesmo que eu tivesse acabado de acordar não seria páreo para aquele adversário. A criatura deslizava por entre os troncos com a agilidade de uma gazela, mas corria em duas pernas como um homem. Porém, ao contrário de qualquer homem que eu já



tinha visto, dobrava-se quase ao meio enquanto corria. Ainda assim era um homem, já não restava dúvidas.

Me lembrei do que já tinha ouvido sobre canibais. Estava a ponto de gritar por socorro, mas a constatação de que se tratava simplesmente de um homem, mesmo que fosse um selvagem, me tranquilizou. E o medo que eu sentia de Silver cresceu novamente. Paralisado, tentava encontrar uma rota de fuga quando me lembrei de minha pistola. Sem a sensação de vulnerabilidade completa, a coragem reacendeu meu espírito. Decidido, me volvei e caminhei rumo ao homem da ilha a passos firmes.

Ele já se escondera atrás de outro tronco, mas creio que não tirou os olhos de mim, pois assim que comecei a caminhar em sua direção, reapareceu e começou a se aproximar. Então hesitou, deu alguns passos para trás, avançou novamente, e por fim, para meu espanto e confusão, caiu de joelhos e juntou as mãos em súplica.

Ao ver aquilo, parei novamente.

— Quem é você? — perguntei.

— Ben Gunn — me respondeu com uma voz áspera e desajeitada que soou como uma fechadura enferrujada. — Sou o pobre Ben Gunn, sou sim. Não falo com um cristão<sup>4</sup> há três anos.

Foi quando percebi que se tratava de um homem branco como eu, com feições até que apresentáveis. Sua pele, onde era possível vê-la, estava bastante queimada do sol. Até seus lábios eram escuros, e seus olhos claros

destoavam em uma face tão bronzeada. De todos os mendigos que eu já havia visto ou imaginado, ele era o mais maltrapilho e desgrenhado. Vestia um traje feito de retalhos de velas e lonas de navio atados com os mais estranhos fechos: rebites de latão, lascas de madeira e retalhos de tecido. Um cinturão velho com fivela de latão era a única peça inteira em sua rudimentar vestimenta.

— Três anos! — exclamei. — O senhor naufragou?

— Não, companheiro — respondeu ele. — Fui exilado.

Eu já havia ouvido aquela palavra, e sabia que era um castigo terrível praticado pelos piratas, no qual o condenado era deixado em uma ilha deserta e distante, apenas com uma arma e um pouco de munição.

— Fui exilado há três anos — continuou. — Sobrevivi à base de carne de cabra, frutas silvestres e ostras. É o que eu digo, um homem tem que se virar onde quer que esteja. Mas rapaz, você não faz ideia da vontade que estou de um pouco de comida cristã. Por acaso você não teria um bocadinho de queijo aí com você, não é? Não? Eu sempre sonho que estou comendo queijo — quase sempre tostado — mas aí acordo e estou aqui, na ilha.

— Se eu conseguir voltar a bordo, te dou todo o queijo você puder comer — prometi.

Durante toda a conversa ele apalpava meu casaco, tocava minhas mãos e admirava minhas botas. Quando não estava falando, aparentava uma alegria infantil por

estar na presença de outro ser humano. Mas ao ouvir minhas últimas palavras, sobressaltou-se, assustado.

— Como assim, se você conseguir voltar a bordo? — repetiu. — Quem te impediria?

— Não estava me referindo a você — me apressei em dizer.

— Nisso você está certo! Então você... Mas como é mesmo seu nome, companheiro?

— Jim.

— Jim, Jim — repetiu alegremente. — Sabe, Jim, tive uma vida tão dura que você ficaria constrangido só de ouvir. Por exemplo, olhando para mim agora, você não diria que minha mãe era uma santa, não é?

— Bem, não necessariamente — respondi.

— Pois é — continuou —, mas era mesmo. E eu era um menino bem-educado e muito devoto, podia recitar o evangelho tão rápido que mal se distinguiam as palavras. E me tornei isto, Jim. Tudo começou quando me meti a jogar e a apostar. Jogávamos moedas nas lápides atrás da igreja, veja você! Foi como começou, mas não parou por aí. E minha mãe bem que me avisou, ela previu tudo, aquela santa! Mas foi a divina providência que me colocou aqui. Tive tempo de repensar toda a minha vida aqui, sozinho nesta ilha, e voltei a ser devoto. Já quase não bebo mais rum. Quer dizer, só um dedinho para brindar, quando eu tiver a oportunidade. Estou decidido a ser um homem bom,

e sei como fazer isso. E tem outra coisa, Jim — olhou para os lados e baixou a voz —, eu sou rico.

Ao ouvir aquilo, tive certeza de que o pobre coitado havia enlouquecido em sua solidão, e ele deve ter percebido pela minha expressão, pois repetiu categoricamente:

— Rico! Rico, estou dizendo! E digo mais: vou fazer de você um homem. Ah, Jim, que sorte a sua ter sido o primeiro a me encontrar.

Após dizer aquilo, foi como se uma sombra passasse por seu rosto. Apertou ainda mais minha mão e me apontou o dedo ameaçadoramente.

— Mas me diga a verdade, Jim: aquele não é o navio do Flint, é?

Aquela pergunta acendeu uma ideia em minha mente. Julguei ter encontrado um aliado, e prontamente respondi:

— Não é o navio do Flint, pois ele está morto. Mas te direi a verdade, já que me pediu: infelizmente para nós, alguns homens da antiga tripulação do Flint estão a bordo.

— Não me diga que também está um homem... com uma perna só? — perguntou, quase perdendo o fôlego.

— Silver?

— Silver! Esse mesmo.

— Ele é o cozinheiro de bordo, e é quem está encabeçando o motim.

Ele ainda agarrava meu pulso e, ao ouvir aquilo, quase o torceu.

— Se foi Long John que te mandou aqui — disse ele —, eu sou um homem morto. Mas o que você acha que vai acontecer com vocês?

Naquele instante decidi revelar tudo a ele, e lhe contei a história de nossa viagem e os apuros em que nos encontrávamos. Ele ouviu com grande interesse e me deu um tapinha na cabeça quando terminei meu relato.

— Você é um bom rapaz, Jim, e vocês estão em uma enrascada, não é? Bem, pode deixar que o Ben Gunn vai dar um jeito. Ben Gunn caiu do céu para vocês. Mas me diga, você acha que esse barão seria generoso com quem o ajudasse... já que ele está em apuros, como você mencionou?

Disse a ele que o barão era o homem mais generoso que eu conhecia.

— Mas entenda uma coisa — continuou Ben Gunn. — Não estou dizendo que quero que ele me dê um emprego de estalajadeiro, condutor de carruagem, nem nada disso. Isso não me interessa, Jim. Quero saber se ele me deixaria ficar com umas mil libras de um tesouro que, no final das contas, já é meu.

— Tenho certeza que sim — respondi. — Afinal, o tesouro seria dividido entre os marinheiros.

— E me levaria para casa também? — acrescentou com perspicácia.

— Ora, o barão é um cavalheiro! — exclamei. — Além disso, se nos livrarmos dos bandidos, precisaremos da sua ajuda para conduzir o navio de volta.

— Ah, sim — tornou ele. — Precisarão mesmo.

Ben Gunn pareceu mais aliviado, e continuou:

— Então é o seguinte. Só vou contar isso, e mais nada. Eu estava no navio de Flint quando ele enterrou o tesouro. Ele e mais seis marujos dos bravos. Ficaram na ilha por quase uma semana, enquanto o restante de nós esperou no velho *Walrus*, ancorado na costa. Um belo dia finalmente deram o sinal e o Flint apareceu sozinho em um bote, com a cabeça enrolada em um lenço azul. O sol estava nascendo, e ele estava tão pálido que parecia um cadáver vindo sobre as águas. Voltou sozinho. Os seis marujos estavam mortos e enterrados. Como ele fez aquilo, nenhum homem a bordo conseguiu entender. Se foi luta, assassinato, morte súbita... afinal, era um contra seis. O imediato era Billy Bones e o contramestre era Long John. Perguntaram sobre o tesouro. “Quem quiser, pode ficar na ilha e procurar. Este navio vai atrás de mais ouro!”, foi o que ele disse.

“Bom, e três anos atrás eu trabalhava em outro navio quando avistamos esta ilha. ‘Rapazes, o tesouro de Flint está aqui. Vamos ancorar e encontrá-lo’, eu disse. O capitão não gostou nada da ideia, mas a tripulação foi unânime e ancoramos. Procuramos por doze dias, e a cada dia ficavam mais zangados comigo, até que uma manhã

decidiram voltar a bordo. ‘Quanto a você, Ben Gunn’, me disseram, ‘toma aqui um mosquete’, disseram, ‘uma pá e uma picareta. Pode ficar e procurar o tesouro do Flint sozinho’, foi o que disseram.

“Bom, Jim, e daí estou aqui há três anos. Desde então não sei o que é um prato de comida cristã. Mas veja, olhe para mim. Eu tenho cara de marujo de convés? Não, certo? E não sou mesmo, isso eu te digo.”

Fez uma pausa, piscou e beliscou-me com força.

— É só você dizer essas palavras para o barão, Jim — continuou. — “Ele não é nenhum marujo de convés”, é só dizer isso. “Ele ficou sozinho na ilha por três anos, dia e noite, com sol e chuva, e de vez em quando ele rezava”, você diz, “de vez em quando ele pensava na mãezinha dele, como se ela ainda estivesse viva”, você diz, “mas na maior parte do tempo ele estava ocupado com outra coisa”, é isso o que você vai dizer. Daí você dá um beliscão nele, desse jeito.

E me beliscou novamente, com uma expressão de cumplicidade.

— Então — continuou — você diz para ele, muito sério: “Gunn é um homem de bem”, você diz, “e ele valoriza muito mais, muito mais, um cavalheiro bem-nascido do que esses que se intitulam senhores da própria sorte, visto que ele mesmo foi um deles.”

— Não entendi nada do que você disse — respondi. —, mas isso não vem ao caso. Ainda não sei como vou conseguir voltar a bordo.

— Ah, sim, essa é a questão, sem dúvida — concordou. — Temos o meu barquinho, que eu fiz com minhas próprias mãos. Eu o deixo ali embaixo daquela pedra branca. Na pior das hipóteses, podemos tentar usá-lo depois que escurecer. Epa! — assustou-se. — O que foi isso?

Naquele momento, embora ainda faltassem uma ou duas horas para anoitecer, o estrondo de um canhão ecoou por toda a ilha.

— Começou a luta! — gritei. — Venha comigo!

Esqueci todos os meus medos e comecei a correr em direção ao ancoradouro. O maltrapilho trotava ao meu lado sem o menor esforço.

— Para a esquerda, para a esquerda! — o exilado me guiava. — Pegue a trilha à esquerda, companheiro! Passe por debaixo das árvores! Foi aqui que matei minha primeira cabra. Agora elas não ficam mais aqui, ficam todas amontoadas nos picos das montanhas, porque têm medo do Benjamin Gunn. Ah, e ali é o *cetimério*.

Provavelmente quis dizer “cemitério”.

— Está vendo esses morros? Às vezes eu vinha aqui rezar, quando eu achava que era domingo ou algum dia santo. Não é igual a uma capela, mas tem alguma coisa de solene. Você bem vê que Ben Gunn estava desamparado... sem padre, nem bíblia, nem sequer uma imagem santa.



E continuava falando ao meu lado enquanto corríamos, sem esperar nem receber resposta.

Após um longo intervalo, o tiro de canhão foi seguido por uma descarga de armas menores.

Outra pausa, e então, a menos de trezentos metros, vi a bandeira britânica tremulando sobre o bosque.

**PARTE QUATRO**  
**A PALIÇADA**

## 16.

# RELATO DO DR. LIVESEY: COMO O NAVIO FOI ABANDONADO

**P**assava um pouco da uma e meia — três badaladas do sino, em código náutico — quando os dois botes deixaram o *Hispaniola* em direção à ilha. Eu, o capitão e o barão ficamos na cabine discutindo. Se houvesse um mínimo de vento a nosso favor, atacaríamos os seis amotinados que restaram a bordo, levantaríamos âncora e nos lançaríamos ao mar. No entanto, o vento deixava a desejar e, para completar nosso desamparo, Hunter veio nos avisar que Jim Hawkins havia pulado em um dos botes e ido para a ilha junto com a tripulação.

Nunca nos passou pela cabeça duvidar da honestidade de Jim Hawkins, mas temíamos por sua segurança. Considerando os ânimos em que os homens estavam, era pouco provável que o víssemos com vida novamente. Descemos ao convés. Com o calor, o piche das juntas do tablado borbulhava, e o odor me revirou o estômago. Se alguma vez já foi possível reconhecer malária ou disenteria pelo cheiro, era o caso daquele abominável ancoradouro. Os seis canalhas estavam sentados sob a vela do castelo de proa, murmurando. Era possível ver os botes amarrados na costa, junto à desembocadura do rio, cada qual com um

homem sentado. Um deles assobiava a melodia de *Lillibullero*.<sup>5</sup>

A espera era torturante, portanto decidimos que Hunter e eu tomaríamos a canoa de apoio até a ilha, em busca de informações.

Os botes estavam atracados à direita, mas Hunter e eu avançamos em direção à paliçada, conforme o mapa indicava. Os dois vigias se assustaram com nossa chegada. A *Lillibullero* cessou abruptamente e vi a dupla discutindo sobre o que fazer. Caso tivessem decidido ir atrás de Silver e avisá-lo de nossa incursão, as coisas tomariam um rumo diferente. No entanto, imagino que tinham ordens para não sair dali, por isso permaneceram onde estavam e voltaram à canção.

O rio fazia uma ligeira curva após a costa. Manobrei o barco de modo a ficar oculto por ela. Saímos da vista dos botes mesmo antes de tocarmos a terra. Tão logo saltei da canoa, me pus a caminhar o mais rápido que podia. Sob meu chapéu usava um lenço de seda para amainar o calor e levava um par de pistolas para minha proteção.

Não precisei andar nem cem metros para chegar à paliçada.

Descrevo-a a seguir: uma nascente brotava de uma elevação de terra. Sobre essa elevação, logo atrás da fonte, construíram uma cabana robusta feita com toras de madeira, capaz de abrigar cerca de quarenta homens. Em cada uma das paredes havia uma seteira de onde se podia

atirar com mosquetes. Uma clareira foi aberta ao redor, que por sua vez foi cercada por uma paliçada de cerca de dois metros de altura. Não havia nenhuma passagem, e a estrutura era forte o suficiente para impedir ataques furtivos. Além disso, a clareira era bem aberta e deixaria qualquer invasor facilmente exposto. As pessoas que se abrigassem ali teriam todas as vantagens: um abrigo seguro de onde era possível atirar nos inimigos como se fossem patos. Seriam necessários apenas mantimentos e uma boa vigilância, pois exceto em casos de ataque surpresa, poderiam muito bem resistir a um regimento.

O que mais me admirou foi a nascente. Apesar de nossa cabine no *Hispaniola* ser bastante satisfatória, com muitas armas, munição e comida (além dos excelentes vinhos), havíamos nos esquecido de uma coisa: água. Estava pensando nisso quando ressoou pela ilha o grito de um homem sendo morto. Assassinatos não eram nenhuma novidade para mim — servi o exército sob as ordens de sua alteza real, o Duque de Cumberland, e fui ferido na batalha de Fontenoy, na Bélgica. No entanto, naquele momento meu coração parou. “Mataram Jim Hawkins”, foi a primeira coisa que pensei.

Uma coisa é ter sido soldado, outra bem diferente é ser médico. Não há tempo para hesitações nessa profissão. Assim, sem perder tempo, corri de volta à costa e saltei para a canoa.

Por sorte, Hunter era um bom remador. Singramos as águas sem demora e eu logo estava novamente a bordo de nossa escuna.

Como era de se esperar, encontrei todos muito nervosos. O barão estava sentado, pálido como um fantasma, preocupado com a situação perigosa em que havia nos colocado. Que alma boa! E um dos homens no castelo de proa não estava muito melhor.

— Aquele homem ali — disse o capitão Smollett, apontando com a cabeça — é um marinheiro novato. Quando ouviu o grito ficou a ponto de desmaiar. Acredito que com um pouco de tato ele se junta a nós.

Contei meu plano ao capitão, e junto definimos os detalhes para levá-lo a cabo.

Colocamos o velho Redruth na galeria entre a cabine e o castelo de proa, equipado com três ou quatro mosquetes e um colchão para se proteger. Hunter levou um dos botes até o portaló, e Joyce e eu o carregamos com pólvora, mosquetes, biscoitos, carne de porco, uma barrica de conhaque e minha imprescindível maleta de remédios e utensílios médicos.

Enquanto isso, o barão e o capitão ficaram no deque. Smollett chamou o timoneiro, o mais alto na hierarquia dos que haviam ficado a bordo.

— Sr. Hands — declarou o capitão —, estamos armados com duas pistolas cada um. Qualquer movimento e vocês seis serão mortos imediatamente.

Os homens recuaram, apreensivos. Após confabularem brevemente, todos desceram ao porão da proa. Sem dúvida queriam dar a volta por baixo do navio e nos atacar pelas costas. Mas quando deram com Redruth à espera deles na galeria, voltaram correndo, e uma cabeça surgiu na abertura do convés.

— Para baixo, canalha! — gritou o capitão.

E a cabeça desapareceu. Não ouvimos mais um pio dos seis covardes marujos.

Na pressa, carregamos a canoa até não caber mais nada. Joyce e eu saltamos pelo portaló e voltamos para a ilha a toda velocidade.

Nossa segunda incursão alarmou os vigias, e a *Lillibullero* foi interrompida outra vez. Um pouco antes de virarmos a curva do rio, de onde nos perderiam de vista, um deles desceu do seu barco e desapareceu na mata. Estive a ponto de mudar os planos e destruir seus botes, mas temi que Silver e os outros estivessem próximos e minha afobação colocasse tudo a perder.

Desembarcamos no mesmo ponto de antes e começamos a equipar a cabana. Da primeira vez, nós três fizemos o trajeto com o que éramos capazes de carregar e jogamos tudo por sobre a paliçada. Joyce então ficou de guarda — apesar de ser apenas um, estava armado com meia dúzia de mosquetes. Hunter e eu voltamos à canoa para outro carregamento. E assim continuamos sem parar até tudo estar arrumado. Os dois criados assumiram suas

posições na cabana e eu, com as forças que me restavam, retornei para o *Hispaniola*.

Encher a canoa de suprimentos do navio uma segunda vez não era tão perigoso quanto parecia. Apesar de eles estarem em maior número, tínhamos a vantagem das armas. Nenhum dos amotinados em terra tinha um mosquete, e antes de conseguirem se aproximar o suficiente para disparar suas pistolas, conseguiríamos acertá-los uma meia dúzia de vezes, ou assim pensávamos.

O barão esperava por mim na janela da popa, já completamente restabelecido. Ele lançou um cabo, prendeu a canoa e começamos a carregá-la com itens de sobrevivência. Pegamos mais carne de porco, pólvora e biscoitos, um sabre cada um e apenas um mosquete para todos. Jogamos o restante das armas e pólvora na água, e como a profundidade era de apenas quatro metros, enquanto nos afastávamos era possível ver o sol refletindo no aço que agora repousava no fundo do mar cristalino.

A maré começava a baixar e o navio começou a girar em torno da âncora. Ouvimos ao longe os gritos dos vigias na terra. Embora isso tenha nos tranquilizado, pois indicava que Joyce e Hunter estavam a salvo, distantes dali, era um sinal de que não poderíamos perder tempo.

Redruth saiu da galeria e saltou para a canoa, e então remamos até a amurada, de onde seria mais fácil para o capitão Smollett juntar-se a nós.



— Marinheiros! — gritou o capitão. — Estão me ouvindo?

Nenhuma resposta do castelo de proa.

— É com você, Abraham Gray! Estou falando com você!

Novamente silêncio.

— Gray! — continuou Smollett, gritando um pouco mais alto. — Vou deixar este navio e te ordeno a seguir seu capitão. Sei que no fundo você é um bom homem, e digo inclusive que nenhum de vocês aí é tão mau quanto quer parecer. Estou olhando para meu relógio. Darei trinta segundos para quem quiser se juntar a nós.

Seguiu-se uma pausa.

— Vamos, meu rapaz — prosseguiu o capitão. — Não perca mais tempo. A cada segundo que passa arrisco mais minha vida e a destes cavalheiros.

Foi possível ouvir um som de luta, e Abraham Gray surgiu com um corte de faca no rosto. Correu em direção ao capitão como um cachorrinho.

— Vou com o senhor — disse o rapaz.

No momento seguinte ambos saltaram para a canoa e começamos a remar. Conseguimos deixar o navio, mas ainda estávamos longe de nossa paliçada.

## 17.

# RELATO DO DR. LIVESEY: A ÚLTIMA VIAGEM DA CANOA

**A** quinta viagem que eu fiz com a canoa foi bem diferente das outras. Para começar, aquela bacia que chamávamos de barco estava completamente sobrecarregada. Levava cinco homens adultos, sendo que três deles — Trelawney, Redruth e o capitão — tinham mais de um metro e oitenta, ou seja, mais peso do que ela podia suportar. Além disso, estava abarrotada com carne, pólvora e os outros pacotes. A parte dianteira da canoa estava ligeiramente afundada e a água entrava a cada movimento. Após navegar por alguns metros, minha calça e a aba do meu casaco já estavam completamente encharcados.

O capitão ordenou que nos distribuíssemos pelo barco, e com isso ganhamos um pouco mais de estabilidade. Ainda assim, tínhamos medo até de respirar.

Em segundo lugar, a maré vazante começava a puxar — uma forte corrente seguia pela baía em direção oeste, depois virava para o sul em direção ao mar alto, passando pelos estreitos que havíamos cruzado pela manhã. Qualquer onda representava um perigo para nossa pesada embarcação, mas o pior foi que a correnteza nos desviou

do curso e nos afastou do ponto de desembarque. Se nos deixássemos levar pela maré, chegaríamos à praia onde estavam os botes, e os piratas poderiam nos atacar a qualquer momento.

— Não consigo manter o curso para a paliçada, senhor — avisei o capitão. Eu tentava manobrar enquanto ele e Redruth remavam, por estarem mais descansados. — A maré está forte demais. Conseguem remar com mais força?

— Se remarmos mais forte, a canoa afunda — respondeu ele. — O senhor precisa aguentar firme até começarmos a avançar.

Continuei tentando e percebi que só conseguíamos navegar pela corrente se eu mantivesse a proa voltada para o leste, com a canoa em um ângulo reto à direção que precisávamos seguir.

— Desse jeito não vamos chegar nunca — afirmei.

— Se esta é a única forma de seguirmos, devemos continuar — replicou o capitão. — Temos de ir contra a corrente. Se apanharmos o vento diretamente, não sabemos em que ponto da costa iremos parar, e os piratas podem nos atacar. Devemos seguir a corrente até ela enfraquecer, depois damos a volta pela praia.

— A corrente já está enfraquecendo, senhor — disse o jovem Gray, sentado nas lonas da proa. — Pode diminuir um pouco o ritmo.

— Obrigado, meu rapaz — respondi naturalmente, como se já o houvéssemos aceitado como um de nós.

— O canhão! — exclamou de repente o capitão, e notei algo de estranho em sua voz.

— Já cuidei disso — afirmei, julgando que se referia ao risco de bombardearem a paliçada. — Eles não têm como levar o canhão até a praia, e mesmo que pudessem, jamais conseguiriam atravessar o bosque com ele.

— Olhe para trás, doutor — tornou o capitão.

Havíamos nos esquecido completamente do canhão maior, fixo na popa. E para nosso pânico, lá estavam os cinco amotinados restantes retirando sua “jaqueta”, que era como chamavam a cobertura de lona que o envolvia. Naquele momento também me lembrei que havíamos deixado a pólvora e a munição do canhão no navio, bastava que os malditos arreventassem a porta da cabine para ter acesso a elas.

— Israel era o artilheiro de Flint — disse Gray com a voz trêmula.

Mesmo arriscando nossa pele, apontamos a canoa para a praia. Já estávamos afastados o suficiente da correnteza para conseguirmos manter o curso sem precisar forçar os remos, e assim fiz. O problema é que isso nos fazia ficar paralelos ao *Hispaniola*, ou seja, éramos um alvo fácil.

Era possível tanto ver como ouvir Israel Hands, aquele bêbado maldito, rolando as munições pelo deque.

— Quem aqui atira melhor? — perguntou o capitão.

— O barão, sem sombra de dúvida — afirmei.

— Sr. Trelawney, teria a bondade de acertar um daqueles homens, por favor? Hands, se possível — pediu o capitão.

Trelawney fez mira, calmo como um monge.

— Mas atire com cuidado, senhor, ou afundaremos. Todos os outros, tentem deixar o barco estável para o barão poder mirar.

Paramos de remar e nos inclinamos todos para lados opostos, mantendo o equilíbrio para que o barão empunhasse sua arma. O movimento foi tão bem feito que nem uma gota de água invadiu a canoa.

Naquela altura, já haviam girado o canhão sobre seu eixo e Hands se expunha ao colocar a munição na boca do cano. Apesar disso, não conseguimos atingi-lo. Quando Trelawney atirou ele já estava abaixado, a bala passou zunindo sobre ele e acertou um dos outros homens.

Seu grito foi respondido não somente por seus companheiros a bordo, como também por algumas vozes em terra. Quando olhamos para a praia, vimos os outros piratas surgindo entre as árvores e saltando para dentro de seus botes.

— Lá vêm os outros, senhor! — avisei.

— Força nos remos, então! — exclamou o capitão. — Pouco importa se a canoa afundar. Se não chegarmos até a praia, está tudo acabado.

— Estão embarcando em apenas um dos botes, senhor! — notei. — Os outros devem estar dando a volta por terra, para nos pegar pelo outro lado.

— Pois vão correr até cansar, senhor! — retrucou o capitão. — Um marujo não vale nada na terra. Estou preocupado é com o canhão. Somos alvos fáceis aqui! Nem minha esposa erraria esse tiro. Quando estiverem prestes a atirar, barão, nos avise que pararemos de remar e tentaremos nos proteger.

Ao mesmo tempo, avançávamos a um bom ritmo para um barco em situação tão precária, e praticamente sem fazer água. Nos aproximávamos da costa, mais trinta ou quarenta remadas e chegaríamos à praia, pois a maré vazante havia revelado um pequeno banco de areia próximo às árvores. O bote já não oferecia perigo, agora já fora de vista novamente. A maré vazante, até há pouco tão cruel conosco, agora se redimia e retardava nossos inimigos. O único perigo iminente era o canhão.

— Eu poderia tentar acertar outro deles — sugeriu o capitão.

Estava claro que disparariam o canhão a qualquer segundo. Sequer haviam olhado para o companheiro caído, embora não estivesse morto, pois o vi rastejando.

— Preparem-se! — gritou o barão.

— Recuar! — o capitão completou quase ao mesmo tempo.

Ele e Redruth travaram os remos com tanta força que a popa afundou inteira na água. No mesmo instante o canhão disparou. Foi o primeiro disparo que Jim ouviu, já que o tiro do barão não lhe chegou aos ouvidos. Nenhum de nós soube ao certo por onde a bala passou, mas imagino que foi sobre as nossas cabeças, e que o deslocamento de ar contribuiu para que a canoa se desestabilizasse.

De qualquer maneira, a popa passou a afundar lentamente, até cerca de um metro. Eu o capitão nos posicionamos em pé na proa, um de frente para o outro. Os outros três afundaram completamente e emergiram em seguida.

Até então não havíamos sofrido nenhum dano de fato. Todos estavam vivos e poderíamos alcançar a praia em segurança. Nossas provisões, no entanto, haviam se perdido e, para piorar, apenas duas das cinco armas estavam em condições de uso. Por instinto, ergui a minha sobre a cabeça e a mantive seca. O capitão levava a dele em uma bandoleira presa ao ombro, muito sabiamente com a coronha virada para cima. As outras três submergiram.

Para piorar nossa situação, vozes se aproximavam pelo bosque que margeava a costa. Além do risco de ataque em nosso caminho para a paliçada, não sabíamos se Hunter e Joyce seriam capazes de protegê-la caso houvesse uma investida dos piratas. Sabíamos que Hunter era valente, mas não tínhamos tanta certeza quanto a Joyce,

um criado tão bem-educado e gentil que talvez não estivesse à altura do combate.

Isso tudo nos preocupava enquanto tentávamos chegar à praia o mais rápido possível, deixando para trás nossa pobre canoa e uma boa parte de nossas provisões e munição.



## 18.

# RELATO DO DR. LIVESEY: O PRIMEIRO DIA DE LUTA CHEGA AO FIM

**C**aminhamos o mais rápido possível pela trilha que nos separava da paliçada, com as vozes dos piratas cada vez mais próximas. Logo já podíamos ouvir seus passos enquanto se embrenhavam pelos galhos da parte mais densa do bosque.

Percebi que o confronto aconteceria antes do esperado e olhei para minha arma.

— Capitão — eu disse —, Trelawney tem um tiro certo. Dê sua arma a ele, já que a dele está inutilizada.

Os dois trocaram de armas. Trelawney, calmo e frio desde o começo do conflito, parou um momento para se aprontar. Percebi que Gray estava desarmado e lhe passei meu sabre. Ficamos todos um tanto aliviados ao vê-lo cuspir na mão, franzir o cenho e brandir a espada. Cada gesto seu demonstrava que era um aliado de valor.

Mais quarenta passos e chegamos ao fim do bosque, onde a paliçada erguia-se à nossa frente. Estávamos no meio do lado sul da fortaleza, e foi quando sete amotinados — liderados por Job Anderson, o contramestre — vieram alucinados pelo sudoeste.

Estancaram com o susto ao nos encontrarem ali, e antes que pudessem se recuperar, o barão e eu disparamos, acompanhados por Hunter e Joyce que atiraram de dentro da casa. Foram quatro tiros desordenados, mas que cumpriram seu propósito: um dos inimigos foi atingido e caiu, enquanto o resto deu meia-volta e sumiu entre as árvores.

Depois de recarregarmos, caminhamos por fora da paliçada para averiguar o homem caído. Estava morto, sem dúvida — a bala o atingira no coração.

Mal tivemos tempo de nos alegrar, logo em seguida um tiro de pistola foi disparado do bosque. A bala passou zunindo pelos meus ouvidos e atingiu o pobre Tom Redruth, que cambaleou e foi ao chão. Eu e o barão devolvemos o disparo, mas como não sabíamos onde mirar, provavelmente apenas desperdiçamos munição. Recarregamos e fomos ao socorro de Tom.

O capitão e Gray já o estavam examinando, e eu nem precisei tocá-lo para saber que estava condenado.

Acredito que a rapidez com que revidamos ao disparo assustou novamente os amotinados, pois conseguimos erguer o pobre zelador, que gemia e sangrava, por sobre a paliçada e o carregamos até a cabana sem grande dificuldade.

O coitado não havia dito uma só palavra de surpresa, queixa, medo, ou mesmo aprovação, desde o começo de nossos problemas até aquele momento em que o

deitávamos na cabana para morrer. Defendeu a galeria como um troiano; seguiu cada ordem sem questionar, com prontidão e excelência; era o mais velho de nosso grupo, com uma diferença de uns vinte anos; e morria agora nosso velho criado, fiel e atencioso.

O barão se ajoelhou a seu lado e beijou sua mão, chorando como uma criança.

— Estou indo embora, doutor? — perguntou.

— Tom, meu caro — respondi. — Você vai voltar para casa.

— Queria ter acertado um tiro neles antes.

— Tom — disse o barão —, você me perdoa, não é?

— Seria o mais educado de minha parte, não é, senhor? — foi sua resposta. — Seja como for, que assim seja. Amém.

Depois de alguns momentos de silêncio, Tom perguntou se alguém poderia fazer uma prece.

— É o costume, senhor — desculpou-se.

E dali a pouco, sem mais uma palavra, expirou.

Enquanto isso, o capitão retirava várias coisas de seus bolsos — eu já havia notado que seu casaco parecia excessivamente inchado — uma bandeira britânica, uma bíblia, um rolo de corda, caneta e nanquim, seu diário de bordo e uma quantidade impressionante de tabaco. Ele havia encontrado uma longa tora de pinheiro perto da paliçada, e com a ajuda de Hunter a cravou no canto da cabana, no ângulo formado pelos troncos que a

sustentavam. Subiu sozinho ao telhado e hasteou a bandeira.

Aquilo pareceu lhe trazer grande alívio. Desceu de volta à cabana e começou a fazer um inventário de nossos suprimentos, como se nada mais importasse. Ainda assim, não descuidou de Tom. Após a passagem do criado, o capitão surgiu com outra bandeira e respeitosamente cobriu seu corpo.

— Não se aflija, senhor — disse, apertando a mão do barão. — Ele agora está bem. Um homem que morre no cumprimento de seu dever para com seu capitão e seu patrão não tem nada a temer. Pode parecer blasfêmia, mas é um fato.

Então me puxou de lado:

— Dr. Livesey, os senhores acreditam que o grupo de socorro chegará em quantas semanas?

Respondi a ele que não era uma questão de semanas, mas de meses. O combinado foi que se não estivéssemos de volta até agosto, Blandly enviaria um grupo de busca. Nem antes nem depois.

— Faça as contas você mesmo — eu disse.

— Pois então — tornou o capitão, coçando a cabeça —, mesmo contando com a ajuda divina, nosso destino é incerto.

— O que você quer dizer?

— Que é uma pena, senhor, que tenhamos perdido todas aquelas provisões. É o que quis dizer. Conseguimos

nos virar com o que temos de armas e munição, mas estamos com pouca comida. Tão pouca, dr. Livesey, que talvez seja até bom termos uma boca a menos para alimentar.

E apontou para o cadáver debaixo da bandeira.

Foi quando uma bala de canhão passou rugindo sobre o telhado da cabana e caiu no bosque bem atrás de nós.

— Diabos! — gritou o capitão. — Chumbo neles! Já estamos com pouca pólvora mesmo, rapazes!

O segundo tiro passou mais próximo, a bala de canhão caiu no interior da paliçada erguendo uma nuvem de areia, mas sem causar danos.

— Capitão, é praticamente impossível ver a casa do navio — disse o barão. — Eles devem estar mirando na bandeira. Não seria mais sábio recolhê-la?

— E admitir nossa derrota? — exclamou o capitão. — Não, senhor, nunca!

Creio que de certa forma todos concordamos com suas palavras. Não se tratava apenas de orgulho de marinheiros. Era o sinal de que lutávamos com honra e mostrávamos ao inimigo que não nos abateríamos com sua artilharia.

O bombardeio prosseguiu por toda a noite. As balas voavam sobre a cabana, caíam antes da paliçada, ou atingiam a clareira. No entanto, eles tinham que mirar tão alto que o disparo perdia força e os balaços afundavam na areia fofa. Não havia o risco de ricochetes, e apesar de uma das balas ter atravessado o telhado e o assoalho da cabana,

logo nos acostumamos àquela brincadeira um tanto bruta. Era como assistir a uma partida de críquete.

— Tem um lado bom nisso tudo — observou o capitão.

— Provavelmente não há ninguém no bosque à nossa frente, por conta dos tiros. A maré já recuou bastante e algumas de nossas provisões devem estar descobertas. Alguns voluntários podem ir até lá e pegar a carne de porco.

Gray e Hunter foram primeiro. Armados até os dentes, conseguiram sair da paliçada, mas viram que a missão seria inútil. Ou os amotinados eram mais corajosos do que supúnhamos, ou confiavam muito na pontaria de Israel. Quatro ou cinco deles carregavam nossas provisões para um dos botes, atracado ali perto e a salvo da correnteza. Silver comandava a operação da popa, e todos estavam armados com mosquetes que haviam trazido escondidos na viagem.

O capitão sentou-se para escrever em seu diário, e começou seu registro do dia:

*Alexander Smollett, capitão. David Livesey, médico de bordo. Abraham Gray, assistente de carpinteiro. John Trelawney, proprietário do navio. John Hunter e Richard Joyce, criados do proprietário, civis. São estes, dentre a tripulação do navio, os que permaneceram leais. Desembarcaram no dia de hoje e hastearam a bandeira britânica na cabana da Ilha do Tesouro, com provisões racionadas para dez dias.*

*Thomas Redruth, criado do proprietário do navio, civil, foi alvejado e morto pelos amotinados. James Hawkins, grumete...*

Neste momento me perguntei qual teria sido o destino do pobre Jim Hawkins.

Ouvimos um chamado vindo dos lados do bosque atrás da cabana.

— Alguém está nos chamando! — disse Hunter, que estava de vigia.

— Doutor! Barão! Capitão! Alô, Hunter, é você? — alguém gritou.

Corri para a porta e vi Jim Hawkins, são e salvo, pulando para dentro da paliçada.

## 19.

# RELATO RETOMADO POR JIM HAWKINS: A GUARNIÇÃO DA PALIÇADA

**B**en Gunn parou de correr assim que viu a bandeira britânica, me segurou pelo braço e sentou-se.  
— Veja — disse ele—, lá estão seus amigos, sem dúvida.

— É mais provável que sejam os amotinados — respondi.

— Isso, não! — exclamou ele. — Só quem vem a esta ilha são senhores da própria sorte, por isso Silver hastearia a *Jolly Roger*,<sup>6</sup> pode ter certeza. Não, são seus amigos que estão ali. E com todo esse tiroteio, imagino que estão levando a melhor. Conseguiram tomar a paliçada, construída há muitos anos por Flint. Aquele tinha uma cabeça boa, o Flint! Quando estava sóbrio, não tinha para ninguém! Não tinha medo de nada, não, senhor. Flint era um homem distinto.

— Bom, talvez sejam eles então — concordei. — Mais uma razão para corrermos até lá.

— Não, companheiro, não é assim. Você é um bom rapaz, ou assim me parece. Mas ainda é muito jovem para entender certas coisas. Ben Gunn entende do riscado. Eu



não apareceria lá junto com você nem se me oferecessem rum. Nem por rum, até eu conhecer esse cavalheiro que você

me falou. E não se esqueça do que eu disse: “Ben Gunn valoriza muito...”, é o que você vai dizer, “valoriza muito os cavalheiros bem-nascidos”. E então dá um beliscão nele.

E me beliscou pela terceira vez, com o mesmo ar de cumplicidade.

— E quando quiserem falar com Ben Gunn, você sabe onde encontrá-lo, Jim. No mesmo lugar de hoje. E quem for lá, tem de ir com uma bandeira branca, e deve ir sozinho. Ah, e você vai dizer o seguinte: “Ben Gunn tem suas próprias razões”, você diz.

— Certo, acho que entendi. Você tem uma proposta a fazer, e quer conversar com o barão ou com o doutor, e vai estar no mesmo lugar em que nos encontramos hoje. É isso?

— “A que horas?” E você vai dizer: “da hora que o sol apontar meio-dia até às seis da tarde”.

— Tudo bem — interrompi. — Posso ir agora?

— Não vai se esquecer? — me perguntou ansioso. — “Valoriza cavalheiros, tem princípios”, você diz. Princípios. Isso é o principal, princípios de homem para homem. Bem, então — ele ainda me segurava — acho que você pode ir agora, Jim. Ah, e se você encontrar Silver, não vai entregar o Ben, não é? Por nada neste mundo. Diga que você não

sabe de nada. Se você encontrar os piratas pela ilha, diga apenas que amanhã muitas mulheres ficarão viúvas.

O estrondo de um disparo o interrompeu, e uma bala de canhão atravessou a copa das árvores e caiu a menos de cem metros de onde conversávamos. No momento seguinte já estávamos correndo, cada um em uma direção.

Disparos constantes sacudiram a ilha por pelo menos uma hora, com os projéteis despencando sobre o bosque. Fui me movendo pelos esconderijos que eu encontrava, sempre sob a mira dos disparos, ou assim me parecia. Depois de um bom tempo de bombardeio, embora eu ainda não tivesse coragem de ir diretamente para a paliçada — principal alvo das balas —, de alguma maneira consegui me recompor e dei uma longa volta pelo lado leste até me esgueirar entre as árvores mais próximas da cabana.

O sol havia acabado de se pôr, a brisa marinha sacudia o bosque e enrugava a superfície cinzenta do ancoradouro. A maré havia recuado bastante e grandes bancos de areia estavam visíveis. Após um dia de calor, o vento que penetrava em meu casaco começava a esfriar.

O *Hispaniola* continuava no mesmo lugar, mas agora a *Jolly Roger* — a bandeira negra dos piratas — tremulava no mastro principal. Pude ver o clarão vermelho do canhão disparando outra bala que riscou o ar com um grande estrondo. Foi a última artilharia.

Observei abaixado por um tempo o alvoroço que se seguiu ao ataque. Na praia perto da paliçada os piratas

destruíam algo com seus machados. Era a pobre canoa de apoio, vim a saber depois. Mais além, perto da desembocadura do rio, uma grande fogueira crepitava entre as árvores, e um dos botes ia e voltava daquele ponto até navio. Os homens, antes tão abatidos, agora gritavam como crianças. Era possível perceber pelas suas vozes que estavam bêbados.

Pensei que conseguiria chegar à paliçada, afinal. Eu ainda estava a uma grande distância, na ponta de areia que cercava o ancoradouro ao leste e que fazia a ligação com a Ilha do Esqueleto. Quando enfim me levantei, vi ao longe uma pedra alta e solitária, que se erguia entre os arbustos e se destacava por sua coloração mais clara. Era a pedra branca que Ben Gunn havia mencionado, onde ficava seu barquinho que eu poderia usar, caso necessário.

Adentrei novamente o bosque até chegar à retaguarda da paliçada, do lado que dava para a praia, e logo fui recebido calorosamente pelo grupo de homens honestos.

Depois de lhes contar tudo o que se passara comigo, olhei ao meu redor. A cabana inteira — paredes, assoalho e teto —, era feita com troncos de pinheiro de diversos tamanhos. O piso ficava a cerca de um metro acima do chão de areia. À frente da porta havia um pequeno alpendre, e abaixo dele a nascente jorrava em um poço artificial inusitado: nada menos que uma enorme chaleira de ferro, sem o fundo, fincada na areia “até as tampas”, como disse o capitão.

A casa estava bastante danificada, praticamente apenas a estrutura restava intacta. Em um dos cantos havia uma pequena laje de pedra, montada para servir de lareira, e um velho e enferrujado cesto de ferro para conter as brasas.

Todas as árvores da parte interna da paliçada e do pé da colina haviam sido cortadas para a construção da cabana, e pelos tocos que restaram percebia-se que ali havia antes um bosque alto e frondoso. A maior parte do terreno havia sido limpa ou aterrada após a remoção das árvores. Apenas ao redor do fio de água que corria da chaleira cresciam um grosso tapete de musgo e alguns arbustos que verdejavam pela areia. Ao redor da paliçada — perto demais, disseram alguns — o bosque era alto, denso e pujante, com pinheiros crescendo no interior da ilha e uma variedade de carvalhos mais próximos da praia.

O vento frio da noite, ao qual já me referi, passava assobiando por cada fresta da rústica construção e polvilhava o chão com areia fina. A areia entrava em nossos olhos, dentes, comida, dançava na água da chaleira, invadia tudo como se quisesse cobrir o mundo. Nossa chaminé era um buraco quadrado no teto. Apenas uma pequena parte da fumaça chegava a sair pelo telhado, o resto empestava a casa e nos fazia tossir e lacrimejar.

Além disso, o novato Gray estava com o rosto todo enfaixado por conta da facada que levava ao escapar dos

amotinados. O pobre Tom Redruth jazia ainda colado à parede, esticado sob a bandeira britânica.

Se tivéssemos ficado ociosos provavelmente nos entregaríamos à melancolia, mas o capitão Smollett jamais permitiria isso. Convocou todos os homens e nos dividiu em grupos de sentinelas. Eu, o doutor e Gray seríamos os primeiros. O barão, Hunter e Joyce nos renderiam. Como estávamos cansados, dois homens foram buscar lenha e outros dois foram cavar a cova para Redruth. O doutor ficou encarregado de preparar a comida, eu vigiava a porta e o capitão ia de um em um, para nos animar e oferecer ajuda.

De vez em quando o doutor saía para tomar um ar e descansar os olhos, ardendo de tanta fumaça, e sempre conversava um pouco comigo.

— Smollett é um homem melhor que eu — comentou.  
— E não digo isso à toa, Jim.

Em outra ocasião, saiu e se manteve em silêncio por um tempo. Então inclinou a cabeça e olhou para mim.

— Esse Ben Gunn é confiável? — indagou.

— Não sei dizer, senhor — respondi. — Sequer tenho certeza se está bom da cabeça.

— Se ainda existe a dúvida, é porque lhe resta um pouco de sanidade. Não se pode esperar que um homem que está há três anos em uma ilha deserta, Jim, passando o diabo, pareça tão normal quanto eu e você. Não é da

natureza humana viver desse jeito. Você disse que ele gosta de queijo, não é?

— Isso mesmo, senhor, queijo — respondi.

— Veja só, Jim, como é bom ser frugal na alimentação. Você já viu minha lata de rapé, certo? Mas já me viu cheirando rapé? É porque nessa lata eu coloquei um pedaço de queijo parmesão. É um queijo italiano, muito nutritivo. Será um presente para Ben Gunn!

Antes do jantar, enterramos Tom na areia e ficamos ao redor da sepultura por alguns minutos, em uma cerimônia improvisada. Os homens haviam recolhido bastante lenha, mas ainda não era suficiente, segundo o capitão, que sacudiu a cabeça em desaprovação dizendo:

— Amanhã precisaremos trabalhar com mais afinco.

Mais tarde, após uma dose de conhaque e um pouco de carne de porco, os três líderes se juntaram em um canto para discutir nosso futuro.

Queimaram as pestanas pensando em como agir. O grupo de socorro demoraria ainda muito tempo e nossas provisões eram tão poucas que não havia saída a não ser nos entregarmos. Decidiram que nossa melhor chance seria matar os piratas um a um até que se rendessem ou que fugissem no *Hispaniola*. O bando já havia sido reduzido de dezenove para quinze. Dois estavam feridos, e pelo menos um deles — o que havia sido atingido ao lado do canhão — estava em estado grave, se não morto. Deveríamos aproveitar cada oportunidade de abater um

deles, tomando extremo cuidado para resguardar nossas vidas. Além disso, tínhamos outros dois aliados: o rum e o calor.

Quanto ao primeiro, embora estivéssemos a quase um quilômetro de distância, era possível ouvi-los gritando e cantando até tarde da noite. Quanto ao segundo, o doutor apostou sua peruca que, por estarem acampados junto ao pântano e sem nenhum medicamento, metade morreria de malária em menos de uma semana.

— Por isso — acrescentou o dr. Livesey —, se não nos matarem antes, logo irão embora com o navio. Afinal de contas, sempre poderão voltar à pirataria, não é?

— É o primeiro navio que perco na vida — lamentou-se o capitão Smollett.

Como podem imaginar, eu estava morto de cansaço. Fui me deitar, e depois de me revirar muito, dormi feito uma pedra.

Acordei com a movimentação e as vozes dos outros. Acordados há muito tempo, fizeram café e aumentaram consideravelmente nossa pilha de lenha.

— Bandeira branca! — alguém avisou, e logo depois gritou surpreso. — É o Silver, em pessoa!

Levantei-me com um salto, esfreguei os olhos e corri espiar por uma das frestas da parede.

## 20.

# A MISSÃO DIPLOMÁTICA DE SILVER

**D**e fato, dois homens aguardavam na parte de fora da paliçada. Um deles tremulava um pano branco, e o outro era ninguém menos que o próprio Silver, aparentando tranquilidade.

Ainda era muito cedo, e fazia o maior frio que eu já havia sentido — um frio que penetrava os ossos. O céu estava limpo e o topo das árvores brilhava ao sol. Apesar disso, Silver e seu tenente ainda estavam envoltos em sombras, e a bruma branca que se acumulara no pântano durante a noite os cobria até os joelhos. A combinação de frio e umidade era um triste retrato da ilha: um local pantanoso, doentio, insalubre.

— Fiquem aí dentro, homens — ordenou o capitão. — Sem dúvida é alguma cilada.

Então se dirigiu ao pirata:

— Quem vem lá? Diga o que quer, ou atiraremos.

— Trégua! — gritou Silver.

O capitão abrigava-se no alpendre, cuidadosamente protegido de algum tiro à traição, caso fosse essa a intenção dos piratas. Voltou-se para falar conosco:

— Grupo do doutor, fiquem na retaguarda. Dr. Livesey, proteja o lado norte, por favor. Jim, tome o lado leste.



Gray, oeste. O resto fiquem abaixados e prontos para atirar. Muita atenção, homens, e tomem cuidado.

Dirigiu-se novamente aos amotinados:

— E o que você quer com essa trégua? — exclamou.

Foi a vez do acompanhante de Silver responder:

— Senhor, o capitão Silver pede permissão para entrar e negociar.

— *Capitão Silver?* Não conheço, quem é? — ironizou o capitão Smollett, e conseguimos ouvi-lo falar para si mesmo: — Então é capitão? Vejam só, já se promoveu.

Então Long John respondeu por si mesmo:

— Sou eu, senhor. Esses pobres coitados me elegeram capitão depois que o senhor desertou — disse, enfatizando a última palavra. — Estamos dispostos a nos render, se conseguirmos chegar a um acordo. Estou sendo sincero. Só peço sua palavra, capitão Smollett, de que vai me deixar sair ileso desta paliçada, e que se decidirem atirar, que pelo menos me dê um minuto para sair do alcance dos primeiros disparos.

— Meu senhor, não tenho o menor interesse em conversar — respondeu o capitão Smollett. — Se tem algo a me dizer, pode entrar, mas é só isso. Se houver alguma emboscada, será da parte de vocês, e que Deus os ajude.

— Está ótimo, capitão! — Long John gritou amavelmente. — Conversar com o senhor já é o suficiente. Reconheço que é um cavalheiro, pode confiar em mim.

Pudemos ver o homem da bandeira branca tentando conter Silver. Não era de se admirar, dada a resposta do capitão Smollett. No entanto, Silver apenas riu e deu-lhe um tapinha nas costas, como se a ideia de sofrer algum ataque fosse absurda. Então se aproximou da paliçada, jogou sua muleta para dentro, apoiou sua perna, e com grande habilidade e força transpôs a cerca. Caiu ileso na clareira.

Confesso que eu prestava demasiada atenção em Silver para fazer valer meu posto de sentinela. Na verdade, já havia deixado de vigiar a fresta na parede e espiava tudo por trás do capitão, que se sentara no batente da porta, cotovelos apoiados nos joelhos, a cabeça apoiada nas mãos, e olhos fixos na água que gotejava da chaleira para a areia. Assobiava uma antiga canção britânica chamada *Come lasses and lads*.<sup>2</sup>

Silver teve muito trabalho para conseguir passar pela elevação de terra. Além de íngreme, a areia fofa e cheia dos tocos criava um terreno árduo para sua muleta. Mas ele foi magnânimo em seu esforço silencioso e conseguiu enfim ficar diante do capitão, a quem saudou com muito respeito. Estava devidamente alinhado para a ocasião: vestia um casacão azul até os joelhos, coberto de botões de latão, e usava um belo chapéu enfeitado com fitas, inclinado para trás.

— Enfim chegou, homem — disse o capitão, erguendo a cabeça. — É melhor se sentar.

— O senhor não vai me convidar para entrar, capitão?  
— queixou-se Long John. — É uma manhã muito fria para sentar na areia.

— Ora, Silver — retrucou o capitão —, se você fosse leal, estaria agora sentado em sua cozinha. Foi você quem quis assim. Enquanto era o cozinheiro de bordo, sempre recebeu todo o meu respeito. Agora você é capitão Silver, um pirata amotinado ordinário. Nesse caso, que vá para o diabo!

— Está certo, capitão — replicou o cozinheiro, tentando se acomodar como podia. — O senhor vai ter que dar uma mãozinha para eu me levantar depois, mas sem problemas. Que bela casinha o senhor tem aqui. Ah, olha só o Jim! Um ótimo dia para você, Jim. Doutor, como vai o senhor? Vejam só, todos juntos aqui como uma família feliz.

— Se tem algo a dizer, homem, desembuche! — irritou-se o capitão.

— Tem razão, capitão Smollett — apaziguou Silver. — O dever acima de tudo. Serei franco. A jogada de vocês esta noite foi muito boa. Não vou negar. Você tem homens muito bons de porrete aqui. E também não vou negar que alguns dos meus marujos ficaram assustados, talvez todos eles. Acho que até eu fiquei um pouco, deve ser por isso que estou aqui disposto a negociar. E pode ter certeza de que não vão nos pegar desprevenidos outra vez, capitão, não vão mesmo! Vamos fazer grupos de vigia e manear

um pouco no rum. Aliás, ontem eu não bebi, estava apenas exausto. Se eu tivesse acordado um segundo mais cedo, pegaria o senhor com a boca na botija. Ele ainda não estava morto quando cheguei perto dele.

— Sim, e então? — disse o capitão, tentando parecer o mais calmo possível.

Smollett não fazia ideia do que Silver estava falando, mas não se deixava trair pelo seu tom de voz. Já eu me lembrei das últimas palavras de Ben Gunn e desconfiei do que havia ocorrido. Imaginei que ele tivesse feito uma visita aos piratas enquanto dormiam, bêbados, ao redor da fogueira. Com alegria me dei conta de que tínhamos apenas quatorze inimigos agora.

— É o seguinte — continuou Silver —, queremos o tesouro e vamos pegá-lo, isso é o que nos interessa. E imagino que o interesse de vocês é saírem daqui com vida. Vocês têm o mapa, certo?

— Talvez — respondeu o capitão.

— Eu sei que têm. Não precisa ser tão arredo, isso não vai ajudar em nada. O negócio é que queremos o mapa. E saiba que eu nunca tive intenção de causar nenhum mal aos senhores.

— Isso não me vale de nada — interrompeu o capitão.  
— Sabemos exatamente quais eram as suas intenções e para nós pouco importa, agora que seus planos fracassaram.

O capitão olhava calmamente para Silver, e começou a encher seu cachimbo.

— Se por acaso Abe Gray... — começou Silver.

— Alto lá! — exclamou o capitão. — Eu não perguntei nada a Gray e ele não me disse nada. E se quer saber, você, ele e esta maldita ilha podem ir para o inferno! É o que penso!

Esse rompante botou Silver em seu lugar. Ele estava ficando cada vez mais exaltado, mas agora parecia retomar seu autocontrole.

— Está no seu direito — contornou Silver. — Quem sou eu para discutir com um cavalheiro? E já que o senhor vai fumar, vou tomar a liberdade de lhe acompanhar.

Silver pôs fumo em seu cachimbo e o acendeu. Os dois ficaram fumando em silêncio por um bom tempo. Às vezes se encaravam, às vezes sopravam cinzas, às vezes cuspiam de lado. Observá-los era como assistir a uma peça de teatro.

— Bem — retomou Silver —, é o seguinte. O senhor nos dá o mapa do tesouro e deixa de atirar nos pobres marujos ou de esmagar a cabeça deles durante a noite. Se fizer isso, te damos duas escolhas. Vocês podem embarcar conosco depois que pegarmos o tesouro, e dou minha palavra de que os deixaremos em algum porto seguro. Caso não aceitem, tendo em vista que alguns dos meus homens têm cabeça quente e podem querer acertar contas, vocês podem continuar protegidos aqui. Dividimos nossos

mantimentos com vocês de forma justa e dou minha palavra de que avisaremos o primeiro navio que encontrarmos para vir aqui pegá-los. Você há de convir que é uma boa proposta. Não conseguirão nada melhor que isso. E espero — erguendo a voz — que todos os homens aí dentro pensem no que eu falei. Minha proposta vale para todos.

O capitão Smollett levantou-se e bateu as cinzas do cachimbo em sua mão.

— Isso é tudo? — perguntou.

— Era o que eu tinha para dizer — respondeu John. — Se recusarem, só o que terão de minha parte são tiros de mosquete.

— Muito bem — devolveu o capitão. — Pois ouça então a minha proposta. Vocês se entregam um por um, desarmados, e os levo algemados para a Inglaterra, onde terão um julgamento justo. Se não se entregarem, eu, Alexander Smollett, marinheiro britânico, juro que os enviarei ao inferno. Vocês não conseguirão encontrar o tesouro, tampouco conseguirão conduzir o navio. Nenhum de seus homens sabe traçar coordenadas. Vocês não são páreo para nós. Gray escapou de um grupo de cinco dos seus. O navio está encalhado em um banco de areia, sr. Silver, e nenhum de seus marujos tem competência para tirá-lo de lá. Aqui neste momento eu te digo, e Deus é testemunha de que será meu último aviso. A próxima vez que o encontrar meterei uma bala em seu peito. Agora saia

daqui, homem! Vá embora rastejando o mais rápido que puder.

O rosto de Silver se transformou. Seus olhos faiscavam de ódio. Sacudiu a brasa do cachimbo.

— Me ajude a levantar! — exclamou.

— Não farei isso — replicou o capitão.

— Quem vai me ajudar? — vociferou Silver.

Nenhum de nós moveu um dedo. Rosnando os mais baixos palavrões, rastejou pela areia até se apoiar no alpendre e conseguir se erguer na muleta. Então cuspiu na fonte de água.

— Aí está — gritou — o que penso sobre vocês! Antes de completar uma hora, vou queimar este barraco até não sobrar mais nada! Riam agora, malditos, riam! Em menos de uma hora estarão rindo no inferno. Terão sorte os que morrerem.

E rogando pragas terríveis, saiu tropeçando pela areia. Depois de quatro ou cinco tentativas frustradas, conseguiu saltar a paliçada com a ajuda do homem da bandeira branca, e desapareceu entre as árvores.

## 21.

### O ATAQUE

**A**ssim que Silver desapareceu, o capitão — que o ficou observando atentamente — virou-se para o interior da casa e não viu um homem sequer em seu posto designado de vigia, exceto por Gray. Foi a primeira vez que o vimos realmente zangado.

— A seus postos! — gritou.

Voltamos às nossas posições e o capitão continuou:

— Gray, vou registrar seu nome no diário de bordo.

Você se portou como um marinheiro de valor. Sr.

Trelawney, muito me admira o senhor. Pensei que havia servido o exército. Se foi assim que lutou em Fontenoy, senhor, melhor seria ter ficado em seu alojamento.

Cada homem do grupo de vigia do doutor voltou à sua posição na parede. O restante recarregava os mosquetes. Todo estavam envergonhados pela dura repreensão.

O capitão continuou olhando para fora por mais alguns momentos, em silêncio. Então disse:

— Rapazes, eu fui bem agressivo com Silver. Foi de propósito, para que ele fique furioso e perca a cabeça. Em menos de uma hora, segundo ele, seremos atacados.

Estamos em menor número, nem preciso dizer, mas temos a vantagem de lutar aqui da cabana. E até um minuto atrás eu também teria dito que lutamos com mais



disciplina. Não tenho a menor dúvida de que podemos vencê-los, depende de vocês.

Então inspecionou todos os pontos da casa e afirmou que tudo estava em ordem.

Nas duas paredes mais estreitas, dos lados leste e oeste, havia apenas duas aberturas para atirar. No lado sul, onde ficava o alpendre, outras duas. Na parte de trás, ao norte, havia cinco. Estávamos equipados com vinte mosquetes para sete homens. A lenha havia sido organizada em quatro pilhas — que nos serviam de mesas —, cada uma em um dos cantos da casa, e sobre cada mesa havia munição e quatro mosquetes carregados, tudo pronto para ser usado. Ao meio, os sabres estavam alinhados.

— Apaguem o fogo — ordenou o capitão. — Já não está mais frio, e a fumaça só vai atrapalhar nossa visão.

O sr. Trelawney carregou o cesto de ferro para fora da casa e apagou as brasas com areia.

— Hawkins ainda não tomou café. Sirva-se, Hawkins, mas coma sem sair de seu posto — prosseguiu o capitão. — Apresse-se, rapaz, talvez você não tenha tempo de acabar de comer. Hunter, sirva uma rodada de conhaque aos homens.

Enquanto isso tudo transcorria, o capitão finalizava mentalmente seu plano.

— Doutor, o senhor vigia a porta — prosseguiu. — Mas não se exponha, fique na parte de dentro e atire pela

varanda. Hunter, você cobre o lado leste. Joyce, você fica na parede oeste, meu rapaz. Sr. Trelawney, que tem a melhor pontaria, fique com Gray na parede maior, a de trás, que tem cinco seteiras. É de onde virá o perigo maior. Se eles conseguirem invadir a paliçada e começarem a atirar pelas aberturas, ficaremos em maus lençóis. Hawkins, nem eu nem você atiramos muito bem. Ficaremos na retaguarda para recarregar as armas e ajudar no que for preciso.

Enquanto o capitão dava suas instruções, o dia ficava mais quente. Quando o sol se elevou acima do nosso bosque, atingiu a clareira em cheio e a neblina se dissipou rapidamente. Logo a areia já estava escaldante e a resina vertia das toras da cabana. Despimos nossas jaquetas e casacos, desabotoamos nossas camisas e arregaçamos nossas mangas. Permanecemos imóveis em nossas posições, ardendo de calor e ansiedade.

Uma hora se passou.

— Malditos sejam! — resmungou o capitão. — Essa calmaria é pior que o marasmo do Equador. Gray, assobie para chamar o vento.

Exatamente naquele momento ouvimos o primeiro sinal do ataque.

— Com licença, senhor — disse Joyce. — Se eu vir alguém, posso atirar?

— Claro que sim! — esbravejou o capitão.

— Muito obrigado, senhor — Joyce respondeu com a mesma educação.

Tudo continuou tranquilo por algum tempo, mas as palavras de Smollett deixaram todos em alerta, com ouvidos e olhos atentos. Os atiradores estavam com suas armas em punho e o capitão se posicionou ao centro da cabana, com a boca contraída em uma expressão sombria.

Alguns segundos se passaram até que Joyce repentinamente apontou seu mosquete e disparou. O estrondo ainda ecoava quando foi respondido por incontáveis disparos, em uma artilharia desordenada como um bando de gansos, atingindo todos os lados da paliçada. Várias balas acertaram a cabana, mas nenhuma chegou a penetrar pelas paredes. Quando a fumaça dos disparos se dissipou, a fortaleza e o bosque ao redor pareciam tranquilos como se nada houvesse acontecido. Nenhum galho se mexia, nenhum reflexo de mosquete denunciava a presença de nossos inimigos.

— Você acertou seu alvo? — perguntou o capitão.

— Não, senhor — respondeu Joyce. — Acredito que não.

— Ao menos disse a verdade — murmurou Smollett. — Recarregue a arma dele, Hawkins. Doutor, quantos calcula que estavam aí do seu lado?

— Posso dizer com precisão — afirmou dr. Livesey. — Três tiros foram disparados deste lado. Vi os três clarões. Dois deles estavam próximos um do outro, e o terceiro estava mais distante, a oeste.

— Três! — repetiu o capitão. — E quantos foram aí do seu lado, sr. Trelawney?

Essa conta era mais difícil de se fazer. Foram muitos os disparos do lado norte. Sete pelos cálculos do barão, oito ou nove de acordo com Gray. Estava claro, portanto, que o ataque maior viria por ali, e que nos outros lados seríamos apenas incomodados por alguns tiros dispersos. Apesar disso, o capitão Smollett não alterou seus planos. Se porventura os amotinados invadissem a paliçada, argumentou ele, usariam as seteiras para atirar dentro da cabana, nos matando como patos.

Não tivemos muito tempo para pensar nisso. Subitamente e fazendo grande algazarra, uma nuvem de piratas saltou das árvores ao norte e correu em direção à paliçada. Ao mesmo tempo, os outros lados do bosque abriram fogo novamente. Uma bala zuniu porta adentro e fez o mosquete do doutor em pedaços.

Os invasores saltaram a cerca com a destreza de macacos. Gray e o barão dispararam inúmeras vezes. Três piratas tombaram, um para o lado de dentro e dois para fora. Um desses últimos, no entanto, ficou mais assustado que ferido, pois ergueu-se em seguida e desapareceu entre as árvores.

Dois morreram, um fugiu, quatro conseguiram penetrar em nosso terreno. Outros sete ou oito homens, abrigados pelas árvores e certamente armados com vários

mosquetes, continuaram disparando em vão contra a cabana.

Os quatro que transpuseram a paliçada correram para a cabana aos gritos, com os piratas no bosque engrossando o coro para encorajá-los. Vários tiros foram disparados, mas nossos atiradores estavam tão afobados que nenhum acertou o alvo. Em um instante, os quatro bandidos atravessaram a duna e estavam à nossa frente.

A cabeça de Job Anderson, o contramestre, surgiu por uma das aberturas das paredes.

— Pra cima deles, marujos! Todos pra cima deles! — ordenou em uma voz de trovão.

Ao mesmo tempo, outro pirata agarrou o mosquete de Hunter pelo cano, puxou-o de suas mãos pela seteira e o empurrou de volta em um golpe tão violento que nosso companheiro caiu desacordado. Um terceiro deu a volta pela parte de fora da casa e apareceu subitamente à porta, atirando-se sobre o doutor com um sabre em punho.

Nossa situação havia sido revertida completamente. Em um momento estávamos seguros, atirando em um inimigo exposto. No instante seguinte estávamos sob ataque sem conseguir revidar.

A fumaça tomou completamente o interior da cabana, o que nos deu certa segurança. Meu ouvido zumbia com os gritos confusos, estampidos de pistola e com o gemido incessante de alguém.

— Para fora, rapazes, vamos enfrentá-los em campo aberto! Peguem os sabres! — gritou o capitão.

Apanhei uma das espadas da pilha, ao mesmo tempo em que alguém puxava outra, me fazendo um corte nas articulações dos dedos que eu mal senti. Alguém corria bem próximo atrás de mim, mas eu não sabia quem. Logo em frente, o doutor perseguia seu agressor pela duna, até que consegui alcançá-lo. O pirata caiu de costas, com um grande corte de sabre no rosto.

— Circulem a casa, homens! Deem a volta! — ordenou o capitão, e mesmo em meio à confusão notei algo diferente em sua voz.

Obedeci automaticamente e dei a volta pelo lado esquerdo da casa, com o sabre na mão. Assim que me virei, fiquei cara a cara com Anderson. Com um rugido, ele ergueu seu facão, que reluziu ao sol. Sequer tive tempo de me assustar. Antes que ele desse o golpe, saltei para o lado, tropecei na areia e caí rolando pela duna.

Um pouco antes, quando eu estava saindo pela porta, pude ver os outros amotinados saltando pela paliçada para nos atacar. Um deles, de gorro vermelho e com um sabre na boca, já estava com uma das pernas para o lado de dentro. O tempo que levei para levantar novamente foi tão curto que ele ainda estava na mesma posição, mas já era possível ver a cabeça de outro surgindo pelas pontas da cerca. Apesar disso, esse curto período foi só o que bastou para que a luta terminasse e saíssemos vitoriosos.

Gray, que era quem estava atrás de mim, acertou o timoneiro com seu sabre antes que ele tivesse tempo de se recompor do golpe malsucedido. Outro foi atingido por um tiro no mesmo instante em que disparou por uma das aberturas da parede. Caiu agonizante, com a pistola fumegando em suas mãos. Pude ver também um terceiro cair morto por um só golpe do doutor. Dos quatro que haviam invadido nossa fortaleza, apenas um ainda estava vivo, mas já havia largado seu sabre e tentava escalar a paliçada para fugir, aterrorizado.

— Atirem! Quem estiver na cabana, atire! — gritou o capitão. — E vocês, rapazes, protejam-se!

Mas sua ordem não foi atendida, nenhum tiro foi disparado, e o último intruso conseguiu saltar a cerca e fugir pelo bosque com o restante. Em três segundos, já não havia mais nenhum sinal dos piratas, a não ser pelos cinco mortos, quatro dentro da paliçada e um fora.

Eu, Gray e o doutor corremos para dentro. Os sobreviventes logo pegariam seus mosquetes e recomeçariam o tiroteio.

A essa altura, já quase não havia mais fumaça dentro da casa, e pudemos ver o quanto nossa vitória havia custado. Hunter estava caído perto de seu posto, atordoado. Joyce estava estendido junto à outra parede, baleado na cabeça. Bem ao centro da sala, o barão amparava o capitão, um mais pálido que o outro.

— O capitão foi ferido — disse o sr. Trelawney.

— Eles fugiram? — perguntou o sr. Smollett.

— Os que conseguiram, sim — respondeu o doutor. — Mas cinco deles nunca mais vão correr na vida.

— Cinco! — exclamou o capitão. — Não estamos tão mal. Com cinco a menos de um lado e três de outro, a luta agora é quatro de nós contra nove deles. Nossas chances melhoraram. Éramos sete contra dezenove, estávamos em situação muito pior.

O número de amotinados era na verdade oito, pois o pirata atingido pelo sr. Trelawney ao lado do canhão do convés morrera na mesma noite em que fugimos do navio. Obviamente, não tínhamos conhecimento desse fato na ocasião.



## **PARTE CINCO**

### **MINHA AVENTURA NO MAR**

## 22.

# COMO COMEÇOU MINHA AVENTURA NO MAR

**O**s amotinados não voltaram mais — não houve sequer um tiro vindo do bosque. Tiveram sua “cota do dia”, como o capitão disse, então tivemos tempo para nos recompor, tratar dos feridos e jantar. Mesmo sendo arriscado, o barão e eu cozinhamos na clareira, e mesmo lá fora mal conseguíamos nos concentrar, impressionados pelos gritos de dor que vinham da cabana.

Dos oito feridos em combate, apenas três ainda estavam vivos — o pirata que havia sido atingido por uma das sentinelas da cabana, Hunter e o capitão Smollett. Dentre eles, o único consciente era o capitão. O amotinado acabou morrendo, a despeito dos esforços do doutor. Hunter, não importava o que fizéssemos, continuava desacordado. Ficaram ambos estendidos na casa o dia todo, respirando pesadamente. O pirata teve o peito perfurado pelo golpe e também fraturou o crânio na queda. Morreu durante a noite, sem fazer nenhum ruído.

Quanto ao capitão, embora seus ferimentos fossem graves, não eram fatais. Nenhum órgão fora atingido. O disparo de Anderson — que foi quem o alvejou primeiro —

partiu sua omoplata e chegou a ferir levemente seu pulmão. Uma segunda bala apenas rasgou e deslocou alguns músculos da panturrilha. Ele se recuperaria sem problemas, segundo o doutor, mas nas semanas seguintes não deveria andar nem mexer o braço. Deveria inclusive ficar em silêncio o máximo que pudesse.

Já o meu pequeno corte nos dedos não era mais grave que uma picada de mosquito. O doutor fez uma atadura e me deu um puxão de orelha em troca do atendimento.

Após o almoço, o barão e o doutor sentaram-se com o capitão, um tanto afastados de nós, para decidirem o que fazer. A conversa terminou um pouco depois do meio-dia. O doutor apanhou seu chapéu e sua pistola, prendeu um sabre no cinto, colocou o mapa no bolso, e com um mosquete no ombro atravessou a paliçada pelo lado norte até sumir entre as árvores.

Gray e eu estávamos sentados no canto oposto da cabana, para dar privacidade aos nossos superiores. Ao ver o doutor saindo, Gray, que estava fumando, ficou tão pasmo que esqueceu de levar seu cachimbo à boca.

— O que ele está fazendo, em nome de Davy Jones?<sup>8</sup>  
— exclamou. — O dr. Livesey ficou louco?

— Claro que não — respondi. — Ele é o homem mais sensato da tripulação, pelo que sei.

— Olha, companheiro — tornou Gray —, se ele não está louco, então quem não está entendendo nada sou eu.

— Imagino que o doutor tenha algum plano — respondi. — E se eu estiver certo, ele deve estar indo se encontrar com Ben Gunn.

Minha suposição se confirmaria mais tarde. No momento, a casa estava quente como um caldeirão, e a areia da clareira à nossa frente parecia queimar sob o sol. Comecei a ter ideias não muito inteligentes. Senti inveja do doutor caminhando pelo bosque fresco e sombreado, ouvindo o canto dos pássaros e sentindo o perfume dos pinheiros, enquanto eu cozinhava

dentro da cabana com minhas roupas grudando na resina das paredes. O sangue pelo chão e as pessoas mortas ao meu redor me fizeram sentir uma repulsa quase tão forte quanto meu medo.

Durante todo o tempo que passei limpando a cabana, e depois lavando a louça do almoço, o nojo e a inveja cresciam dentro mim. Em um momento em que ninguém me observava, enchi meus bolsos com biscoitos que retirei de um dos sacos de suprimentos, como primeira medida para minha fuga.

Você pode pensar que eu estava sendo tolo e que certamente faria besteira, mas eu estava determinado e, além disso, tomava todas as precauções possíveis. Caso algo me acontecesse, os biscoitos me manteriam até o dia seguinte, pelo menos.

Em seguida apanhei um par de pistolas, e como já tinha munição e pólvora comigo, me senti devidamente armado.

Meu plano não era necessariamente ruim. A intenção era ir até o pontal de areia ao lado do ancoradouro, encontrar a pedra branca que eu havia avistado na noite anterior e ver se era lá mesmo que Ben Gunn guardava seu barco. A meu ver, era algo perfeitamente plausível. No entanto, eu estava certo de que não me deixariam sair da paliçada, por isso sairia à francesa, quando ninguém estivesse olhando. Era essa forma grosseira de executar o plano que o tornava tão ruim. Mas eu era apenas um garoto naquela época, e estava decidido.

As circunstâncias acabaram por me dar uma ótima oportunidade. Gray e o barão se ocupavam com os curativos do capitão, e o caminho ficou livre para mim. Saltei a paliçada na parte mais densa do bosque, e antes que notassem minha ausência eu já ia longe.

Essa foi minha segunda ideia estúpida, bem pior do que primeira. Eu havia deixado a cabana sob a proteção de apenas dois homens saudáveis. Mas assim como a primeira ideia, o objetivo era salvar a todos nós.

Tomei o caminho para a costa leste da ilha, pois queria contornar a praia sem ser visto do ancoradouro. Já era final de tarde, embora ainda estivesse quente e ensolarado. Enquanto eu caminhava oculto pelas árvores altas, ouvia ao fundo não apenas as ondas quebrando

continuamente, mas o ranger de galhos e da folhagem que indicava que a brisa estava mais forte que o normal. Logo comecei a sentir correntes de ar fresco, e com mais alguns passos cheguei ao final do bosque, de onde avistei o mar azul brilhando até o horizonte e as ondas espalhando espuma pela areia.

Nunca havia visto o mar da Ilha do Tesouro tão calmo, com o sol faiscando, o ar completamente parado, a superfície da água lisa e azul. Mas ainda assim grandes ondas explodiam ao longo da costa, trovejando sem parar. Acredito que seria possível ouvi-las de qualquer lugar da ilha.

Caminhei pela praia com uma grande alegria dentro de mim, até que, julgando já ter avançado o suficiente para o sul, me abriguei atrás de alguns arbustos e prossegui com cuidado até chegar ao local mais alto do pontal.

Atrás de mim o mar, à frente o ancoradouro. O vento parecia esgotado pelo esforço fora do comum e não se fazia mais sentir. Em seu lugar soprava uma brisa leve vinda do sul e sudeste, trazendo uma espessa neblina. As águas do ancoradouro, protegidas pela Ilha do Esqueleto, estavam calmas como no dia em que chegamos. A superfície lisa criava um espelho que refletia o *Hispaniola* perfeitamente, com a *Jolly Roger* tremulando no mastro.

Silver estava à frente de um dos botes, ao lado do navio — era impossível não o reconhecer. Na popa, alguns homens se debruçavam na amurada, entre eles o pirata de

gorro vermelho que tentou transpor a paliçada. Pareciam conversar e rir, embora eu obviamente não pudesse ouvi-los àquela distância.

Tomei um grande susto com gritos horríveis que vieram daquela direção, até que me lembrei de Capitão Flint, o papagaio — e acho cheguei até a vê-lo, com sua plumagem colorida, pousado no pulso de Silver.

Pouco tempo depois o bote partiu em direção à praia e o homem de gorro vermelho desceu pela escada do tombadilho com um companheiro.

O sol se escondia atrás da Colina da Luneta e a neblina se acumulava rapidamente, escurecendo o céu cada vez mais. Se eu quisesse encontrar o barquinho de Ben Gunn, não poderia perder tempo.

Era possível distinguir a pedra branca entre os arbustos lá embaixo, a pouco mais de cem metros de distância, mas levei um bom tempo para chegar até ela rastejando. Já era quase noite quando enfim consegui tocá-la. Logo abaixo havia uma pequena cavidade coberta de relva, oculta por um pequeno barranco e cercada por touceiras de capim que chegavam à altura dos joelhos. No meio desse buraco havia uma pequena tenda feita com couro de cabra, semelhante às de ciganos.

Entre pela cavidade, ergui um lado da tenda e lá estava o barquinho de Ben Gunn. Tinha um aspecto singular e grosseiro. Era uma forte estrutura irregular de madeira entrelaçada, dentro da qual esticava-se uma

cobertura de couro de cabra, com o pelo voltado para a parte interna. Era muito pequeno, até mesmo para mim, e fiquei imaginando como seria possível um adulto navegar com aquilo. Havia um pequeno assento na parte mais baixa, uma espécie de viga ia de uma extremidade à outra, e um remo duplo.

Aquele tipo de barco, conhecido como *coracle*, era usado antigamente na Inglaterra, mas eu nunca havia visto um até aquele dia. Cheguei a ver outro parecido anos mais tarde, e posso dizer que o de Ben Gunn era o pior *coracle* já construído. Ainda assim, o barquinho tinha lá suas vantagens, pois era leve e fácil de carregar.

Após encontrar o barco, era de se esperar que eu voltasse logo para a paliçada, mas tive outra ideia que me deixou obstinado. Acredito que eu a colocaria em prática mesmo que o próprio capitão Smollett me proibisse. Meu plano era ir até o *Hispaniola* na calada da noite, cortar suas cordas e deixá-lo à deriva até que encalhasse em algum lugar na praia. Em minha cabeça, os amotinados estariam tão alquebrados pela derrota daquela manhã que logo decidiriam levantar âncora e partir mar afora. Seria muito fácil impedir essa fuga, pensei, ainda mais agora que eu sabia que os vigias do navio ficavam sem botes de apoio, ou seja, o risco era mínimo.

Esperei até escurecer e me fartei de biscoitos. A noite estava perfeita para os meus propósitos. A névoa encobria todo o céu. Quando os últimos raios de sol desapareceram



da Ilha do Tesouro, uma escuridão absoluta a envolveu. Quando enfim consegui retirar o barquinho da cavidade e comecei a caminhar com ele nos ombros, aos tropeços, havia somente dois pontos visíveis em todo ancoradouro.

O primeiro era uma grande fogueira acesa no pântano, e os piratas, deitados, bebiam e cantavam em redor dela. O outro era um fraco ponto de luz que mal se destacava na escuridão, indicando a posição do navio. A maré o havia feito girar. Sua popa agora estava voltada para mim. A única luz acesa a bordo era a da cabine. O que eu avistava era somente o reflexo que essa forte luz fazia no nevoeiro.

A maré já havia recuado bastante, por isso tive de percorrer um longo trecho de areia, afundando várias vezes até o tornozelo para chegar à água. Com alguma força e destreza, finalmente consegui colocar o barquinho sobre a superfície, com a quilha submersa.

## 23.

### A FORÇA DA MARÉ

**C**omo eu havia previsto, a pequena embarcação era bastante segura para uma pessoa do meu tamanho e peso. Era leve e flutuava bem, mas imprevisível e difícil de manobrar. O que quer que eu fizesse, mantê-la na direção correta era quase impossível. Ela apenas girava em círculos. O próprio Ben Gunn chegou a admitir que “era um barquinho um tanto caprichoso, até você pegar o jeito”.

Eu certamente não havia pegado o jeito, pois avançava em todas as direções, menos na que eu queria. Naveguei próximo à praia a maior parte do tempo, e não chegaria ao navio se a maré não tivesse me ajudado. Por mais que remasse, era inútil, mas a correnteza foi a minha sorte e só assim cheguei ao *Hispaniola*.

O navio ergueu-se à minha frente como um vulto ainda mais escuro que a noite. Só depois seu casco e mastros tomaram forma. No momento seguinte, ou assim me pareceu (afinal, quanto mais eu avançava, mais forte era a correnteza), consegui segurar a amarra da âncora.

A corda estava esticada como a de um arco, tamanha a tensão que a maré impunha sobre a âncora. Ao redor do casco, na escuridão, a água borbulhava e cantava como uma cascata. Bastava um corte e o *Hispaniola* ficaria ao sabor da maré.

Parecia bem fácil, mas então pensei que uma amarra daquela espessura, cortada abruptamente, seria tão perigosa quanto um coice de cavalo. Ou seja, talvez meu pequeno barco voasse pelos ares, comigo dentro.

Fiquei paralisado, e teria abandonado meu plano se novamente a sorte não sorrisse para mim. O vento que até há pouco soprava do sudeste mudou de direção para sudoeste depois do anoitecer. Eu meditava sobre o que fazer quando uma lufada apanhou o *Hispaniola* e o impeliu contra a corrente. Para minha alegria, senti o cabo lacear e submergir minha mão com seu peso.

Decidido, peguei minha navalha, abri-a com meus dentes e cortei as fibras entrelaçadas uma a uma, até restarem somente duas. Aguardei um novo sopro de vento que aliviasse a tensão do cabo antes completar o serviço.

Eu ouvia vozes vindas da cabine o tempo todo, mas, para ser sincero, estava tão concentrado em outras coisas que mal as notava. Enquanto esperava a nova lufada, pude prestar atenção.

Reconheci a voz do timoneiro Israel Hands, artilheiro de Flint em tempos passados. O outro, claramente, era meu amigo de gorro vermelho. Estavam ambos muito bêbados, e pelo visto continuariam bebendo, pois ouvi um deles abrir a escotilha da cabine, gritar algo incompreensível e atirar algo que supus ser uma garrafa vazia. Era perceptível que, além de embriagados, também estavam furiosos. Gritavam palavrões sem parar e, de vez

quando, tinham acessos de raiva que me davam a certeza de que acabariam se engalfinhando. Depois se acalmavam novamente, até o próximo rompante, que também se amainava sem maiores consequências.

Na direção da praia, eu podia ver a grande fogueira crepitando entre as árvores. Alguém cantava uma velha e monótona canção de marinheiro, com a voz baixa e vibrante ao final de cada verso. Parecia uma canção sem fim, que só acabaria quando o cantor se cansasse. Me lembrei de uma parte da letra, pois a ouvira algumas vezes durante a viagem:

*Apenas um homem voltou com vida ao porto.*

*Os outros setenta e cinco estavam todos mortos.*

Me pareceu uma canção um tanto sombria, considerando as perdas que haviam sofrido pela manhã. No entanto, pelo que eu já conhecia, aqueles piratas eram tão insensíveis quanto os mares por onde navegavam.

O vento voltou, finalmente. A escuna virou-se levemente e se aproximou de mim na escuridão. Senti a corda afrouxar outra vez, e em um último e certo esforço cortei o que restava dela.

A brisa não era suficiente para segurar o *coracle*, e fui instantaneamente puxado de encontro ao casco do *Hispaniola*. Ao mesmo tempo, o navio começou a girar lentamente até ficar atravessado em meio à corrente.

Remei com todas as minhas forças, temendo afundar a qualquer momento. Quando percebi que não conseguiria

afastar meu barco do casco, me esforcei para chegar mais perto da popa. Fiquei a uma distância segura do meu perigoso vizinho, e quando dei meu último impulso para me afastar, minhas mãos tocaram uma corda fina pendurada na amurada da popa. Agarrei-a instantaneamente.

Não sei dizer por que fiz aquilo. Foi por puro instinto a princípio, mas quando puxei a corda e vi que estava firme, a curiosidade tomou conta de mim e quis espionar o que acontecia na cabine.

Escalei a corda lentamente, até uma altura que correspondia a aproximadamente metade da minha. Sob enorme risco, avistei o teto e uma parte do interior da cabine.

Enquanto isso, o navio e meu barquinho eram levados rapidamente pela correnteza, já passando em frente à grande fogueira na praia. O navio estava “falando alto”, como dizem os marinheiros, quebrando as ondas e espirrando água ao redor. Não entendia como os marujos não perceberam nada, até que ergui minha cabeça um pouco acima do batente da janela e pude ver melhor. Bastou um só olhar — que foi só o que me atrevi a fazer. Hands e seu companheiro estavam atracados em um abraço feroz, cada um apertando o pescoço do outro.

Desci de volta para o meu barco, e foi na hora certa, pois quase já sem forças para me segurar na corda, poderia cair no mar. Só o que vi foram os dois piratas em conflito,

seus rostos vermelhos e furiosos sob a luz e a fumaça do lampião. Tive de fechar os olhos por alguns instantes para me acostumar à escuridão novamente.

A canção interminável enfim cessara, e o grupo em volta da fogueira agora entoava o refrão que eu já conhecia tão bem:

*Quinze homens no baú do defunto,  
Io-ho-hô, e uma garrafa de rum!  
O diabo e a bebida levaram os outros junto,  
Io-ho-hô, e uma garrafa de rum!*

Eu pensava como a briga na cabine era de fato obra do diabo e da bebida, quando senti o barco dar um solavanco. Em seguida, uma guinada brusca pareceu mudar seu curso. A velocidade também aumentou, para meu espanto.

Abri meus olhos imediatamente. À minha volta, via apenas as ondulações causadas pelo movimento do navio, que pareciam brilhar e atingiam ruidosamente meu barco. Eu era arrastado pela correnteza junto com o *Hispaniola*, embora um pouco mais atrás, e me pareceu que ele alterava seu curso. Mesmo na escuridão, enxerguei seus mastros levemente inclinados. Quando olhei mais atentamente, tive certeza de que se virava para o sul.

Olhei para trás e senti meu coração subir à garganta. Estávamos passando exatamente pela fogueira na praia. Em um ângulo reto, a correnteza levava consigo a escuna e meu *coracle* em direção ao mar alto, cada vez mais rápida, agitada e barulhenta.

O navio à minha frente deu uma guinada repentina e violenta, virando-se talvez uns vinte graus. Quase ao mesmo tempo, um grito irrompeu a bordo, seguido por outro. Ouvi passos apressados na escada que levava ao convés e entendi que os dois bêbados haviam deixado a briga de lado pois perceberam a catástrofe à sua frente.

Deitei-me no fundo de meu pequeno barco e fiz minhas últimas orações. Eu estava certo de que, após sairmos do canal entre as duas ilhas, apanharíamos ondas violentas que terminariam de vez com meus problemas. Embora eu me conformasse com a morte, era insuportável ver meu destino fatal se aproximar.

Devo ter permanecido deitado por horas, sacudido pelo vaivém incessante das ondas que espirravam água em mim. Eu esperava a morte a qualquer instante. Cada vez mais cansado e sonolento, em um estado de quase torpor, apesar do pavor que sentia, acabei por cair no sono e sonhei com minha casa, a velha Almirante Benbow.

## 24.

### NAVEGANDO COM O CORACLE

**J**á era dia quando eu acordei, sacolejando perto da ponta sudoeste da Ilha do Tesouro. O sol havia nascido, mas ainda se escondia atrás da imponente Colina da Luneta, que daquele lado descia quase ao nível do mar em um deslumbrante penhasco.

O Cabo da Enguia e a Colina Mezena estavam ao meu lado. A colina era escura e sem vegetação. O cabo era repleto de penhascos de cerca de quinze metros, cercado por rochas caídas à sua volta. Aproximadamente quinhentos metros me separavam da praia, e meu primeiro pensamento foi o de remar até lá.

Logo desisti. A cada segundo, as ondas rebentavam nos rochedos, lançando sonoros jatos de água para o alto. Se eu ousasse me aproximar, poderia morrer ao ser arremessado contra as pedras pontiagudas. Além disso, seria impossível escalar aquele penhasco tão escarpado.

Para completar, enormes monstros de aparência escorregadia, como lesmas gigantes, rastejavam pelas pedras mais planas, outros mergulhavam ruidosamente no mar. Eram quarenta ou cinquenta deles, e seus rugidos ameaçadores ecoavam pelas rochas.

Depois descobri que eram leões-marinhos, completamente inofensivos. Mas sua aparência, a



dificuldade da escalada e a violência das ondas foram mais que suficientes para que eu descartasse aquele porto. Preferia morrer de fome à deriva do que enfrentar todos aqueles perigos.

Logo uma nova chance se apresentou, ou assim me pareceu. Ao norte do Cabo da Enguia havia uma extensa faixa de terra onde a maré baixa descobria uma pequena praia de areia amarelada. Mais além, havia um outro cabo — chamado de Cabo da Mata, segundo o mapa — com um bosque de pinheiros verdes que chegava quase ao mar.

Me lembrei de que Silver havia dito que a corrente seguia para o norte ao longo de toda a costa oeste da ilha, e a julgar pela minha posição, era ela quem parecia me levar. Decidi deixar o Cabo da Enguia para trás e poupar forças para quando tivesse de remar até o Cabo da Mata, que parecia ser mais seguro.

O mar estava calmo. O vento soprava de maneira constante e suave em direção ao norte, as ondas subiam e desciam sem quebrar.

Se o mar estivesse bravo, eu já estaria morto há tempos, mas naquelas condições era surpreendente observar como meu leve barquinho navegava sem nenhum problema. Às vezes eu voltava a me deitar dentro dele, mantinha meu olhar quase na altura da borda, e via uma grande ondulação azul se levantar contra mim. O *coracle* apenas chacoalhava um pouco, dançava como se tivesse molas e deslizava pelas ondas com a leveza de um pássaro.

Depois de certo tempo, comecei a ficar mais ousado e sentei-me para testar minhas habilidades como remador. Qualquer mudança na distribuição de peso deixava o *coracle* completamente instável. Um leve movimento meu e o barquinho se moveu repentinamente. Caiu em uma inclinação de onda tão íngreme que até senti vertigens. Em seguida, se enfiou na dobra de outra onda e eu fui atingido por um jato de espuma.

Encharcado e aterrorizado, voltei a me deitar imediatamente. O barquinho retomou sua navegação suave e me carregou pelas ondas com a mesma leveza de antes. Me convenci ser impossível manobrá-lo e, portanto, que esperanças eu teria de voltar à terra firme em segurança?

Comecei a ser tomado pelo pânico, mas consegui me manter lúcido. Me movendo com extremo cuidado, retirei lentamente a água do barco com meu chapéu. Depois, novamente deitado com o olhar na altura da borda, passei a estudar o que fazia o barquinho deslizar tão suavemente pelas ondulações.

Notei que as ondas não eram as montanhas grandes, lisas e reluzentes que víamos da terra ou de um navio. Na verdade, eram semelhantes a topografias terrestres, com montes, picos, clareiras e vales. Quando o *coracle* navegava sem interferências, movia-se de um lado para o outro, traçando uma rota, por assim dizer, pelas partes mais baixas, evitando aclives e cristas instáveis.

— Bem, então — pensei comigo mesmo —, está claro que devo ficar deitado sem interferir em seu equilíbrio, mas também posso colocar os remos na água e, nas partes mais calmas, dar um ou dois impulsos em direção à terra.

Imediatamente coloquei meu plano em ação. Me apoiei sobre os cotovelos — uma posição bastante incômoda —, e de vez em quando remava para colocar o barquinho rumo à praia.

Era um trabalho lento e cansativo, mas pouco a pouco me aproximava da terra. Quando cheguei mais perto do Cabo da Mata, notei que mesmo que não o alcançasse, já avançara uns cem metros para o oeste. Estava bastante próximo, aliás. Avistei as copas das árvores ao sabor da brisa, e tive certeza de que conseguiria chegar às margens do próximo cabo.

Não seria sem tempo, pois a sede me torturava. O sol forte se espelhava no mar infinitamente, a água salgada secou sobre mim e criou uma crosta de sal sobre meus lábios. Tudo isso fazia a garganta queimar e cabeça doer. A visão das árvores tão próximas quase me levou ao desespero, mas a corrente logo me afastou da margem. Ao olhar para a grande extensão de mar à minha frente, uma outra visão alterou o curso dos meus pensamentos.

A cerca de meio quilômetro, lá estava o *Hispaniola* com suas velas içadas. Tive certeza de que seria capturado, mas estava tão atordoado de sede que fiquei dividido entre

o alívio e o medo. Não tive tempo de me decidir, pois a surpresa só me permitiu observar, boquiaberto.

O *Hispaniola* tinha a vela principal e as duas bujarronas abertas. Suas belas lonas alvas brilhavam ao sol como neve prateada. Quando o avistei, o vento preenchia completamente as velas, levando o navio para noroeste. Presumi que os homens a bordo dariam a volta na ilha para retornarem ao ancoradouro. No entanto, começaram a guinar cada vez mais para o oeste, o que me fez pensar que haviam me visto e vinham em meu encalço. Até que o *Hispaniola* se virou de frente para o vento, o que fez com que o navio parasse, abanando suas velas na direção contrária.

— Como são atrapalhados — pensei. — Devem estar bêbados como gambás. — E imaginei a reprimenda que receberiam do capitão Smollett.

Entretanto, a escuna continuou virando, foi atingida por outra lufada, acelerou por cerca de um minuto até parar novamente contra o vento. Isso ocorreu repetidas vezes — vento em popa e em proa, girando sem parar, aos solavancos e paradas bruscas. A cada volta retornava à mesma posição: suas velas abanando na direção contrária ao vento. Estava claro que não havia ninguém ao leme. Sendo assim, onde estariam os piratas? Provavelmente mortos de tanto beber ou abandonaram o navio, pensei. Portanto, talvez eu conseguisse subir a bordo e levar o *Hispaniola* de volta ao capitão.

A correnteza empurrava o *coracle* e a escuna para o sul com mesma velocidade. A rota do navio, no entanto, era errática e intermitente. Passava tanto tempo parado que era difícil dizer se estava realmente se movendo. Eu estava certo de que conseguiria alcançá-lo facilmente, se tivesse a coragem de me erguer e remar. Essa ideia tinha um ar de aventura que me entusiasmou, e a lembrança do barril de água em minha cabine no navio me deu o ânimo necessário.

Assim que me levantei, recebi imediatamente um jato de água, mas me mantive firme em meu propósito e comecei a remar com toda a força e cuidado em direção ao desgovernado *Hispaniola*. Uma onda jogou tanta água em meu barquinho que tive de parar e esvaziá-lo um pouco. Meu coração batia forte como um martelo, mas aos poucos peguei o jeito e consegui guiar meu *coracle* entre os cavados das ondas, com alguns espirros ocasionais de espuma em meu rosto.

Eu me aproximava cada vez mais da escuna e já podia ver reluzir o latão do leme que girava desordenado, sem nenhuma alma a bordo. Estava convencido de que haviam abandonado o navio. Era isso ou estavam caídos de bêbados na cabine, onde eu talvez pudesse trancá-los e tomar a embarcação.

Durante algum tempo, o *Hispaniola* se comportou da pior maneira possível para os meus planos: ficou imóvel. Sua proa estava quase ao sul, mas sem deixar de se mover.

Em cada uma de suas voltas as velas se enchiam parcialmente, até ficarem de novo contra o vento. Era o pior comportamento possível porque, mesmo que tomasse um aspecto de abandono, com as velas a girar e a bater pelo convés, ainda assim o navio continuava a fugir de mim, não apenas empurrado pela corrente, mas também impelido pelo vento, outra força considerável.

Finalmente pareceu surgir uma oportunidade. O vento abrandou e, obedecendo à maré, o *Hispaniola* rodopiou suavemente até ficar com a popa virada para mim. A janela da cabine continuava aberta e o lampião ainda queimava sobre a mesa. A vela principal ficou suspensa e solta como uma bandeira. Exceto pelo movimento da correnteza, o navio estava imóvel.

Redobrei meus esforços e recuperei a distância perdida pelos desvarios da escuna.

Cheguei a menos de cem metros dela, quando o vento voltou em um só golpe. Novamente as velas se encheram e o navio arrancou novamente, aos solavancos.

Quase me desesperei, mas logo percebi que aquilo era motivo de alegria. O *Hispaniola* deu outra volta até ficar com o casco virado para mim — e continuou virando, encurtando cada vez mais a distância entre nós. Eu podia ver as ondulações causadas pelo bico de proa. O navio parecia cada vez maior em comparação ao *coracle*.

Foi então que compreendi. Havia pouco tempo para hesitação e menos ainda se quisesse me salvar. Eu estava

na crista de uma onda enquanto a escuna atravessava outra ao lado. O gurupés passou sobre minha cabeça. Me coloquei em pé e saltei, fazendo o *coracle* afundar com o impulso. Com uma mão consegui agarrar a viga dianteira e apoiei meu pé no estai, na base do casco. Enquanto tentava me segurar, ofegante, uma pancada seca indicou que o *Hispaniola* havia atropelado e afundado meu coracle, e que minha única saída seria retomar o navio.

25.

## A JOLLY ROGER CAI SOB MINHAS MÃOS

**E**u mal havia me apoiado no gurupés quando um novo golpe de vento fez a bujarrona tremer e rugir como um canhão. Com isso, o *Hispaniola* sacudiu até a quilha, mas como todas as outras velas ainda estavam cheias, logo a lona triangular voltou a cair, solta em seu mastro.

Esse movimento quase me jogou ao mar, portanto não havia tempo a perder. Apoiando-me no gurupés, dei o impulso que faltava e mergulhei para o tombadilho.

A vela principal, ainda inflada, me impedia de ver todo o convés do castelo da proa. Não havia uma alma à vista. O deque, que não era lavado desde o início do motim, estava cheio de pegadas, e uma garrafa quebrada rolava desgovernada e batia nos escoadouros como um animal que tenta fugir.

Outra lufada de vento atingiu subitamente o *Hispaniola*. O navio arrancou novamente, fazendo a bujarrona gemer e o leme bater descontrolado. A verga principal girou para dentro e estufou as velas, descortinando minha visão da lateral do convés.



Foi quando vi os dois guardiões do navio. O sujeito de gorro vermelho deitado de costas, duro como pedra, braços abertos como um crucificado e dentes à mostra. Israel Hands encostado na amurada, cabeça caída e mãos estendidas, pálido como cera, apesar de seu bronzeado.

Por algum tempo, o navio continuou a dar trancos e a inclinar-se como um cavalo selvagem, as velas se enchiam ora de um lado, ora do outro, e as vergas giravam em todas as direções até que o mastro rangeu com a pressão. De vez em quando o costado batia forte de encontro às ondas, fazendo a água respingar pelos escoadouros. Era curioso notar como o movimento do mar era percebido com mais clareza em um navio do porte do *Hispaniola*, em comparação com meu humilde e desvalido *coracle*, que agora jazia no fundo do mar.

A cada solavanco, o pirata de gorro vermelho era jogado de um lado para o outro, mas — em uma cena tétrica — nem sua postura nem seu sorriso medonho eram perturbados pelos maus tratos. A cada solavanco, também, Hands parecia afundar mais em si mesmo, escorregando pela amurada e afastando seus pés um do outro, de modo que seu rosto foi gradualmente se escondendo. Por fim, só o que eu podia ver era uma orelha e uma parte de sua barba.

Também notei manchas escuras de sangue no chão ao redor deles, e tive certeza de haviam se matado em sua fúria ébria.

Com o navio imóvel, tive um momento para observar e pensar no que fazer. Israel se virou parcialmente, e com um gemido grave ergueu-se um pouco até voltar à posição em que eu o havia encontrado. Sua voz demonstrava que estava com muita dor, à beira da morte, e me sensibilizei ao vê-lo fragilizado, com a mandíbula caída. Então me lembrei de quando o ouvi de dentro do barril, e toda piedade se esvaiu de mim.

Caminhei para a popa até chegar ao mastro principal.

— Estou de volta a bordo, sr. Hands — disse com ironia.

Ele revirou seus olhos pesadamente, mas estava atordoado demais para demonstrar qualquer emoção. Apenas balbuciou uma palavra:

— Rum...

Me dei conta que não havia tempo a perder, então me desviei da verga, que outra vez girava sobre o convés, e desci até o camarote.

Era uma bagunça difícil de descrever. Na busca pelo mapa, os piratas arrombaram todas as gavetas, baús e compartimentos trancados. O chão estava pegajoso de lama. Provavelmente os criminosos haviam se sentado para beber ou tramar seus planos depois de terem chapinhado pelo pântano. As anteparas, todas pintadas de branco com detalhes em dourado, estavam imundas de marcas de mãos. Dezenas de garrafas vazias rolavam pelo assoalho e tilintavam pelos cantos. Um dos livros de

medicina do doutor estava aberto sobre a mesa, com várias páginas arrancadas. Imaginei que as tivessem usado para acender cachimbos. Em meio a toda essa confusão o lampião ainda queimava uma luz mortiça, lançando uma fumaça ocre no ambiente.

Fui até o depósito de bebidas; todos os barris haviam sumido e uma quantidade espantosa de garrafas havia sido consumida e descartada. Estava claro que, desde o início do motim, nem um único deles havia permanecido sóbrio.

Vasculhei até encontrar uma garrafa com um pouco de rum para dar a Hands. Também encontrei alguns biscoitos para mim, além de frutas secas, uma boa quantidade de passas e um pedaço de queijo. Levei tudo ao convés, escondi meus mantimentos atrás do leme, longe do alcance dos piratas, e fui direto ao reservatório de água. Bebi até matar minha sede. Depois disso fui dar o rum ao moribundo.

Ele só largou a garrafa após dar generosos goles.

— Ah! — disse ele. — Com os diabos, era disso que eu precisava!

Eu já comia, sentado em meu canto.

— Está com muita dor? — perguntei.

Ele resmungou, ou melhor, grunhiu algo.

— Se o doutor estivesse aqui, ele me consertaria em dois tempos. Mas veja você, eu nunca tive lá muita sorte, sempre foi assim comigo. Quanto àquele camarão ali, está mortinho — acrescentou, apontando o homem de gorro

vermelho. — Não era lá um marujo que prestasse. E você, de que buraco saiu?

— Oras, eu vim tomar o navio, sr. Hands — respondi.

— E faça o favor de se dirigir a mim como seu capitão, daqui para frente.

Lançou-me um olhar atravessado, mas nada disse. Já não estava mais tão pálido, embora ainda tivesse um péssimo aspecto. Escorregava pela amurada e se erguia novamente conforme o navio sacolejava.

— Assim sendo — continuei —, não posso navegar com essa bandeira, sr. Hands. Se me dá licença, vou baixá-la. É melhor um mastro sem nada do que assim.

Desviando novamente da verga, caminhei até o mastro, arriei a amaldiçoada bandeira negra e a joguei ao mar.

— Deus salve o rei! — declarei, agitando meu chapéu.

— E a queda do capitão Silver!

Hands me olhava atentamente, com uma expressão maliciosa em seu rosto ainda caído sobre o peito.

— Imagino... — ele disse por fim. — Imagino, capitão Hawkins, que o senhor vai querer atracar. Talvez fosse bom conversarmos.

— Mas claro — respondi. — Essa é minha intenção, sr. Hands. E por favor, diga o que tem a dizer. — E voltei para minha refeição, comendo com gosto.

— Esse homem aí — disse, com um aceno fraco em direção ao cadáver — se chamava O'Brien, um irlandês

fedorento. Nós manejamos as velas para levar o navio de volta. Como pode ver, ele esticou as canelas. Bateu com as doze. E não vejo ninguém aqui que saiba conduzir este barco. Pelo que sei, você não é homem para isso, não sem minha ajuda. Então é o seguinte: você me dá comida, bebida e um lenço ou um trapo para atar minha ferida, e eu te ensino a conduzir. A meu ver, isso é mais do que justo.

— Pois te digo uma coisa — retruquei. — Não tenho a menor intenção de voltar para o ancoradouro do capitão Kidd. Meu plano é dar a volta e ancorar na enseada ao norte, longe da vista de todos.

— E é um plano e tanto! — exclamou. — Olha, não sou tão estúpido quanto você pensa. Eu entendo das coisas, sabe? Tentei fazer minha jogada, perdi, você me passou a perna. Quer ir até a enseada ao norte? Vamos lá, você é quem manda. Eu não tenho escolha, navegaria até a Doca da Execução<sup>9</sup> na situação que estou.

Considerarei sua proposta razoável e a aceitei no ato. Em três minutos já navegávamos tranquilamente, com um bom vento que soprava ao longo da costa da Ilha do Tesouro. Tudo indicava que cruzaríamos o Cabo Norte por volta do meio dia e a enseada antes da maré alta. Lá poderíamos aportar em segurança e esperar que a vazante nos deixasse descer à praia.

Amarrei a barra do leme e desci para minha cabine, onde encontrei o lenço de seda de minha mãe. Com ele, ajudei Hands a fazer um torniquete e conter o

sangramento do grande corte em sua coxa. Após comer um pouco e tomar mais um bocado de rum, ele melhorou visivelmente, sentou-se ereto e começou a falar mais alto e claro. Parecia um novo homem.

O vento nos favorecia imensamente. Planamos sobre as águas, com a paisagem passando rápido e mudando ao nosso lado a cada minuto. Logo deixamos as colinas para trás e o terreno que víamos agora era baixo e arenoso, com pequenos pinheiros esparsos. Em seguida alcançamos o penhasco na ponta norte da ilha.

Eu estava empolgado em meu posto de comando, e também contente com o céu claro e com as diferentes paisagens que apreciávamos. Havia bastante água e comida, e minha consciência, tão pesada por ter fugido da paliçada, agora me dava uma trégua pelo grande êxito. Tudo ia às maravilhas, exceto pelo olhar constante e debochado do timoneiro, que acompanhava todos os meus movimentos com um estranho sorriso que surgia continuamente em seu rosto. Era um sorriso que carregava algo de dor e perversidade. O sorriso de um homem cansado da vida, mas além disso, seu olhar tinha um véu de desfaçatez, uma sombra traiçoeira que me perseguia incessantemente.

## 26.

### ISRAEL HANDS

O vento pareceu atender aos nossos desejos e agora nos arrastava para o oeste. Passaríamos facilmente da ponta nordeste da ilha até a entrada da enseada ao norte. O único empecilho é que não conseguiríamos lançar a âncora, pois para isso precisaríamos de marujos. Com isso, seria arriscado tentar aportar antes da maré recuar o suficiente. Estávamos, portanto, à mercê do tempo. O timoneiro me ensinou como manter o navio parado — o que eu só consegui após inúmeras tentativas. Sentamo-nos em silêncio para outra refeição.

— Capitão — disse ele após um tempo, com o mesmo sorriso irônico —, precisamos dar um jeito aqui no meu companheiro O'Brien. Talvez fosse melhor jogá-lo ao mar. Não que ele me incomode aí onde está, tampouco estou arrependido do que fiz, mas não é algo agradável de se olhar, não acha?

— Não consigo carregar esse homem, nem me sinto confortável com essa tarefa. No que depender de mim, ele continua aí — afirmei.

— Este navio é agourento, Jim — ele prosseguiu, piscando um olho. — Já morreu muita gente aqui nesse *Hispaniola*. Perdemos vários marujos desde que saímos de

Bristol. Nunca vi tanto azar. Olha só o O'Brien aqui. Foi um dos que bateu as botas. Eu não entendo desses assuntos, mas você que é um rapaz estudado, me diga: acha que quando um homem morre, acaba tudo, ou ele volta a viver algum dia?

— Quando alguém mata um homem, sr. Hands, quem morre é o corpo, não o espírito. O senhor já deve saber disso — respondi. — O'Brien está em outro mundo agora, talvez até olhando para nós.

— Ah! — retrucou. — Que pena. Sendo assim, matar alguém não tem serventia nenhuma. De qualquer maneira, espíritos não fazem lá muita coisa, então não dou importância para eles. Olha, Jim, agora que você disse o que pensa, me faria a gentileza de descer até a cabine e pegar um... um... que diabos! Esqueci o nome! Bom, me traga uma garrafa de vinho, Jim. Esse rum é muito forte para mim.

A hesitação do timoneiro me pareceu muito estranha, e o fato de preferir vinho ao rum só agravou minha desconfiança. Não acreditei nem um pouco naquela história. Devia ser algum pretexto, sem dúvida. Estava claro que queria ficar sozinho no convés, mas não compreendi sua intenção. Ele evitava me olhar diretamente. Seus olhos percorriam todas as direções, às vezes subiam ao céu, às vezes passavam rapidamente pelo cadáver de O'Brien. Sempre com aquele sorriso e com uma parte da língua para fora, em uma expressão tão culpada e



constrangida que até uma criança perceberia que ele tramava algo. Entretanto, respondi sem hesitar, pois sabia que levava vantagem sobre um sujeito tão estúpido. Por isso mesmo não teria dificuldade em fazê-lo acreditar que eu não suspeitava de nada.

— Vinho, então? — perguntei. — Bem melhor. Prefere tinto ou branco?

— Para mim tanto faz, companheiro — tornou ele. — Desde que seja forte e venha muito, qual a diferença?

— Muito bem. Trarei um porto então, sr. Hands. Mas terei de procurar.

E assim descí à despensa fazendo o máximo de barulho possível. Então tirei meus sapatos e corri silenciosamente para a galeria contígua, subi a escada do castelo de proa e espiei pela escotilha. Como esperado, a pior de minhas suspeitas se confirmou.

Hands se levantou apoiando as mãos nos joelhos. Embora fosse visível que sentia muita dor na perna (ouvi-o abafar um gemido). Rastejou pelo convés com uma rapidez considerável. Em menos de um minuto chegou aos esquadros de bombordo e debaixo de um rolo de corda tirou um facão, ou melhor, um punhal manchado de sangue até o cabo. Olhou para a arma por alguns instantes com uma expressão de satisfação e testou o fio da lâmina com o dedo. Então escondeu-a dentro de sua jaqueta e rastejou de volta para o lugar onde estava.

Era tudo o que eu precisava saber. Israel podia se locomover, tinha uma arma e planejava usá-la para me matar — por isso quis tanto ficar sozinho no convés. O que eu ainda não sabia era o que planejava fazer depois, se rastejaria desde a Enseada Norte até o acampamento do pântano ou se dispararia o canhão na esperança de que seus comparsas ouvissem e fossem resgatá-lo.

Entretanto, eu podia confiar nele em um ponto, que era de comum interesse: o navio. Ambos precisávamos de um porto seguro, de onde, no momento certo, o *Hispaniola* pudesse zarpar novamente com o mínimo de trabalho e risco. Supus que minha vida estaria a salvo até que esse momento chegasse.

Enquanto minha cabeça se ocupava com esses assuntos, meu corpo também permaneceu bastante ativo. Corri furtivamente de volta para a despensa, calcei meus sapatos e apanhei a esmo uma garrafa de vinho, o pretexto necessário para retornar ao convés.

Hands estava na mesma posição em que o deixei, escorado na amurada com os olhos baixos, como se até mesmo a luz o incomodasse. No entanto, ergueu os olhos quando eu me aproximei, quebrou o gargalo da garrafa com evidente prática e deu um bom gole, celebrando com seu brinde habitual:

— À sorte!

Permaneceu parado por alguns minutos, e então tirou um rolo de fumo do bolso e me pediu que cortasse um pedaço.

— Lasca um naco para mim — disse. — Não tenho faca, e mesmo que tivesse, estou sem forças. Ah, Jim, acho que dessa eu não passo. Lasca um naco para mim, porque é bem capaz que seja meu último. Logo vou para minha morada eterna.

— Eu corto um pedaço do fumo, mas se eu estivesse tão mal quanto o senhor, começaria a rezar como um bom cristão — respondi.

— Por quê? De que vale isso, me explica?

— Por quê? — exclamei. — O senhor acabou de me perguntar sobre os mortos! Viveu uma vida de traição, pecado, mentiras e assassinato! Uma de suas vítimas está aí ao seu lado, e o senhor me pergunta por quê? Para pedir a misericórdia divina, sr. Hands, por isso!

Minha resposta foi um tanto exaltada, pois eu pensava no punhal ensanguentado dentro de sua jaqueta e em suas intenções de usá-lo para acabar comigo. Hands, por sua vez, tomou um grande gole de vinho e pôs-se a falar com uma seriedade surpreendente:

— Por trinta anos — começou ele —, eu naveguei pelos mares e vi coisas boas e ruins, mal e bem, céus limpos e tempestades, fome, morte e tudo o mais. E lhe digo uma coisa, nunca vi a bondade produzir algo que preste. Eu ataco antes de ser atacado, esse é meu lema. Homens

mortos não mordem. É isso o que penso. Amém, ou seja lá o que se diz. E agora escute uma coisa — acrescentou, mudando bruscamente de tom —, já chega dessas tolices. A maré já está boa. Faça o que eu disser, capitão Hawkins. Vamos entrar na enseada rapidinho e acabar logo com isso.

Estávamos a uns três quilômetros da praia, mas era uma manobra complicada. Além de estreita e rasa, a entrada para o ancoradouro também era rodeada de barrancos pelos dois lados, portanto o navio tinha de ser muito bem conduzido para entrar. Não havia dúvidas de que Hands era um excelente piloto, e eu tentava obedecer às suas ordens com exatidão e rapidez. Manejamos o navio com cuidado, raspando levemente nas margens — uma manobra tão precisa que dava gosto de ver.

Assim que atravessamos um trecho sinuoso da baía, a terra se fechou ao nosso redor. Os bosques em ambos os lados da Enseada Norte eram tão densos quanto os do ancoradouro ao sul, mas a passagem longa e estreita mais parecia um rio. Logo à nossa frente, na costa sul, vimos os destroços de um navio já bastante deteriorado. Era uma grande embarcação de três mastros, mas jazia há tanto tempo sob as intempéries que estava recoberto de algas gotejantes, com o convés tomado de arbustos e flores silvestres. Era uma triste visão, mas indicava que aquelas águas eram calmas.

— Ali — disse Hands — é o trecho ideal para encalhar o navio. Areia fina e lisa, sem cavidades, árvores ao redor e aquele outro barco que mais parece um jardim.

— Depois de encalharmos, como conseguiremos retirá-lo daí? — perguntei.

— Fácil, fácil — respondeu ele. — Basta amarrar um cabo no navio, levá-lo até aquela outra margem, dar a volta em um pinheiro grande, puxá-lo de volta e amarrar no cabrestante. Aí é esperar a maré. Quando a água subir, puxamos a corda com força, e o navio vira e sai sem problemas. Agora preste atenção, rapaz. Estamos quase chegando, e o navio está rápido demais. Vire um pouco a estibordo... assim... mantenha... estibordo... um pouco a bombordo... mantenha... firme!

Eu obedecia a seus comandos quase sem respirar, até que ele subitamente gritou:

— Agora, rapaz, vire a barlavento!

Girei o leme com toda a força e o *Hispaniola* virou rapidamente, seguindo direto para a praia rasa e arborizada.

A euforia dessa última manobra me distraiu da vigilância rigorosa que eu mantinha sobre o timoneiro até então. Me concentrei tanto na expectativa do navio tocar a areia que me esqueci do perigo que pairava sobre minha cabeça. Me debrucei na amurada para observar as ondas se espalharem ao redor do casco.

Na posição em que estava, eu era uma presa mais do que fácil, mas um sobressalto me fez virar a cabeça. Talvez eu tenha ouvido o assoalho ranger ou visto seu vulto pelo canto do meu olho. Talvez tenha sido apenas instinto. Quando me virei, Hands vinha em minha direção com seu punhal na mão direita.

Ambos gritamos quando nossos olhos se encontraram, mas enquanto o meu foi um grito estridente de terror, o dele foi um rugido de fúria, como um touro solto na arena. Ao mesmo tempo em que ele se lançou contra mim, eu saltei para o lado. Ao fazer isso, tive de largar o leme, que deu uma guinada súbita para sotavento. Foi o que salvou minha vida, pois uma das barras acertou Hands no peito, deixando-o atordoado.

Antes que ele se recuperasse, saí do canto em que havia me cercado e corri para o convés. Quando passei um pouco além do mastro principal, parei, saquei minha pistola e, embora ele já corresse novamente em minha direção, fiz a pontaria com calma e puxei o gatilho. A arma disparou, mas não houve clarão nem barulho: a água do mar havia encharcado a pólvora. Como não me lembrei de secar e recarregar minhas únicas armas? Agora estava naquela situação, como um leitão diante do açougueiro.

Mesmo ferido, a rapidez com que se movia era impressionante. O cabelo desgrenhado dançava sobre a face avermelhada pelo esforço e fúria. Não havia tempo para usar a outra pistola — e eu tinha certeza de que

também falharia. Uma coisa era clara: eu não poderia continuar recuando, pois ele me deixaria sem saída no canto da proa, assim como havia feito na outra extremidade do navio. Se isso acontecesse, minha vida terminaria naqueles vinte centímetros de lâmina ensanguentada. Apoiei minhas mãos no mastro, que era bastante largo, e esperei, com todos os meus nervos tremendo.

Ele percebeu que minha intenção era desviar, e também parou. Ficamos por alguns momentos em movimentos de ameaça de ataque e fintas recíprocas. Era como brincar com as crianças nas pedras da Colina Negra, perto de casa. Mas nunca antes eu havia brincado de pega-pega apostando a vida. Ainda assim, era um jogo infantil, e eu precisava levar a melhor sobre um velho marinheiro com a perna ferida. O fato é que aquilo me deu coragem e eu me permiti alguns pensamentos sobre como finalizaria a questão. Não tinha dúvidas de que conseguiria escapar aos seus ataques pelo tempo que quisesse, mas não vislumbrava nenhuma chance de fuga definitiva.

Enquanto estávamos nesse impasse, o *Hispaniola* subitamente afundou parte de seu casco na areia, para em seguida, num movimento rápido, cambalear para bombordo até ficar em uma inclinação de quarenta e cinco graus, fazendo com que a água invadissem os esquadros e formasse uma piscina entre o tombadilho e a amurada.

Fomos derrubados imediatamente e rolamos quase juntos até as bordas. O pirata morto, ainda de braços abertos, nos seguiu de perto na queda. Caímos tão próximos um do outro que minha cabeça atingiu o pé do timoneiro, uma pancada tão forte que meus dentes tremeram. Mesmo zonzó, fui o primeiro a levantar, pois o cadáver caíra sobre Hands. Era impossível correr sobre o convés, inclinado como estava, então tive de procurar outra forma de escapar — e teria de ser o mais rápido possível, pois meu algoz já vinha em meu encalço. Rápido como um raio, agarrei a vela da mezena e a escalei sem respirar até conseguir me apoiar em uma das vergas.

Minha agilidade me salvou. Enquanto escalava, o punhal atingiu o mastro a poucos centímetros do meu pé. Israel me olhava boquiaberto, parado como uma estátua, surpreso e frustrado.

Com o tempo que ganhei, imediatamente passei a limpar e recarregar a pistola que eu ainda não havia disparado. Para aumentar minhas chances, logo em seguida fiz o mesmo com a outra.

Minha recuperação deixou Hands desconcertado. Ele percebeu que a sorte se virava contra ele. Após hesitar por alguns segundos, pôs o punhal na boca, agarrou a vela e começou a escalá-la, devagar e penosamente. Seus movimentos eram lentos e, a julgar por seus gemidos, bastante dolorosos. Tive tempo de sobra para preparar minhas armas. Quando ainda estava a um terço da



distância eu já tinha uma pistola em cada mão, então falei:

— Mais um passo, sr. Hands, e estouro sua cabeça. Homens mortos não mordem, sabia? — acrescentei com um sorriso irônico.

Ele parou no mesmo instante. Pela forma como contorcia sua face percebia-se que tentava encontrar uma saída. Era um esforço lento e inútil, e resguardado pela minha posição de segurança, comecei a rir. Seu rosto mantinha a mesma expressão perplexa. Retirou o punhal da boca para falar, mas fora isso, continuou imóvel.

— Jim — começou ele —, acredito que estamos sem saída, tanto você quanto eu, e precisamos chegar a um acordo. Se não fosse nossa queda, eu teria acabado com você, mas minha má sorte não permitiu. Acho que vou ter de me render, e é muito duro para um marujo do meu porte aceitar a derrota para um grumete como você.

Suas palavras inflavam meu ego e eu sorria distraído, peito estufado como um galo, quando de repente, em um movimento rápido, dobrou seu braço com a mão sobre o ombro. Algo zuniu pelo ar como uma flecha. Senti o golpe e uma dor aguda. A adaga cravara meu ombro ao mastro. Atordoado pela dor e surpresa — em um movimento quase inconsciente — disparei minhas duas pistolas, e ambas caíram de minhas mãos. Não foram a única coisa a cair. Com um grito abafado, o timoneiro largou a lona e mergulhou de cabeça no mar.

27.

## “PEÇAS DE OITO”

**C**om a inclinação do navio, os mastros estavam suspensos sobre o mar — a única coisa que eu via da cruzeta onde estava empoleirado. Hands, como havia escalado apenas uma parte do mastro, caiu entre mim e a amurada, agora submersa. Emergi em uma mancha de espuma e sangue para tornar a afundar, dessa vez para sempre. Quando a água se acalmou, pude vê-lo contorcido na areia branca, à sombra do casco do *Hispaniola*. Um ou dois peixes passaram por ele. Com o movimento da corrente, ele às vezes parecia se mover também, como se quisesse se levantar. Mas morto como estava, seria impossível. Baleado e afogado, viraria comida de peixe no mesmo lugar em que tinha planejado me matar.

Logo após essa constatação, passei a me sentir enjoado, fraco e aterrorizado. O sangue escorria quente pelo meu pescoço e costas. O punhal que prendia meu ombro ao mastro queimava como ferro em brasa. Apesar disso, nenhum desses males me preocupava — podia suportá-los sem grandes pesares. O que me horrorizava era a possibilidade de despencar e afundar na água verde sobre o corpo do timoneiro.

Agarrei-me ao mastro com ambas as mãos, ferindo minhas unhas, e fechei os olhos como se isso pudesse me livrar do perigo. Pouco a pouco minha mente e minha pulsação se acalmaram e me recompus.

Meu primeiro impulso foi retirar o punhal, mas ou estava fundo demais ou me faltou a coragem necessária para puxá-lo. Após uma tentativa que me fez estremecer, desisti. Ironicamente, foi esse estremecimento que me libertou. Por muito pouco a faca não erra seu alvo, e me prendia apenas por uma fina camada de pele, que meu movimento se encarregou de cortar. O sangue começou a escorrer mais rápido, mas não me deixei impressionar. Só o que me prendia ao mastro era meu casaco e a camisa.

Me desvencilhei com um puxão, e deslizei por um dos cabos de bombordo até chegar novamente ao convés. Por nada no mundo teria descido pelos cabos do lado oposto, do qual Israel havia caído.

Desci à cabine e tentei cuidar do meu ferimento como pude; doía muito e ainda sangrava bastante, mas não era um corte profundo ou grave. Conseguia mover meu braço sem muito esforço. Olhei em volta, e como o navio agora era, por assim dizer, todo meu, tinha de me livrar de seu último passageiro — o cadáver de O'Brien.

Ele havia rolado até a amurada, como contei, contorcido como um fantoche macabro, em tamanho real, mas sua cor e aparência em nada se pareciam com as de uma pessoa. Na posição em que estava, não seria difícil

levantá-lo. Minhas últimas e trágicas experiências haviam me deixado quase indiferente aos mortos. Agarrei-o pela cintura como um saco de aveia e o atirei ao mar. Após um mergulho barulhento, apenas o gorro vermelho continuou boiando. Quando a água se acalmou, pude vê-lo ao lado de Israel, ambos se remexendo com o vai e vem da corrente. Apesar de jovem, O'Brien era já bastante calvo. Era uma estranha cena, aquela careca pousada nos joelhos de seu assassino, enquanto os peixes os circulavam em movimentos ágeis.

A maré começou a virar e eu estava sozinho no navio. O sol já se punha e as sombras dos pinheiros se alongavam pela margem oeste, atravessavam o ancoradouro e desenhavam figuras no convés. O vento noturno soprava mais forte e, mesmo com a proteção das duas colinas ao leste, o cordame assobiava baixinho e as velas eram sacudidas de um lado para o outro.

Percebi que aquilo representava perigo para o navio. Consegui soltar as bujarronas e as estendi no convés, mas a vela principal seria um problema. Quando o *Hispaniola* se inclinou, a verga inferior girou para dentro d'água, afundando consigo meio metro de lona. A meu ver, isso tornava o risco ainda maior, mas recolhê-la sozinho seria um trabalho tão árduo que hesitei. Por fim, peguei minha faca e cortei os cabos que a prendiam ao mastro. A parte superior caiu imediatamente, e uma barriga de lona solta flutuou à tona. Por mais que eu puxasse, seu peso era

demais para mim, ou seja, não havia nada mais a fazer. Dali em diante, tanto eu quanto o *Hispaniola* dependeríamos apenas da sorte.

A essa altura todo o ancoradouro estava escuro — me lembro apenas de que alguns dos últimos raios de sol escapavam por entre as árvores, brilhando como joias no manto florido do navio destruído. Começou a esfriar e a maré baixava rapidamente. O *Hispaniola* se inclinava cada vez mais sobre seu casco.

Com dificuldade, fui até a amurada e olhei para baixo. Parecia estar já bem raso. Segurando o cabo cortado com ambas as mãos, deslizei para fora do navio. A água mal chegava à minha cintura, e a areia, apesar de marcada pela corrente, estava bem firme. Cheguei à praia me sentindo muito bem, com o *Hispaniola* inclinado atrás de mim e sua grande vela dançando sobre as águas da baía. No mesmo instante, o sol se pôs completamente e a brisa soprou na escuridão entre os pinheiros.

Depois de tudo o que passei, finalmente estava em terra firme, e não voltava de mãos vazias. Nossa escuna estava livre dos piratas e nossos homens poderiam novamente subir a bordo e voltar ao mar. Eu queria muito voltar à cabana e me gabar dos meus feitos. Talvez eu fosse repreendido por minha saída furtiva, mas a recuperação do *Hispaniola* compensaria o desafio. Eu tinha esperanças de que mesmo o capitão Smollett reconhecesse meus esforços.

Comecei a caminhar de volta para a paliçada de meus companheiros entre esses pensamentos e um ótimo humor. Me lembrei de que o rio que passava mais ao leste do ancoradouro do Capitão Kidd descia da colina de dois picos à minha esquerda. Portanto, tomei essa direção na esperança de encontrar o rio e atravessá-lo enquanto ainda fosse estreito. O bosque não era muito fechado e, seguindo trilhas pelos arbustos mais baixos, contornei a colina. Logo eu atravessava o riacho, com água pelas canelas.

Cheguei próximo ao local onde havia encontrado Ben Gunn, o exilado. Eu caminhava com cuidado, olhando para todos os lados. A noite já ia completamente escura e, ao passar pelo desfiladeiro entre os dois picos, notei um clarão ao longe. Inicialmente imaginei se tratar da fogueira do jantar do homem da ilha. No entanto, logo deduzi que ele não seria tão descuidado ao ponto de se expor daquela maneira. Se eu via o brilho daquela fogueira, talvez Silver e seus homens acampados no pântano também a vissem.

A noite ficou mais e mais escura, dificultando cada vez mais a orientação. Os picos atrás de mim e a Colina da Luneta à direita desapareciam lentamente. As estrelas eram esparsas e pálidas e eu constantemente tropeçava em arbustos ou escorregava em buracos na areia.

De repente uma claridade me atingiu. Olhei para cima e vi a fraca luz do luar brilhando sobre o pico da Colina da Luneta. Em seguida o disco prateado se ergueu por detrás das árvores. A lua nascera.

Com essa nova aliada, venci rapidamente o que faltava do caminho. Cheguei até a correr, tão impaciente por chegar logo à paliçada. Contudo, no bosque ao redor da fortaleza, diminuí o passo e me aproximei mais lentamente. Seria um final irônico para minha aventura se eu fosse baleado por engano por meus próprios companheiros.

Cada vez mais alta, a lua iluminava as áreas mais abertas do bosque. Notei à minha frente, entre as árvores, outra tonalidade de luz. Clara e vermelha, com um brilho intermitente — como brasas de uma fogueira se apagando.

Juro que não fazia ideia do que poderia ser.

Finalmente cheguei às margens da clareira. O luar iluminava o lado oeste, mas a escuridão envolvia todo o resto, incluindo a cabana, cortada por fachos de luz prateada. Ao fundo da casa uma imensa fogueira apagada ainda lançava o brilho intenso de brasas, causando um forte contraste com a suave luz da lua. Não havia nenhuma alma à vista, nenhum ruído além do vento.

Parei com o coração palpitando de espanto e talvez um pouco de terror. Não era nosso costume fazer fogueiras tão grandes. Aliás, as ordens do capitão eram para que fôssemos econômicos com a lenha, e temi que algo de ruim houvesse acontecido em minha ausência.

Caminhei com cuidado pela margem direita da paliçada, oculto pelas sombras. Saltei a cerca na parte mais escura do terreno.

Por precaução, fui engatinhando até um dos cantos da casa, em completo silêncio. Quando me aproximei senti um grande alívio. O ronco dos meus companheiros não era exatamente agradável — eu inclusive já me queixara com eles, mas naquele momento foi como música para meus ouvidos. Um canto de sereias que me assegurava que tudo estava bem.

Mas uma coisa estava clara: a péssima vigilância. Se por acaso eu fosse Silver e seus companheiros, não restaria ninguém vivo ao amanhecer. Era uma das desvantagens de ter um capitão ferido, pensei. Fui novamente tomado pela culpa de tê-los abandonado em uma situação daquelas e com tão poucos guardas.

Fui até a porta e a abri. O interior da casa completamente escuro não permitia distinguir nada. Só ouvia o ressonar constante dos homens e um ou outro ruído, como um estalo ou bater de asas que não consegui identificar.

Entrei na casa com os braços estendidos à minha frente. Pensei, sorrindo, que poderia me deitar no lugar de sempre e ver que cara fariam ao me encontrar ali pela manhã.

Meu pé bateu em algo no chão: era a perna de um dos homens, que se virou com um resmungo, mas não acordou.

De repente, uma voz estridente irrompeu na escuridão:



— Peças de oito! Peças de oito! Peças de oito! — E muitas vezes mais, sem parar ou mudar o tom, como um pequeno moinho trabalhando.

Era o Capitão Flint, o papagaio verde de Silver! O som que eu ouvira era ele bicando uma das toras. O pássaro era um vigia melhor do que qualquer homem, e anunciava minha chegada com seu bordão monocórdio.

Não tive tempo de pensar em nada. Com os gritos esganiçados do papagaio, os homens acordaram e se levantaram. A voz de Silver ecoou como uma maldição:

— Quem está aí?

Virei para fugir e dei um encontrão violento em alguém. Recuei e me atirei nos braços de outro, que me agarrou.

— Dick, traz uma tocha! — disse Silver ao perceber que o intruso havia sido capturado.

Um dos homens saiu da cabana e voltou logo em seguida com uma acha em brasa.

**PARTE SEIS**

**CAPITÃO SILVER**

## 28.

# EM TERRITÓRIO INIMIGO

O brilho vermelho da tocha iluminou o interior da cabana e me mostrou que o pior dos meus medos se tornara realidade. Os piratas haviam tomado a paliçada e a casa. Lá estavam o barril de conhaque, a carne de porco e os biscoitos, tal como eu os havia deixado. Mas o que multiplicou meu terror foi ver que não havia nem sinal de prisioneiros. Só o que pude pensar foi que todos os meus companheiros estavam mortos, e senti um peso no coração por não ter ficado com eles.

Os piratas estavam em seis; ninguém mais havia sobrevivido. Cinco deles estavam em pé, com os rostos vermelhos e inchados, subitamente acordados de seu sono de embriaguez. O sexto estava apenas apoiado nos cotovelos, com uma palidez cadavérica e uma atadura ao redor da cabeça, manchada pelo sangue de uma ferida recente. Me lembrei do homem que havia sido atingido por um disparo e fugido entre as árvores, sem dúvida era ele.

O papagaio estava sobre um dos ombros de Silver, que alisava sua plumagem. O próprio Silver me pareceu mais pálido e tenso do que o habitual. Ainda vestia o casacão azul que usou em sua missão diplomática, agora em estado muito pior, manchado de lama e desgastado pelos galhos da floresta.

— Vejam só — disse ele — se não é Jim Hawkins, diabos me levem! Veio fazer uma visitinha, é? Pois bem, entre. Você é bem-vindo aqui.

Sentou-se sobre o barril de conhaque e começou a encher seu cachimbo.

— Dick, me empresta o fogo — pediu Silver e, quando o fumo estava bem aceso, prosseguiu: — Pronto, rapaz, enfie esta tocha na pilha de lenha. E vocês, homens, podem se deitar! Não precisam ficar acordados por causa do sr. Hawkins. Ele não vai levar a mal. Pois muito bem, Jim — continuou, parando de fumar —, aqui está você, que surpresa agradável para o velho John. Quando te conheci, vi que era um rapaz inteligente, mas por essa eu não esperava. Não mesmo.

Como era de se imaginar, eu não conseguia responder nada a ele. Os piratas haviam me colocado de costas para a parede, e assim fiquei, olhando para Silver e tentando parecer tranquilo, mas com o coração apertado de desespero.

Silver deu mais algumas tragadas em seu cachimbo, serenamente, e continuou:

— Sabe, Jim, já que você está aqui, falarei francamente. Sempre gostei de você. É um rapaz valente e me lembra a mim mesmo na sua idade. Minha vontade sempre foi que você se juntasse a nós e recebesse sua parte, e assim se tornasse um legítimo senhor da própria sorte. E agora, meu menino, é o que você terá de fazer. O

capitão Smollett é um bom marinheiro, reconheço, mas um tanto rígido demais. “O dever em primeiro lugar”, é o que ele diz, e está certo. Mas seria melhor você ficar longe dele. Até o médico está doido para pôr as mãos em você. “Malandro ingrato”, foi como ele te chamou. A história toda é a seguinte: você não pode voltar para sua antiga turma, pois eles não querem mais saber de você. Imagino que também não vai querer montar uma terceira tripulação sozinho, afinal, seria um grupo bem pequeno. Só o que te resta é se juntar ao capitão Silver.

Seu relato era um bom sinal. Significava que meus amigos ainda estavam vivos e, mesmo tendo acreditado em parte do que Silver falou — que estavam ressentidos com minha deserção —, o que ouvi aliviou minhas preocupações.

— Não vou dizer que você está em nossas mãos — continuou Silver —, embora esteja, pode acreditar. Sou sempre a favor de uma boa conversa, penso que ameaças não resolvem nada. Se a proposta te agrada, você é bem-vindo para se juntar a nós. E se não te agrada, Jim, bem, você é livre para recusar. Sua decisão será bem aceita, companheiro. E que o diabo me leve se houver proposta mais justa que essa!

— Eu tenho de responder agora? — perguntei com a voz trêmula.

O tom irônico de Silver me fez sentir como se a morte pairasse sobre mim. Minhas bochechas queimavam e meu coração batia tão acelerado que chegava a doer.

— Ninguém está te pressionando, rapaz — tornou ele.  
— Pense com calma. Ninguém aqui está com pressa, companheiro, e sua companhia nos agrada muito, você sabe.

— Bem, se eu preciso tomar uma decisão, tenho o direito de saber qual é a situação real. Por que vocês estão aqui na paliçada e onde estão meus amigos? — perguntei, tentando mostrar coragem.

— Situação real? — resmungou um dos piratas. — Também queria encontrar quem soubesse!

— Talvez seja melhor você ficar de boca fechada até falarem contigo, meu amigo — exclamou Silver ríspidamente.

E voltando ao seu amigável tom inicial, me respondeu:

— Ontem de manhã, sr. Hawkins, de madrugada ainda, o dr. Livesey foi até nosso acampamento com uma bandeira de trégua. Ele chegou e me disse, “Capitão Silver, está tudo acabado para o senhor. O navio sumiu”. Bem, talvez a gente estivesse tomando um copo ou dois, e cantando um pouco para passar o tempo, não sei dizer. O fato é que nenhum de nós estava prestando atenção no navio. Quando olhamos, com os diabos, não é que tinha sumido mesmo? Meus marujos ficaram completamente

embasbacados, e te garanto que eu era o mais surpreso de todos. “Pois então”, disse o médico, “vamos negociar”. Sentamo-nos para negociar, e cá estamos nós, na cabana com os suprimentos, o rum e a lenha que vocês já tinham feito o favor de cortar. Ou, seja, ganhamos do mastro à quilha, por assim dizer. E não sei aonde seus companheiros foram, só sei que debandaram.

E, tranquilamente, deu outra tragada em seu cachimbo.

— E não se engane, você não estava incluído no acordo — continuou —, pois no final eu perguntei a ele, “Vocês estão em quantos?”. “Em quatro”, ele me respondeu, “mas um está ferido. Não sei onde aquele moleque ingrato foi parar, nem quero saber. Ele já nos causou muitos problemas”. Foram as palavras dele.

— E nada mais? — perguntei.

— Bem, é tudo o que eu tenho para dizer — respondeu Silver.

— E agora tenho que decidir o que fazer?

— Agora tem que decidir o que fazer, isso mesmo.

— Bem, não sou tão bobo quanto pensam e sei muito bem o que me espera. Caso o pior aconteça, pouco me importa. Desde que encontrei vocês, já vi muitos morrerem — eu me exaltava cada vez mais. — O que tenho a dizer é o seguinte: pelo que vejo, vocês estão em uma péssima situação aqui. Perderam o navio, o tesouro e vários de seus homens. Todo o seu plano foi por água abaixo. E sabem

quem foi o responsável por isso? Eu! Na noite em que avistamos a ilha, eu estava dentro do barril de maçãs. Ouvi você, John, e você, Dick Johnson, e também o Hands, que agora está no fundo do mar. E logo em seguida reporteí cada palavra que disseram. Fui eu quem cortou o cabo da âncora do navio, eu quem matou os homens a bordo, e eu que o escondi em um lugar onde nenhum de vocês conseguirá encontrá-lo. Eu estou rindo por último, pois estava em vantagem desde o começo. Uma mosca me mete mais medo do que vocês. Façam o que quiserem, me matem ou me deixem viver. Digo apenas uma coisa: se me pouparem, esqueço tudo o que se passou, e farei o possível para salvá-los quando forem julgados por pirataria. A escolha é de vocês. Se me matarem, serei apenas mais uma de suas vítimas, o que não lhes ajudará em nada. Se me pouparem, terão uma testemunha que pode salvá-los da força.

Calei-me, pois já estava sem fôlego. Para meu espanto, nenhum deles moveu um músculo. Continuaram sentados, me encarando como um rebanho de ovelhas. Antes que dissessem qualquer coisa, continuei:

— Sendo assim, sr. Silver, acredito que quem decide aqui é o senhor. Caso escolham me matar, peço apenas a gentileza de contarem meus feitos ao doutor.

— Levarei isso em consideração — Silver respondeu em um tom de voz tão estranho que não consegui saber se



caçoava de mim ou se estava impressionado pela minha coragem.

— E tem mais! — gritou Morgan, o velho marujo de rosto bronzeado que eu havia visto na taberna de Long John, em Bristol. — O menino conheceu o Cão Negro.

— E não é só isso, com os diabos! — acrescentou o cozinheiro. — Também foi ele quem falsificou o mapa do Billy Bones. Desde o começo, Jim Hawkins está atrapalhando nossa vida!

— E agora já chega! — completou Morgan, com um palavrão, levantando-se com um salto e sacando sua faca com a agilidade de um garoto.

— Alto lá! — gritou Silver. — Quem você pensa que é, Tom Morgan? Por acaso acha que é o capitão? Você está precisando de uma lição, inferno! Se me enfrentar, vai ter o mesmo destino que muitos tiveram antes de você, nesses últimos trinta anos. Alguns eu pendurei no mastro, outros fiz andar pela prancha, mas todos viraram comida de peixe, malditos sejam! Quem me dá nos nervos não costuma ver o dia seguinte, Tom Morgan, pode apostar.

Morgan ficou imóvel, mas alguns do grupo começaram a resmungar.

— Tom está certo — disse um deles.

— Já aturei ordens demais — acrescentou outro. — Prefiro a força a ser atormentado por você, John Silver.

— Algum dos senhores quer tentar a sorte comigo? — rosnou Silver, inclinando-se no barril, o cachimbo ainda ardendo em sua mão direita. E continuou:

— Digam o que querem, vocês têm boca, não têm? Comigo é assim, quem quer, leva. Não vivi todos esses anos para agora vir um filho de uma cadela me desafiar. Estou aqui! Quem tiver coragem, que pegue seu sabre. Corto o maldito em dois antes do meu cachimbo se apagar.

Ninguém se moveu e ninguém respondeu.

— Essa é a laia de vocês — acrescentou, levando o cachimbo à boca. — Todos muito engraçadinhos, mas na hora do vamos ver não são lá grande coisa. Mas talvez vocês saibam ouvir. Eu sou o capitão porque fui eleito. Eu sou o capitão porque sou de longe o melhor marujo aqui. E já que vocês não têm coragem de me enfrentar como senhores da própria sorte, então vão me obedecer, com mil diabos! Eu gosto do menino! Nunca vi um rapaz melhor! Ele é mais homem do que qualquer um de vocês nesta casa, e digo mais: quem tocar num fio de cabelo dele vai se ver comigo, podem apostar!

Seguiu-se uma longa pausa. Continuei contra a parede, com meu coração batendo forte como uma marreta, mas agora já vislumbrava um fio de esperança. Silver se recostou na parede atrás dele, de braços cruzados e com o cachimbo no canto da boca, calmo como se estivesse em uma igreja. No entanto, seu olhar ainda vagava furtivo, atento a cada um de seus capangas. Os

piratas, por sua vez, foram pouco a pouco se juntando no canto oposto da cabana, e seus sussurros zuniam em meu ouvido como um silvo de cobra. Erguiam suas cabeças alternadamente e a luz vermelha da tocha iluminava suas expressões nervosas. Não era para mim que olhavam, porém; era para Silver.

— Parece que vocês querem dizer alguma coisa — disse Silver, cuspidando longe. — Desembuchem logo ou calem a boca.

— Com todo o respeito, senhor — um dos homens respondeu. — O senhor é bem flexível com algumas regras, mas talvez pudesse seguir outras delas. A tripulação está descontente com tantos maus tratos. Temos direitos como qualquer outro marujo, se me permite ser franco. E de acordo com suas próprias regras, podemos conversar entre nós. Por isso, com sua licença, reconhecemos que o senhor é o capitão, mas reivindicamos o direito de fazer uma reunião da tripulação lá fora.

E com uma afetada reverência, esse sujeito alto, de cerca de trinta e poucos anos, aspecto enfermo e olhos amarelos andou calmamente até a porta e desapareceu. Os outros seguiram seu exemplo, e um após o outro passavam por Silver prestando uma continência e dando suas próprias justificativas.

— Apenas seguindo regras — desculpou-se um.

— Reunião de tripulação — acrescentou Morgan.

E assim, com um ou outro comentário, todos saíram e deixaram Silver e eu sozinhos com a tocha.

O cozinheiro tirou seu cachimbo da boca no mesmo instante.

— Escute aqui, Jim Hawkins — disse em um sussurro quase inaudível. — Você está a um passo de perder a vida, e o que é muito pior, de ser torturado também. Eles vão me destituir. Mas eu estou do seu lado haja o que houver, pode acreditar. Minha intenção era outra, mas o que você disse me convenceu. Eu estava desesperado por ter perdido o tesouro, e com medo de acabar na forca. Mas percebi que você apareceu na hora certa. Pensei comigo mesmo, “ajude o Hawkins, John, que ele te ajudará. Você é a última chance que ele tem, e com os diabos, ele é a sua também! Uma mão lava a outra”, foi o que eu pensei. Você salva meu pescoço e eu ganho uma testemunha.

Eu estava começando a entender a situação.

— Você quer dizer que está tudo perdido? — perguntei.

— É o que eu estou dizendo, diabos me levem! — respondeu ele. — Perdemos o navio e estamos a ponto de perder a vida, a verdade é essa. Quando olhei para a baía e vi que o navio tinha sumido... bem, sou um sujeito forte, mas naquela hora perdi o ânimo. E quanto a essa tripulação reunida lá fora, não passam de um bando de idiotas e covardes. Eu te salvo deles... se eu conseguir. Mas

olha só, Jim, é elas por elas. Você trata de salvar Long John da força.

Eu estava atordoado. O que ele me pedia parecia impossível. Ele, o velho pirata, o idealizador e líder do motim.

— Farei tudo o que eu puder — afirmei.

— Negócio fechado! — exclamou Long John. — Você fala com bravura, e temos uma chance agora, com os diabos!

Foi mancando até a pilha de lenha onde estava a tocha e acendeu novamente seu cachimbo.

— Você precisa entender, Jim — disse ao voltar. — Eu não sou nenhum maluco. Estou do lado do barão agora. Sei que você escondeu o navio em algum lugar. Não sei como fez isso, mas sei que ele está bem guardado. Acho que Hands e O'Brien ficaram moles. Nunca achei que fossem lá grande coisa mesmo. Mas me escute bem. Não farei perguntas, tampouco vou aceitar ser questionado. Reconheço quando perco, e reconheço um rapaz leal quando vejo um. Ah, você ainda é jovem, Jim! Poderíamos ter conquistado muitas coisas juntos!

Foi ao barril de conhaque e tirou um pouco em uma caneca de lata.

— Aceita um gole, companheiro? — ofereceu ele. Após minha recusa, continuou: — Bom, eu vou tomar um dedinho. Para me dar força, porque vai vir confusão por aí.

Falando nisso, por que afinal o médico me deu o mapa, Jim?

A surpresa em meu rosto foi tão genuína que ele percebeu que seria inútil fazer mais perguntas.

— Pois é, ele me deu — prosseguiu. — E tem coisa aí, sem dúvida. Tem algo por trás disso, Jim. Algo bom ou ruim.

E tomou outro gole de conhaque, sacudindo sua cabeça grande e loura, como um homem que espera pelo pior.

## 29.

### DE NOVO A MARCA NEGRA

**A** reunião dos piratas se prolongou por algum tempo, até que um deles voltou à cabana e, repetindo a mesma reverência (que me parecia um tanto irônica), pediu a tocha emprestada. Após a permissão de Silver, o emissário saiu novamente, nos deixando no escuro.

— O tempo vai fechar, Jim — comentou Silver, que a essa altura já falava comigo em um tom amigável e relaxado.

Fui até a seteira mais próxima e olhei para fora. As brasas da grande fogueira haviam se apagado e lançavam um brilho tão fraco e fugidio que entendi por que precisavam da tocha. Os conspiradores estavam agrupados no centro da clareira, na metade do caminho até a cerca. Um deles segurava a tocha e outro estava de cócoras no centro do grupo. Em sua mão era possível ver uma lâmina que refletia em diversas cores o luar e o clarão da tocha. Os outros piratas se inclinavam ligeiramente para observar o que o homem ao centro fazia. Afinal, pude ver que, além da faca, ele tinha também um livro nas mãos. Eu ainda tentava compreender por que razão teria algo tão insólito nas mãos quando ele enfim se levantou e todo o grupo começou a vir em direção à cabana.

— Estão voltando — comentei ao me virar e caminhar para a posição em que estava anteriormente. Pareceu-me pouco digno ser apanhado espiando.

— Pois que venham, rapaz. Que venham — respondeu Silver alegremente. — Ainda tenho uma carta na manga.

A porta se abriu e os cinco piratas entraram, amontoados em um grupo compacto, até que um deles foi empurrado para frente. Em qualquer outra circunstância teria sido engraçado vê-lo andando tão devagar, hesitando a cada passo e com a mão direita estendida e fechada.

— Venha até aqui, rapaz — exclamou Silver. — Não vou te morder. Passe para cá, patife. Conheço bem as regras. Não vou fazer mal a um mensageiro.

Mais confiante após esse encorajamento, o pirata deu um passo à frente e entregou algo a Silver, para em seguida voltar depressa para junto do grupo.

O cozinheiro analisou o que lhe havia sido entregue.

— A marca negra! Bem que eu esperava — comentou ele. — Onde vocês arranjam papel? Ora, mas que negócio é esse? Isso aqui dá azar! Vocês cortaram um pedaço da bíblia! Quem foi o idiota que cortou uma bíblia?

— Estão vendo? — exclamou Morgan. — Estão vendo? Bem que eu avisei! Isso traz coisa ruim, foi o que eu falei.

— Pois é, vocês mesmos selaram seu destino — continuou Silver. — Vão acabar na forca, é o que eu acho. Quem é o desmiolado que tinha uma bíblia?

— O Dick — um deles respondeu.



— Ah, o Dick? Então Dick pode começar a rezar — advertiu Silver. — Ele acabou de escrever sua própria sorte, pode apostar.

Foi quando o homem alto de olhos amarelos interveio:

— Chega de conversa mole, John Silver! Você recebeu a marca negra. A tripulação decidiu, como manda a lei. Abra o bilhete e leia, como manda a lei. Depois poderá falar o que quiser.

— Muito obrigado, George — tornou o cozinheiro. — Você sempre levou as coisas muito a sério e sabe as regras de cor, dá até gosto. Bem, vamos ver o que é. Ah, sim! *Deposto*. É isso então? Muito bem escrito, sem dúvida. Juro que parece impresso. É a sua letra, George? Você está se destacando muito. Não vai ser surpresa nenhuma se você for o próximo capitão. Mas me faça a gentileza de passar a tocha de novo, por favor? Meu cachimbo apagou.

— Ora, Brasa — respondeu George. — Você já não engana mais ninguém. Você se considera muito engraçado, mas a brincadeira acabou. Desça desse barril e tome parte na votação.

— Achei que você conhecesse bem as regras — observou Silver, com desdém. — Bem, se não conhece, eu conheço. Vou continuar aqui, ainda como capitão, saiba disso, até vocês dizerem quais são suas queixas e eu ter a chance de respondê-las. Enquanto isso não for feito, a

marca negra não vale de nada. Veremos o que acontece depois.

— Não se preocupe com isso — respondeu George. — Estamos *todos* bem entendidos aqui. Primeiro, você arruinou essa viagem, e teria que ser muito cara de pau para negar isso. Depois, você deixou nossos inimigos escaparem desta armadilha aqui muito facilmente. Por que eles queriam tanto sair daqui? Eu não sei, mas está claro que essa era a intenção deles. E além disso, você não permitiu que fôssemos atrás deles. Já entendemos o seu plano direitinho, John Silver. Você quer ficar com todo o tesouro para si, é isso o que você quer. E para finalizar, tem esse moleque aí.

— Isso é tudo? — Silver perguntou calmamente.

— É mais do que suficiente — afirmou George. — Vamos esturricar na forca por causa das suas trapalhadas.

— Pois muito bem, vou responder suas queixas, uma por uma. Então eu arruinei a viagem? Todos vocês sabiam do plano, e se o tivessem seguido estaríamos agora a bordo do *Hispaniola*, como planejado, tudo mundo vivo, de barriga cheia e com o tesouro no porão, com os diabos! Quem se virou contra mim? Quem quer tirar meu posto legítimo de capitão? Quem quis me dar a marca negra logo no dia em que desembarcamos e começou esse joguinho? Ah, é um belo jogo, nisso estamos de acordo. Um jogo que vai acabar com todo mundo pendurado na Doca da Execução de Londres, isso sim. E quem são os responsáveis

por isso? Anderson, Hands, e você, George Merry! Você é o único do seu grupo de insolentes que ainda está vivo! E ainda tem a audácia de querer me destituir? Logo você, que fez tudo ir por água abaixo? Com mil diabos! Nunca ouvi nada igual!

Silver fez uma pausa, e foi possível notar que suas palavras tiveram efeito sobre os rebelados.

— Isso responde à sua primeira queixa — exclamou o acusado, limpando o suor da testa. Estava tão exaltado que seus gritos faziam a casa tremer. — Juro, me dá náusea ter de falar isso. Vocês não têm brio nem memória, nem suas mães chamariam vocês de marinheiros! Senhores da própria sorte, pois sim! Estão mais para futriqueiros!

— Continue, John — disse Morgan. — Fale para todos ouvirem.

— Ah, todos! — exclamou John. — Que belo grupo, não é mesmo? Você mesmo disse que essa viagem foi arruinada. Mas duvido que faça ideia de como as coisas estão ruins para nós! Estamos tão perto da força que meu pescoço chega a tremer só de pensar nisso. Talvez já tenham visto piratas acorrentados, com os pássaros sobrevoando e os marujos caçoando deles enquanto afundam com a maré. “Quem é aquele?”, alguém diz. “Ah, é John Silver. Velho conhecido”, responde outro. E dá para ouvir o tilintar das correntes dentro da água. Essa é a nossa situação, de cada um aqui. Graças a você, ao Hands e ao Anderson, e aos idiotas que foram na conversa de vocês. E

se quer saber sobre o moleque, diabos me levem, ele não é nosso refém? Vamos jogar essa vantagem fora? Nem pensar! Ele pode ser nossa última chance, e não é de se admirar! E vocês querem matá-lo? Eu não vou fazer parte disso, companheiros! Sobre a terceira queixa, ah, tenho muito a dizer sobre isso! Talvez vocês não achem grande coisa poder se tratar com um médico de verdade quando precisam. Você, John, está aí com a cabeça quebrada. E você, George Merry, há menos de seis horas estava tiritando de febre, e ainda agora está com os olhos amarelos feito bananas! Talvez vocês também não saibam que há um navio de resgate vindo para cá? Pois bem, está vindo e não tarda muito a chegar. E aí vamos ver se é bom ou não ter um refém. Sobre eu ter aceitado o acordo, oras, vocês praticamente me pediram de joelhos. Imploraram, de tão desesperados que estavam! E teriam morrido de fome se eu não tivesse aceitado. Isso tudo é ninharia perto de... Vejam vocês mesmos! Por isso eu aceitei!

E mostrou um documento que reconheci imediatamente. Nada menos que o mapa da ilha, o mesmo papel amarelado e com as três cruces vermelhas que eu encontrei no fundo do baú do capitão. Por que o doutor teria dado o mapa a eles, eu não fazia ideia.

E se era inexplicável para mim, para os amotinados a visão daquele mapa era algo inacreditável. Correram para ele como gatos sobre ratos. Cada um mais ávido que o outro para examiná-lo. Era arrancado de mão em mão por

onde passava. Pelos gritos, palavrões e risadas, parecia que já tinham o tesouro em mãos e já iam em segurança pelo mar.

— É verdade! — disse um deles. — É do Flint, sem dúvida. Assinado J.F., sublinhado e com a voltinha no final. Ele sempre assinava assim.

— Muito bonito — comentou George —, mas de que nos serve isso, se não temos navio?

Silver colocou-se de pé bruscamente, apoiando uma mão na parede:

— Estou te avisando, George — exclamou —, mais uma gracinha sua e vamos resolver isso na espada! De que nos serve? Ora, me diga você! Foi graças a você e seus amiguinhos que perdi meu navio. Graças à sua interferência, maldito seja! Você tem menos cérebro que uma barata! Se quiser continuar falando, que seja com educação, pois está em seu direito.

— É justo — respondeu o velho Morgan.

— Justo, não é? Imagino que seja mesmo — retrucou o cozinheiro. — Você perdeu o navio, eu encontrei o tesouro. Quem se saiu melhor? E agora quem não quer mais saber disso sou eu, inferno! Escolham quem quiserem para ser o capitão daqui para frente! Para mim já chega!

— Queremos você, Silver! — gritaram os piratas. — Brasa até a morte! Brasa é o nosso capitão!

— Então é assim, não é? — gabou-se o cozinheiro. — George, acho que você vai ter que esperar até as próximas

eleições, meu amigo! E como não guardo rancor, te desejo toda a sorte do mundo. Nunca fui vingativo. E o que fazemos com essa marca negra agora, companheiros? Não vale muita coisa, não é? Só serviu para o Dick estragar sua bíblia e selar a própria sorte.

— Mas o que eu jurar sobre essa bíblia ainda vale, não vale? — murmurou Dick, claramente preocupado com a maldição que havia trazido sobre si mesmo.

— Uma bíblia faltando um pedaço? — çaçou Silver. — Acho que não adianta muita coisa. Vale tanto quanto jurar sobre o jornal de ontem.

— É mesmo? — exclamou Dick, mais alegre. — Bom, acho que pode ser útil continuar com ela.

— Olhe aqui, Jim. Uma lembrancinha para você — disse Silver, me entregando o papel.

Não era mais largo que uma moeda inglesa. Um dos lados estava em branco, pois era a última página da bíblia. No outro lado era possível ler um ou dois versículos do Apocalipse: “Ficarão de fora os cães e os assassinos”. A página impressa havia sido pintada com cinzas, que já começavam a sair e sujavam meus dedos. Na página em branco, também com cinzas, estava escrito apenas uma palavra: *Deposto*. Neste momento, ainda tenho comigo esse pedaço de papel, mas não restou nele nenhum traço da palavra a não ser o decalque, como se escrito com a unha.

Assim se encerraram as deliberações daquela noite. Pouco tempo depois, após uma rodada de conhaque, nos deitamos para dormir. A sutil vingança de Silver foi colocar George Merry como sentinela e ameaçá-lo de morte caso mostrasse qualquer sinal de rebeldia.

Demorei muito tempo para pregar os olhos, pois minha cabeça fervia. Eu havia matado um homem naquela tarde, a situação em que me encontrava era bastante perigosa e, acima de tudo, estava irremediavelmente envolvido no frágil jogo que Silver começara. De um lado, manter os amotinados unidos e leais, e do outro, por todos meios, possíveis ou impossíveis, tentar redimir-se e salvar sua vida miserável. Silver dormia o sono dos justos e roncava alto. Mesmo sendo perverso como era, meu coração estava apertado por ele, de pensar nas ameaças que o rondavam e no cadafalso que o aguardava.

## 30.

# LIBERDADE CONDICIONAL

**F**ui acordado — aliás, todos fomos, pois até mesmo o vigia se ergueu assustado do batente da porta, onde cochilava — por uma voz clara e potente que gritava para nós da entrada da floresta.

— Ó de casa! Aqui é o médico!

E era mesmo o doutor. Por mais feliz que eu estivesse em ouvi-lo novamente, meu contentamento não foi completo. Tive vergonha de encará-lo ao lembrar de minha conduta insubordinada e furtiva, que havia resultado naquela situação: estar em péssima companhia e cercado de perigos.

Provavelmente era madrugada quando ele se levantou, pois o sol mal havia nascido naquele momento. Corri para uma das seteiras e o vi parado na mesma posição de Silver em sua missão diplomática anterior, coberto até os joelhos pela névoa que se erguia.

— Mas é o senhor, doutor? Muito bom dia! — cumprimentou Silver, completamente desperto e irradiando bom humor. — Acordou cedo, muito bem. Deus ajuda quem cedo madruga, é o que dizem. George, não fique aí parado, ajude o dr. Livesey a subir a bordo. Por aqui está tudo ótimo, seus pacientes estão felizes e bem.



E continuou falando, parado sobre a elevação da clareira, apoiado em sua muleta e com uma mão na parede da cabana. Seu tom de voz, gestos e expressões eram os mesmo de quando o conhecemos.

— Ah, e também temos uma surpresa para o senhor! — prosseguiu Silver. — Apareceu um forasteiro por aqui, há-há! Nosso novo hóspede, senhor, saudável e firme como um atleta. Dormiu feito uma pedra, dormiu mesmo, do lado do John aqui. Dormiu a noite todinha sem se mexer.

Nesse momento o dr. Livesey já havia atravessado a paliçada e estava próximo do cozinheiro. Percebi como sua voz se alterou ao perguntar:

— Não me diga que é o Jim!

— O próprio, do mesmo jeitinho de sempre! — respondeu Silver.

O médico estancou, sem dizer nada. Passaram-se alguns segundos até que se movesse novamente.

— Pois bem — disse afinal —, o dever em primeiro lugar, como você mesmo diria, Silver. Vamos dar uma olhada nesses pacientes.

Em seguida entrou na cabana, me cumprimentou com um sorriso amarelo e um aceno de cabeça, e logo começou a tratar dos doentes e feridos. Parecia tranquilo, embora imagino que soubesse que sua vida estava por um fio ali entre aqueles demônios traiçoeiros. Conversava com cada um como se estivesse em uma visita médica corriqueira na casa de uma família inglesa. Aparentemente os piratas se

contagiaram com seu exemplo, pois também se comportavam como se nada houvesse ocorrido e o dr. Livesey ainda fosse o médico de bordo. E eles, leais marinheiros de convés.

— Você está cada vez melhor, meu amigo — o doutor disse ao sujeito com a cabeça enfaixada. — Mas foi por muito pouco. Sua cabeça deve ser de ferro. E você, George, como está? Sua cor já está bem melhor. Seu fígado estava do avesso. Tomou o remédio? Homens, ele tomou o remédio?

— Sim, senhor, tomou direitinho — Morgan respondeu.

— Vocês sabem que, como sou o médico do motim... ou o médico da prisão, expressão que me agrada mais — continuou dr. Livesey, parecendo muito satisfeito —, para mim é uma questão de honra todos estarem saudáveis para o Rei Jorge (que Deus o abençoe!) e a forca.

Os rebelados entreolharam-se, mas engoliram a ofensa em silêncio.

— Dick não está muito bem, senhor — apontou um deles.

— É mesmo? — tornou o doutor. — Bem, venha cá, Dick, e me deixe ver sua língua. Ah, não é surpresa nenhuma! Uma língua dessa mete medo até nos franceses! Mais um com febre.

— Ah, pronto! — disse Morgan. — É nisso que dá rasgar bíblias.

— Isso aconteceu por serem tão cabeças de bagre, como vocês mesmos dizem — cutucou o doutor. — Não sabem a diferença entre ar puro e contaminado? Preferiram se deitar em um lamaçal pestilento em vez de procurar um acampamento seco. O mais provável, creio eu, mas é apenas minha opinião, é que vão passar por maus bocados até seus organismos expulsarem a malária. Quem mandou dormirem no brejo? Silver, me admira você. É o menos tonto de todos aqui, mas parece desconhecer princípios básicos de saúde e higiene.

Após tomarem seus remédios, os homens ouviram as recomendações do dr. Livesey com uma submissão risível, como se fossem crianças de orfanato e não piratas sanguinários.

— Bem, isso é tudo por hoje — disse o doutor. — Agora eu gostaria de dar uma palavrinha com o rapaz, por favor.

E apontou a cabeça para mim com desdém.

George Merry estava parado na porta, cuspidando e reclamando do sabor do remédio. Assim que ouviu essa frase, deu meia-volta e gritou, já vermelho:

— Não! — seguido de um palavrão.

Silver deu um tapa no barril.

— Calado! — rosnou e olhou em volta como se fosse de fato um leão. — Sabe, doutor — já em seu tom amigável de sempre —, eu estava mesmo pensando nisso, sabendo que o senhor costumava ter muita estima pelo menino.

Não temos como agradecer sua generosidade, e como acabou de ver, confiamos no senhor e tomamos nossos remédios como se fosse rum. Acho que encontrei um modo de todos ficarem satisfeitos. Hawkins, para mim você é um jovem cavalheiro, mesmo que não seja de nascimento. Então me dá sua palavra de cavalheiro de que não vai tentar abandonar o barco?

Imediatamente confirmei.

— Então, doutor — continuou Silver —, o senhor faça a gentileza de sair da paliçada, e eu levo o garoto até a cerca pelo lado de dentro. Imagino que vocês consigam conversar cada um de um lado da estacada. Tenha um ótimo dia, doutor, e por favor mande nossos cumprimentos ao barão e ao capitão Smollett.

Uma explosão de descontentamento, até então contida pelo olhar duro de Silver, se espalhou assim que o médico saiu da cabana. Todos acusavam o cozinheiro de ser duas-caras — por tentar negociar um acordo exclusivo para si e sacrificar os interesses de seus cúmplices e vítimas, ou seja, exatamente o que estava fazendo. O caso me parecia tão óbvio que não podia imaginar como ele conseguiria reverter a ira de seus companheiros. No entanto, Silver era duas vezes mais homem que os outros, e sua vitória na noite anterior ainda reverberava em suas cabeças. Chamou-os de tolos e de outros xingamentos inimagináveis, disse que era preciso que eu conversasse com o doutor, esfregou o mapa na cara deles e perguntou

se achavam boa ideia romper o trato exatamente no dia em que partiriam em busca do tesouro.

— Pelo diabo que não! — gritou ele. — Vamos romper o trato quando chegar a hora certa, até lá vou enrolar o médico. Se for preciso até engraxo as botas dele com conhaque!

Em seguida mandou que acendessem a fogueira e saiu mancando com sua muleta, com uma mão apoiada em meu ombro. Os piratas ficaram na cabana, confusos e calados pela eloquência de Silver, mas nada convencidos.

— Devagar, rapaz, devagar — disse ele. — Se perceberem que estamos com pressa, nos cercam num piscar de olhos.

Então atravessamos bem lentamente o trecho de areia até o ponto onde o doutor nos esperava do outro lado da paliçada. Quando chegamos a uma distância que possibilitava a conversa, Silver parou.

— Lembre-se de que fiz isso também, doutor — disse ele. — Além disso, o menino vai te contar como salvei a vida dele e até fui deposto por isso, pode acreditar. Doutor, quando um homem coloca toda a vela ao vento como eu fiz, apostando a própria pele, não merece que alguém lhe dê um pouco de esperança? Não se trata somente da minha vida agora. O rapaz também faz parte do acordo. Seja sincero comigo, doutor, e me dê uma palavra de conforto, por piedade.

Silver era outro homem lá fora, de costas para seus amigos e para a cabana. Suas bochechas pareciam caídas, sua voz tremia, nunca se viu um homem tão abatido.

— Ora, John, não vá me dizer que está com medo? — caçoou dr. Livesey.

— Doutor, eu não sou covarde. Eu não, nem um pouco! — E estalou os dedos. — Mesmo se estivesse com medo, não diria. Mas admito com franqueza, chego a tremer quando penso na força. O senhor é um homem bom e honesto, nunca conheci ninguém melhor! Sei que não vai se esquecer das coisas boas que fiz, como também não vai esquecer dos meus maus feitos, sei disso. Vou me afastar, veja só, e deixar o senhor e Jim à vontade. Lembre-se disso também, pois estou fazendo mais do que deveria!

Como dito, deu alguns passos para trás até ficar a uma distância onde não seria possível ouvir nossa conversa, sentou-se sobre um tronco cortado e começou a assoviar. De vez em quando se virava e olhava para os lados, às vezes para mim e o doutor e outras vezes para seus companheiros rebelados, que se ocupavam com a fogueira e entravam e saíam da cabana preparando carne de porco e pão para o café da manhã.

— Então é aqui que você está, Jim — disse o doutor com a voz triste. — Fez a cama e agora tem que se deitar, rapaz. Deus sabe que não sou capaz de lhe condenar, mas uma coisa eu digo, mesmo com o risco de você se ofender. Você não ousaria fugir quando o capitão Smollett estava

bem, e ter ido embora desse jeito quando ele se feriu e sem poder fazer nada, por Deus, foi uma grande covardia.

Confesso que nesse momento comecei a chorar.

— Doutor, o senhor não precisa nem dizer. Eu já me culpei o suficiente, e além disso, minha vida está por um triz. Se Silver não interviesse, eu já estaria morto agora. Acredite em mim, doutor, eu posso até morrer, e ousou dizer que mereço, mas o que eu tenho medo é de ser torturado. Se decidirem me torturar...

— Jim! — interrompeu o doutor, com a voz completamente alterada. — Jim, eu não posso ouvir mais nada. Pule a cerca e vamos fugir.

— Eu dei minha palavra, doutor.

— Eu sei, eu sei! — exclamou. — Mas isso de nada importa agora, Jim. Eu assumo a culpa, a desonra, tudo, rapaz, mas não posso deixá-lo aqui. Pule! Um salto e você está livre, e correremos como antílopes.

— Não posso — respondi. — O senhor sabe muito bem que no meu lugar faria o mesmo, assim como o barão e o capitão, e é o que tenho de fazer. Silver confiou em mim. Eu lhe dei minha palavra e vou voltar. Mas o senhor não me deixou terminar, doutor. Se me torturarem, pode ser que eu acabe dizendo onde o navio está. Eu roubei o navio, com um pouco de sorte e outro tanto de ousadia. Está na Enseada Norte, na praia mais ao sul, encalhado pela maré baixa. Com a maré alta é possível tirá-lo de lá.

— O navio! — exclamou o doutor.

Contei rapidamente as minhas aventuras, enquanto ele escutava atentamente.

— Parece até que a mão do destino está nisso tudo — observou o doutor quando terminei minha história. — A cada etapa, você salva nossas vidas. Acha que existe alguma chance de deixarmos que você perca a sua? Seria muita ingratidão, rapaz. Você descobriu a conspiração para o motim, você encontrou Ben Gunn, talvez a melhor coisa que já fez na vida, mesmo que viva até os noventa anos. Ah, por Júpiter, por falar no Ben Gunn, aquele lá é o diabo em pessoa! Silver! — gritou. — Vou lhe dar um conselho! — e prosseguiu quando o cozinheiro se aproximou: — Não tenha pressa em procurar o tesouro.

— Faço o que está a meu alcance, senhor, mas não poderei atendê-lo — respondeu Silver. — Desculpe, mas só consigo salvar minha vida e a do garoto se eu for atrás do tesouro, isso eu garanto.

— Bem, Silver, se é assim, eu lhe digo mais. Se encontrar o tesouro, tome cuidado com as tempestades — acrescentou o doutor.

— Falando francamente, senhor, isso não me diz nada. Quais são suas intenções? Por que quis sair da cabana, por que me deu o mapa? Eu não sei seus motivos, sei? Ainda assim, fiz tudo o que o senhor me pediu, sem abrir a boca e sem ganhar nada com isso até agora! Mas calma lá, tudo tem limite. Se o senhor não pode explicar claramente qual é o seu plano, seja sincero, e eu abandono o navio.



— Não, não posso dizer mais nada além disso — dr. Livesey respondeu, pensativo. — Entenda, Silver, o segredo não é meu, senão lhe contaria, juro. Mas estamos juntos. Não tenha dúvida de que farei tudo o que puder e um pouco mais, correndo o risco de ser punido pelo capitão! Antes de mais nada, para que você tenha um pouco de esperança, Silver: se escaparmos vivos, farei tudo ao meu alcance para salvá-lo, exceto jurar em falso.

O rosto de Silver se iluminou.

— Eu sei que o senhor não diz mais nada porque não pode. Não diria nem se fosse minha mãe! — exclamou.

— Essa é minha primeira concessão — afirmou o doutor. — A segunda é um conselho: mantenha o rapaz sempre por perto, e se precisar de ajuda, me chame. Virei imediatamente. Isso por si só já lhe mostra que falo sério. Até mais, Jim.

Então o dr. Livesey apertou minha mão pelo vão da paliçada, acenou com a cabeça para Silver e partiu rapidamente para o bosque.

## 31.

# A CAÇA AO TESOURO — A SETA DE FLINT

**J**im, se eu salvei sua vida, você também salvou a minha — Silver disse ao ficarmos sozinhos. — Eu vi o sinal do doutor para fugir. Vi sim, de canto do olho. E você se negou, tão claro como se eu tivesse ouvido. Jim, isso conta a seu favor. Foi o primeiro vislumbre de esperança que tive desde o ataque fracassado, e devo isso a você. Agora, Jim, devemos partir nessa caça ao tesouro, sem saber o que nos espera, e não gosto nada disso. Temos de ficar juntos, quase colados, para termos alguma chance de salvar nossos pescoços mesmo que a sorte esteja contra nós.

Nesse momento um homem gritou da fogueira, nos avisando de que a refeição estava pronta. Estavam espalhados pela clareira, cada um sentando com seu prato de pão e carne de porco frita. O fogo que acenderam era grande o suficiente para assar um boi, e tão quente que só era possível se aproximar com o vento a favor — e mesmo assim com cuidado. Seguindo o mesmo pensamento, sem preocupação com o desperdício, cozinham o triplo do necessário para a refeição. Um deles, inclusive, com um riso descarado jogou suas sobras ao fogo, que estalou e

avançou com o estranho combustível. Nunca em minha vida vi pessoas tão negligentes. “Viver ao Deus-dará” é a única expressão que consigo pensar para descrevê-los. Agiam assim tanto com a comida como com a vigilância. Embora fossem corajosos para se enfiarem em qualquer luta sem pensar duas vezes, seu despreparo para campanhas mais longas saltava aos olhos.

Silver comia mais afastado, com o Capitão Flint pousado em seu ombro, e não disse sequer uma palavra sobre os abusos de seus homens. Aquilo me surpreendeu, pois ele nunca me parecera tão estratégico quanto naqueles dias.

— É isso aí, companheiros — disse ele. — Vocês têm sorte de ter o Brasa aqui, com minha cabeça boa, para pensar por vocês. Consegui o que queria, consegui sim. Está certo, eles estão com o navio. Onde, eu ainda não sei, mas quando colocarmos as mãos no tesouro, vamos revirar esta ilha até encontrar. E para isso, companheiros, nossos botes são uma grande vantagem.

E continuou a falar, com a boca cheia de carne fumegante. Dessa forma, aos poucos restaurava o ânimo e a confiança dos homens. Suspeito que também o fazia por si mesmo.

— Quanto ao nosso refém — continuou —, acredito que já conversou bastante com seus amiguinhos queridos. Já sei o que preciso saber, graças a ele, e já está tudo resolvido. Quando formos atrás do tesouro, vou levá-lo

preso em uma corda, pois ele vale ouro para nós, tanto agora como em caso de imprevistos. Quando estivermos no navio com o tesouro, voltando felizes da vida para casa, então teremos uma conversinha com o sr. Hawkins e daremos o que lhe cabe por toda sua gentileza.

Não era de se estranhar que os homens estivessem de bom humor. Quanto a mim, estava completamente sem esperanças. Caso o plano arquitetado por Silver se mostrasse factível, ele, que já era duplamente traidor, sem dúvida o colocaria em prática. Ele mantinha um pé de cada lado, e certamente preferiria ficar rico e livre ao lado dos piratas a simplesmente se livrar da força, que era o melhor que podia esperar ficando ao nosso lado.

E mesmo que se visse forçado a depender da ajuda do dr. Livesey, ainda assim havia grandes riscos. Como seria quando seus comparsas percebessem que suas suspeitas eram reais, e tivéssemos de lutar por nossas vidas — um aleijado e um menino — contra cinco marinheiros fortes e experientes?

Além dessa dupla preocupação, havia o mistério sobre o que meus amigos haviam feito, o abandono da paliçada, a entrega do mapa, tudo sem explicação. O último aviso do doutor fora ainda mais incompreensível: “Cuidado com as tempestades”. Com isso tudo, é possível imaginar como meu café da manhã foi desagradável. Estava apreensivo em acompanhar meus captores na busca pelo tesouro.

Caso alguém pudesse nos ver, ficaria intrigado com aquele grupo curioso. Todos em suas puídas vestes de marinheiro e, exceto por mim, armados até os dentes. Silver levava duas armas a tiracolo, uma à frente e outra atrás, além de seu grande sabre e uma pistola em cada bolso do casaco. Completando sua estranha aparência, o Capitão Flint ia pousado em seu ombro, tagarelando bordões marítimos sem sentido. Amarrado pela cintura, eu seguia Silver sem oferecer resistência. Ele ora puxava a corda com sua mão livre, ora a prendia em seus poderosos dentes. Era como se eu fosse um urso amestrado.

Os resto deles levava cargas variadas. Alguns levavam pás e picaretas — a primeira coisa que desembarcaram do *Hispaniola* —, outros carne de porco, pão e conhaque para o almoço. Notei que todas essas provisões faziam parte da nossa reserva da cabana, ou seja, Silver havia dito a verdade na noite passada. Se não tivesse feito o acordo com o doutor, ele e os amotinados, agora longe do navio, teriam que sobreviver somente de água e caça. Água não era sua bebida favorita, e marinheiros em geral não são bons atiradores. Além disso, se as provisões de comida estavam baixas, era provável que as de pólvora também.

Assim equipados, partimos todos — inclusive o sujeito com a cabeça quebrada, que definitivamente deveria ter ficado no abrigo — e descemos aos tropeços, um após o outro, até chegar à praia, onde os dois botes nos esperavam. Ambos tinham marcas das trapalhadas ébrias

dos piratas. Um tinha o banco partido e ambos estavam emporcalhados e cheios de lama. Como medida de segurança, deveriam ser levados conosco, portanto criamos dois grupos e seguimos pelo leito do ancoradouro.

Enquanto remávamos, os piratas começaram a discutir sobre o mapa. A cruz vermelha era, claramente, grande demais para servir de guia; as anotações no verso, como verão, eram um tanto ambíguas. Conforme devem se lembrar, diziam o seguinte:

*Árvore alta, topo da Luneta, um quarto na direção N de NNE.*

*Ilha do Esqueleto, ESE na direção E.  
Três metros.*

A principal referência era, portanto, uma árvore alta. A questão era que bem à nossa frente o ancoradouro era cercado por um penhasco de cerca de cem metros de altura que se estendia ao norte até juntar-se à encosta da Colina da Luneta, e erguia-se ao sul até a elevação escarpada chamada de Colina Mezena. O planalto era repleto de pinheiros de vários tamanhos. Em alguns pontos da vegetação erguiam-se árvores de uma espécie diferente, elevando-se perto de quinze metros acima das outras. Só seria possível saber qual delas seria a “árvore alta” examinando o local, e com o auxílio de uma bússola.

E mesmo assim, cada homem a bordo apontava uma árvore diferente como sendo a mais alta. Por estarmos

ainda na metade do caminho, Silver apenas dava de ombros e dizia para esperarem até chegarmos.

Seguindo as orientações de Silver, remávamos devagar para que os marujos não se exaurissem antes da hora. Após um longo percurso, chegamos à foz do segundo rio, que descia da Colina da Luneta por uma vertente arborizada. Nesse ponto, desembarcamos na margem esquerda e começamos a escalar a encosta até o planalto.

No início avançamos lentamente por conta do terreno lamacento e alagadiço, e da vegetação emaranhada do pântano. Mas conforme subíamos a encosta o chão foi ficando mais pedregoso e o bosque se abria com outros tipos de árvores, mais espaçadas. Afinal, chegamos a uma área bastante agradável da ilha. Arbustos perfumados, alguns em flor, substituíram quase que completamente a relva. Arvoredos de noqueiras verdes se intercalavam com os frondosos pinheiros de tronco avermelhado, e os aromas de ambos se misturavam. Além disso, a brisa fresca e leve combinada aos raios de sol nos revigorava maravilhosamente.

Os piratas se espalharam por todos os lados, aos gritos e saltos. Silver e eu ficamos bem para trás, mais ou menos no meio da encosta — eu era rebocado pela corda enquanto ele caminhava com dificuldade pelo cascalho escorregadio, quase sem fôlego. De vez em quando eu precisava ajudá-lo a subir, para evitar que tropeçasse e rolasse morro abaixo.

Assim seguimos por cerca de um quilômetro, e estávamos quase chegando à borda do planalto quando um dos homens mais à esquerda começou a gritar, aparentemente aterrorizado. Seus berros descontrolados fizeram com que todos corressem em sua direção.

— Não é possível que ele tenha encontrado o tesouro!  
— exclamou o velho Morgan, nos ultrapassando velozmente pela direita. — Ainda estamos longe do topo!

Realmente, tratava-se de algo bem diferente ao chegarmos lá. Um esqueleto humano e restos da roupa ao seu redor jaziam ao pé de um grande pinheiro envolto por trepadeiras — que haviam inclusive tomado alguns dos ossos menores. Imagino que um calafrio percorreu a espinha de todos, sem exceção.

— Era um marinheiro — comentou George Merry que, mais corajoso que os demais, foi averiguar os trapos mais de perto. — Pelo menos, isto parece ser um uniforme da marinha... e de boa qualidade.

— E esperava o quê? — retrucou Silver. — Imagino que não encontraríamos um bispo neste lugar. Mas os ossos estão dispostos de uma maneira muito estranha, nada natural.

E realmente, observando com atenção, parecia impossível que o corpo estivesse em uma posição normal. Exceto por alguns ossos fora do lugar (talvez obra de pássaros que se alimentaram do cadáver ou do crescimento da trepadeira), o homem estava perfeitamente alinhado.



Seus pés estavam virados para um lado e suas mãos, estendidas acima da cabeça como um mergulhador, apontavam a direção oposta.

— Acho que entendi uma coisa com esta minha cachola! — observou Silver. — Aqui está a bússola. Ali em frente está o ponto mais alto da Ilha do Esqueleto, que se sobressai nitidamente. Alinham a bússola de acordo com os ossos e vamos ver o que ela mostra.

Dito e feito. O esqueleto apontava diretamente para a ilha, e a bússola mostrava claramente o lés-sudeste.

— Eu sabia! — gritou Silver. — Este homem é uma seta! Bem ali em cima fica a estrela polar, mostrando o local do tesouro. Diabos me carreguem! Me dá calafrios de lembrar do Flint. Essa piada é a cara dele, sem dúvida! Ele veio com seis homens aqui em cima e matou todos. Carregou este até aqui e o deixou alinhado com a bússola, que os diabos me levem! É um esqueleto grande e o cabelo era loiro. Hum, pode ser o Allardyce. Lembra do Allardyce, Tom Morgan?

— Sim, sim... — respondeu Morgan. — Lembro bem dele, me devia dinheiro e desembarcou levando minha faca.

— Falando em facas— completou outro —, por que a dele não está por aqui? Flint não costumava revirar os bolsos de quem matava, e acho que não teria muita serventia pros pássaros.

— Pelos céus, é verdade! — exclamou Silver.

— Não tem nada aqui — observou Merry, ainda apalpando os ossos. — Nem um tostão, nem ao menos uma lata de fumo. Para mim, isso não é normal, não.

— Raios, não é mesmo! — Silver concordou. — Não é normal nem educado. Que diabos! Companheiros, se Flint estivesse vivo, estaríamos lascados aqui. Assim como eles, nós somos em seis. E só sobraram seus ossos para contar a história.

— Eu o vi morto, com meus próprios olhos — comentou Morgan. — Billy me deixou entrar na cabine. Vi Flint esticado, com moedas sobre os olhos.

— Sim, está mortinho e a sete palmos no chão — completou o homem com a cabeça enfaixada. — Mas se espíritos existem, o de Flint certamente está por aí. Flint era um bom homem, mas teve uma morte horrível.

— Foi mesmo — acrescentou outro. — Flint era esquentado, não vivia sem rum e de vez em quando cantava, companheiros, mas só conhecia “Quinze homens”. Desde então nunca mais gostei de ouvir essa canção. Era uma noite bem quente, eu deixei a janela aberta e pude ouvi-lo cantar claramente... e ele já estava à beira da morte.

— Está bem, está bem — interrompeu Silver. — Já chega dessa conversa. Ele já morreu e não está mais por aqui, isso eu sei. Não durante o dia, pelo menos, isso eu garanto. Quem não arrisca, não petisca. Vamos lá pegar nosso ouro.

E com isso retomamos a caminhada. Apesar do sol quente e da luz intensa, os piratas não se espalharam nem saíram gritando pela floresta. Andavam próximos uns dos outros e falavam aos sussurros. A imagem do pirata morto havia deixado uma forte impressão em seus ânimos.

32.

## A CAÇA AO TESOURO — A VOZ VINDA DAS ÁRVORES

**A**ssim que chegamos ao topo do planalto, todos se sentaram, em parte para se refazer do efeito causado pelo esqueleto, em parte porque Silver precisava descansar.

A plataforma era ligeiramente inclinada para o oeste, e o local onde paramos nos dava uma boa vista de ambos os lados. À nossa frente, além das copas das árvores era possível ver o Cabo da Mata, com sua praia recortada. Atrás de nós podíamos ver não somente o ancoradouro e a Ilha do Esqueleto, mas uma grande extensão de mar entre a ponta do cabo e as terras baixas ao leste. A Colina da Luneta erguia-se acima de nós, pontilhada de pinheiros solitários, enegrecidos pela sombra do precipício. O único som que se ouvia era o das ondas quebrando, ecoando por todos os lados, e o zumbido dos incontáveis insetos no matagal. Nenhum homem, nenhuma vela sobre o mar. A amplitude da paisagem acentuava a sensação de solidão.

Silver sentou-se e começou a fazer anotações usando sua bússola.

— São três “árvores altas” alinhadas com a Ilha do Esqueleto — começou ele. — Acredito que a “encosta da

Luneta” seja aquele ponto mais baixo ali. Vai ser brincadeira de criança encontrar a coisa agora. Talvez fosse bom comermos primeiro.

— Estou sem nenhuma fome — resmungou Morgan. — Ficar lembrando do Flint... acho que foi isso... me revirou o estômago.

— Bom, meu amigo, dê graças a Deus por ele estar morto — retrucou Silver.

— Ele era um demônio asqueroso — exclamou um terceiro pirata, estremeando. — E aquela cor azulada na cara dele?

— Era por causa do rum — completou Merry. — Era azul mesmo! Me lembro de ter percebido também. Pois é.

Desde que haviam encontrado o esqueleto que os fez recordar Flint, os homens falavam cada vez mais baixo. A essa altura quase sussurravam, portanto mal se ouvia a conversa em meio ao silêncio da floresta. De repente, dentre as árvores à nossa frente uma voz trêmula, alta e estridente entoou o conhecido refrão:

*Quinze homens no baú do defunto,  
Io-ho-hô, e uma garrafa de rum!*

Nunca vi homens mais apavorados do que aqueles piratas. Suas faces ficaram lívidas como que por mágica. Alguns pularam de susto, outros agarraram os braços dos vizinhos, Morgan jogou-se no chão.

— É o Flint, por...! — gritou Merry.

A canção parou tão subitamente quanto começou. Pode-se dizer que fora interrompida, como se alguém tivesse tapado a boca do cantor. Vibrando por entre as árvores naquele dia claro e ensolarado, a música me pareceu etérea e suave. Meus companheiros tiveram uma impressão diferente.

— Vamos lá — Silver disse, esforçando-se para que as palavras saíssem de sua boca. — Isso não foi nada. Parece piada de bêbado, não sei de quem é a voz, mas é alguém querendo nos pregar uma peça. Alguém de carne e osso, garanto.

Seu discurso restituiu-lhe a coragem, assim como a cor de seu rosto. Os piratas também se reconfortaram e já se recompunham quando a voz irrompeu novamente. Dessa vez, não cantando, mas em um grito distante que ecoou até desaparecer entre os penhascos da Coluna da Luneta.

— Darby M’Graw! — berrou a voz. Ao menos, era o termo que melhor descrevia o grito. — Darby M’Graw! Darby M’Graw! — gritava incessantemente, e então um pouco mais alto, com um palavrão que omito: — Vá buscar o rum, Darby!

Os piratas permaneceram plantados no chão, com os olhos quase saltando das órbitas. Ficaram em silêncio, apavorados, mesmo um bom tempo depois da voz ter cessado.

— Já chega! — murmurou um deles, quase sem fôlego  
— Vamos embora!

— Foi a última coisa que ele disse! — suspirou  
Morgan. — A última coisa antes de morrer.

Dick estava com sua bíblia e rezava fervorosamente. Ele teve uma boa educação antes de se envolver com más companhias e se lançar à vida no mar.

Silver continuava impávido, sem dar o braço a torcer. Mas era possível ouvir seus dentes batendo.

— Ninguém nesta ilha conheceu Darby — sussurrou Silver. — Ninguém além de nós.

E então continuou, com grande esforço:

— Companheiros, estou aqui para pegar o tesouro, e ninguém vai me impedir, seja homem ou demônio. Nunca tive medo do Flint enquanto ele estava vivo, e com os diabos, não é morto que vou fugir dele. A meio quilômetro daqui há setecentas mil libras nos esperando. Quando foi que algum senhor da própria sorte abriu mão de um tesouro desses por causa de um marujo bêbado de cara azul, mesmo morto?

No entanto, seu sermão não foi suficiente para encorajar seus comparsas. Com efeito, as palavras que escolheu pareceram amedrontá-los ainda mais.

— Calma lá, John! — disse Merry. — Não dá para desafiar uma alma penada.

Todos ficaram aterrorizados diante dessa resposta. Se pudessem, teriam corrido para longe dali naquele instante,

mas o medo os mantinha juntos um do outro, e próximos de John, como se sua ousadia os protegesse. Silver, por sua vez, havia conseguido dominar seus próprios temores.

— Alma penada? — retrucou Silver. — Pode até ser, mas uma coisa ficou clara para mim. A voz fez eco.

Ninguém nunca viu um espírito com sombra, então por que faria eco, posso saber? Não faz muito sentido, não é?

Seu argumento me pareceu bem pobre, mas nunca se sabe o que é capaz de impressionar os supersticiosos. Para minha surpresa, George Merry ficou bastante aliviado:

— Bem, isso é verdade — disse ele. — Você é um sujeito inteligente, John, sem dúvida. A postos, companheiros! A tripulação se deixou impressionar, foi só isso. E pensando bem, parecia a voz do Flint, não vou negar, mas não era exatamente igual. Parecia alguém imitando Flint... parecia...

— Com mil diabos, foi Ben Gunn! — rosnou Silver.

— Isso mesmo! — exclamou Morgan, levantando-se num salto. — Ben Gunn!

— Mas isso também não faz sentido, não é? — indagou Dick. — Ben Gunn não está aqui em pessoa, assim como o Flint também não está.

Os mais velhos caçoaram dessa observação com desdém.

— Ninguém se importa com Ben Gunn — retrucou Merry. — Morto ou vivo, é um zé ninguém.



Era espantoso ver como haviam recobrado os ânimos, suas faces estavam até coradas outra vez. Logo já conversavam vivamente, às vezes parando para escutar. Logo depois, como os gritos haviam cessado, apanharam suas ferramentas e se puseram a caminhar. Merry ia na frente com a bússola de Silver para que não se desviassem da linha da Ilha do Esqueleto. Suas palavras eram verdadeiras: vivo ou morto, ninguém se importava com Ben Gunn.

Dick caminhava agarrado à sua bíblia olhando assustado para os lados. No entanto, ninguém se solidarizou com ele, e Silver até caçou de tanta cautela:

— Eu disse que você tinha estragado sua bíblia. Se não serve nem para fazer juramentos, por que um espírito se importaria com ela? Não vale nada! — E estalou os dedos, ajeitando-se em sua muleta.

Mas Dick seguia inconsolável. Logo ficou claro para mim que ele adoecia cada vez mais. Sua febre, agravada pelo calor, cansaço e pelos sustos recentes, subia muito depressa, como o dr. Livesey previra.

O terreno era aberto no planalto, facilitando a caminhada. Como mencionei, a plataforma pendia para o oeste, portanto estávamos agora em uma descida. Os pinheiros, de diversos tamanhos, eram esparsos, e o sol banhava grandes áreas abertas onde cresciam azaleias e nogueiras. Cruzávamos o ponto noroeste da ilha, de um lado cobertos pela encosta da Colina da Luneta, agora mais

próxima, e do outro a paisagem se estendia até a baía oeste onde eu havia passado apuros com o *coracle*.

Chegamos à primeira das três árvores altas, e a bússola nos indicou que não era o ponto certo. O mesmo se deu com a segunda. A terceira erguia-se mais de sessenta metros acima dos arbustos, um gigante com um tronco vermelho que poderia servir de casa e cuja sombra poderia abrigar um batalhão. Era perfeitamente visível do mar, tanto a oeste quanto a leste, e poderia muito bem servir de referência em um mapa.

No entanto, meus companheiros não se impressionaram com seu tamanho, interessados apenas nas setecentas mil libras enterradas em algum lugar debaixo de sua vasta copa. Conforme se aproximavam, a expectativa apagava todo o medo que sentiam. Seus olhos faiscavam, seus pés ficavam mais leves e rápidos, suas almas ansiavam por aquela fortuna, uma vida de extravagâncias e prazeres seduzia cada um deles.

Silver resmungava e mancava com sua muleta, narinas abertas e trêmulas, praguejando enlouquecido com as moscas que pousavam em sua pele oleosa. Puxava furiosamente a corda que me prendia a ele e de vez em quando se virava para me lançar um olhar mortal. Já não fazia questão de dissimular nada, e eu podia ler seus pensamentos como a um livro. Com o tesouro tão próximo, tudo o mais fora deixado de lado: sua promessa e a advertência do doutor agora eram passado, e eu não tinha

dúvidas de que suas intenções eram desenterrar o tesouro e, depois de cortar a garganta de cada homem honesto na ilha, encontrar o *Hispaniola* e partir encoberto pela noite. Seguiria seu plano inicial e deixaria a ilha cheio das riquezas obtidas com seus crimes.

Abalado como estava por tais pensamentos, eu tinha dificuldades em acompanhar o passo acelerado dos caçadores de tesouro. Às vezes tropeçava, e nesses momentos Silver puxava a corda ainda mais forte e me cravava seus olhares assassinos. Dick, que havia ficado para trás e agora era o último do grupo, balbuciava ao mesmo tempo preces e maldições em seu delírio febril, o que contribuía para minha inquietação. Para completar, eu estava assombrado pela tragédia que havia ocorrido naquele planalto, quando o diabólico pirata de rosto azul — que morrera em Savannah, cantando e pedindo rum — matou seus seis cúmplices com as próprias mãos. Aquele bosque, agora tão tranquilo, deve ter se enchido com os gritos das vítimas. Ao pensar nisso, parecia que eu podia ouvi-los.

Enfim chegamos ao final da mata.

— Eia, companheiros, todos juntos agora! — gritou Merry, e os que estavam à frente começaram a correr.

Pararam de repente, antes mesmo de percorrerem cem metros. Ouviu-se um grito abafado. Silver apertou o passo, afundando sua muleta na terra como se estivesse possuído, e logo a seguir também tivemos de parar.

À nossa frente havia uma grande escavação, não muito recente, pois os lados haviam cedido e a grama crescia no fundo. Dentro desse buraco havia um cabo de picareta partido em dois e tábuas soltas de diversas caixas de madeira, espalhadas. Em uma dessas tábuas estava marcado a ferro o nome *Walrus* — o navio de Flint.

Não havia lugar para dúvidas. O tesouro havia sido encontrado e levado; nada mais restava das setecentas mil libras.

### 33.

## A QUEDA DE UM LÍDER

**N**unca na história houve reviravolta maior. Parecia que cada um dos homens havia sido atingido por um raio. Silver, no entanto, recompôs-se do choque quase instantaneamente. Dedicara cada pensamento e esforço seu àquele dinheiro, como um atleta antes da prova definitiva. Foi como se tivesse morrido por um segundo, mas renasceu logo em seguida, recuperou o ânimo e o raciocínio e alterou seus planos antes que os outros tivessem tempo para assimilar a decepção.

— Jim — sussurrou para mim —, pegue isto e prepare-se.

E me passou uma pistola de cano duplo.

Em seguida, começou a andar discretamente para o lado, até que ficamos nós dois de um lado do buraco e os piratas no lado oposto. Olhou para mim e acenou com a cabeça, como se dissesse “estamos encurralados”, ou pelo menos foi o que entendi. Sua expressão não era nada amigável, e eu estava já tão irritado com suas constantes mudanças de humor que não pude me conter e acabei sussurrando:

— Então você mudou de time novamente.

Não houve tempo para resposta. Os piratas, aos gritos e impropérios, começaram a saltar para dentro do buraco e

a cavar com as próprias mãos, revirando as tábuas. Morgan encontrou uma moeda de ouro, e a exibiu com uma torrente de palavras. Era uma moeda de dois guinéus, que foi sendo passada de mão em mão.

— Dois guinéus! — rosnou Merry, mostrando a moeda a Silver. — Não é exatamente uma fortuna, é? Então você é bom negociador, hein? Nunca te passaram para trás, não é, seu cabeça de bagre!

— Continuem cavando, rapazes — disse Silver, frio e insolente. — Vão achar mais alguns tostões, não tenho dúvida.

— Tostões?! — vociferou Merry. — Ouviram isso, companheiros? Silver já sabia de tudo, estou lhes dizendo! Está na cara dele, basta olhar!

— Ah, Merry... — tornou Silver. — Bancando o capitão de novo? Você é bem abusado, isso sim.

Dessa vez todos concordaram com Merry. Começaram a escalar para fora do buraco, disparando olhares furiosos. Notei algo favorável: todos subiam pelo lado oposto ao nosso.

E assim ficamos dois em um lado, cinco de outro, a cova entre nós, sem que ninguém tivesse coragem de atacar primeiro. Silver não movia um músculo. Observava-os, altivo em sua muleta, frio como sempre. Era um homem valente, não se pode negar.

Por fim, Merry achou conveniente dizer algo:

— Companheiros, temos dois inimigos do outro lado. Um velho aleijado que nos trouxe até aqui e só desgraçou nossa vida. O outro é um moleque de quem quero arrancar o coração. Agora, companheiros...

Merry começou a levantar a voz e o braço, pronto para disparar. Foi então que — *Bam! Bam! Bam!* — três tiros de mosquete relampearam de dentro do bosque. Merry mergulhou no buraco da escavação. O homem de cabeça enfaixada rodopiou e caiu estendido ao seu lado, morto, mas ainda se contorcendo. Os outros três deram meia volta e fugiram a toda velocidade.

Antes que eu pudesse piscar, Long John descarregou sua pistola em Merry, que ainda se debatia. Enquanto o pobre coitado ainda revirava os olhos, agonizante, Silver lhe disse:

— Agora estamos quites, George.

No mesmo instante, Gray, Ben Gunn e o doutor saíram de trás das nogueiras e se juntaram a nós, com suas armas ainda fumegantes.

— Em frente! — gritou dr. Livesey. — Depressa, rapazes! Temos que pegá-los antes que cheguem aos botes.

E disparamos a correr, por entre arbustos que batiam em nosso peito.

É preciso reconhecer o empenho de Silver em nos acompanhar. Nunca vi um homem se esforçar tanto quanto ele, saltando com sua muleta como se seu peito fosse explodir. O doutor também se impressionou. Mesmo

assim, já estava a uns trezentos metros atrás de nós, e quase desmaiando, quando chegamos à beira da encosta.

— Doutor! — gritou Silver. — Olhe lá! Não precisamos ter pressa!

E, de fato, não havia motivo para nos apressarmos. De onde estávamos, era possível vê-los correndo por uma área mais aberta do planalto, ainda seguindo a mesma direção, rumo à Colina Mezena. Já estávamos entre eles e os botes, portanto nos sentamos para tomar fôlego, enquanto Long John se aproximou, limpando o suor do rosto.

— Muito obrigado, doutor — disse ele. — O senhor chegou na hora certinha, bem a tempo de salvar Hawkins e eu. Então era você mesmo, Ben Gunn! Você é dos bons, sem dúvida.

— Era eu, sim, o Ben Gunn — respondeu o exilado, se contorcendo de vergonha como uma enguia. E após uma longa pausa, acrescentou: — E como vai, sr. Silver? Eu vou muito bem, obrigado, e você?

— Ben, Ben... — sussurrou Silver. — E pensar que você me pregou uma peça.

O doutor pediu a Gray que pegasse uma das picaretas deixadas para trás pelos amotinados, e enquanto descíamos calmamente a trilha até os botes, o médico contou, em poucas palavras, tudo o que havia se passado. Silver estava muito interessado no relato. Ben Gunn, o exilado um tanto tapado, foi o herói de toda a história, do começo ao fim.



Ben encontrou o esqueleto em uma de suas longas e solitárias caminhadas pela ilha. Foi ele quem mexeu nos ossos, encontrou e desenterrou o tesouro (era sua a picareta quebrada encontrada na escavação). Ele carregou as moedas nas costas, em várias viagens, desde o pinheiro gigante até sua caverna abaixo da colina de dois picos, no noroeste da ilha. E lá o tesouro ficou, em segurança, por dois meses até o *Hispaniola* chegar à ilha.

O doutor conseguiu arrancar-lhe esse segredo na tarde do ataque, e na manhã seguinte, ao encontrar o ancoradouro deserto, foi falar com Silver, entregou-lhe o mapa (já inútil) e todas as provisões da cabana, pois que a caverna estava repleta de carne de cabra curada pelo próprio Ben. Dr. Livesey abriu mão de tudo o que tinham para que pudessem sair da paliçada em segurança e se realocarem na colina de dois picos, onde ficariam longe da malária e poderiam vigiar o dinheiro de perto.

— Quanto a você, Jim — continuou o médico —, mesmo com o coração apertado, fiz o que julguei ser o melhor para aqueles que cumpriram fielmente seu dever. E por sua própria escolha, você não fazia mais parte desse grupo.

Naquela manhã, ao perceber que eu estaria presente quando os piratas tivessem a grande decepção que ele havia planejado, o doutor correu até a caverna, deixou o capitão aos cuidados do barão e, com Gray e o exilado, cruzou a ilha em diagonal até o grande pinheiro. Logo

percebeu que os amotinados chegariam antes ao local. Ben Gunn, com seus pés ágeis, foi enviado na frente com a missão de me salvar como fosse possível. O exilado teve então a ideia de usar as superstições de seus antigos companheiros contra eles mesmos, e seu plano foi tão bem-sucedido que o doutor e Gray tiveram tempo de chegar e ficar de tocaia antes que os bandidos encontrassem a escavação.

— Ah, minha sorte é que eu estava com o Hawkins aqui — comentou Silver. — O senhor teria deixado eles fazerem picadinho do velho John, sem nem pensar duas vezes, doutor.

— Sem pensar duas vezes — confirmou dr. Livesey, sorrindo.

Enfim chegamos aos botes. O doutor destruiu um deles com a picareta e embarcamos no outro para dar a volta na ilha até a Enseada Norte.

Era um percurso de doze a quatorze quilômetros. Silver, embora quase morto de cansaço, foi posto para remar junto aos outros, e logo deslizávamos com rapidez pelo mar calmo. Não demorou e passamos pelos canais, e dobramos o cabo sudeste da ilha, por onde tínhamos rebocado o *Hispaniola* quatro dias antes.

Ao passar pela colina de dois picos vimos um homem em pé, apoiado em seu mosquete, na escura entrada da caverna de Ben Gunn. Era o barão. Agitamos um lenço e

Ihe demos três vivas, com Silver engrossando o coro com o mesmo entusiasmo dos demais.

Cinco quilômetros adiante, logo na entrada da Enseada Norte, o que encontramos, senão o *Hispaniola*, à deriva? A última maré o havia levantado, e se acaso o vento e a corrente fossem tão fortes quanto no ancoradouro ao sul, jamais o encontraríamos novamente, ou talvez ficasse encalhado definitivamente. A não ser pela vela principal, suas avarias eram poucas. Providenciamos uma nova âncora e a lançamos a uma braça e meia de profundidade. Então voltamos para a Baía do Rum, a praia mais próxima da caixa-forte de Ben Gunn. Gray tomou o bote novamente, agora sozinho, e voltou ao *Hispaniola*, onde passaria a noite de vigia.

Uma rampa suave subia da praia até a entrada da caverna. O barão nos encontrou ao final dela. Tratou-me com educação e gentileza, sem me culpar ou mesmo congratular por minha fuga. Mas enrubescceu ligeiramente após a cordial continência de Silver:

— John Silver, você é um traidor vil e abjeto. Um traiçoeiro desprezível. Disseram-me para não levá-lo à justiça. Bem, não farei isso. Mas suas vítimas pesarão em suas costas como mil grilhões.

— Eu lhe agradeço imensamente, senhor — tornou Silver, com outra continência.

— Não ouse me agradecer! — vociferou o barão. — Estou deixando de cumprir meu dever. Fique longe de mim.

Em seguida entramos todos na gruta. O local era espaçoso e arejado, com uma pequena fonte que alimentava um fosso de água cristalina e samambaias que pendiam das paredes. O chão era de areia. O capitão Smollett estava deitado ao lado de uma grande fogueira, e em um canto afastado, onde a luz das chamas mal chegava, cintilavam grandes pilhas de moedas e colunas de barras de ouro. Enfim o tesouro de Flint, que de tão longe viemos buscar e pelo qual sete tripulantes do *Hispaniola* perderam a vida. E quantas outras mortes para que aquela fortuna fosse acumulada? Quanto sangue e desgraça, quantos navios afundados, quantos homens lançados ao mar, quantas balas de canhão, humilhações, mentiras, crueldades? Nenhum homem seria capaz de calcular. E ainda restavam três naquela ilha — Silver, o velho Morgan e Ben Gunn — que haviam tomado parte nesses crimes, na vã esperança de terem também sua parte em ouro.

— Entre, Jim — convidou o capitão Smollett. — À sua maneira, você é um bom rapaz, Jim, mas acho que não navegaremos juntos de novo. Você tem padrinhos demais, na minha opinião. É você, John Silver? O que faz aqui, homem?

— Vim cumprir meu dever, senhor — respondeu Silver.

— Ah! — completou o capitão, e foi só o que disse.

O jantar naquela noite foi bem agradável, na companhia de meus amigos. E foi um banquete, com a carne curada de Ben Gunn, alguns outros petiscos e uma garrafa do vinho do *Hispaniola*. Tenho certeza de que nunca se viu homens mais alegres ou satisfeitos. E Silver nos fez companhia, sentado quase na escuridão, comendo com apetite, atendendo com prontidão cada pedido e até mesmo participando discretamente das risadas. Era novamente o mesmo marinheiro simpático, educado e prestativo de quando partimos de Bristol.

## 34.

### O FINAL

**N**o dia seguinte nos pusemos a trabalhar logo cedo, pois não seria tarefa fácil transportar aquela imensa quantidade de ouro da gruta até a praia, e depois mais cinco quilômetros de bote até a *Hispaniola*, ainda mais com nosso grupo reduzido. Os três piratas que ainda restavam na ilha não representavam mais problema algum. Uma única sentinela na encosta da colina era suficiente para nos proteger de qualquer possível ataque. Além disso, pensamos que já estivessem fartos de lutar.

E assim o trabalho foi realizado com a maior rapidez possível. Gray e Ben Gunn iam e voltavam com o bote, enquanto o restante empilhava o tesouro na praia. Cada homem adulto conseguia carregar duas barras de ouro por vez, suspensas por cordas. Como eu não seria muito útil no transporte de cargas, passei o dia todo na caverna enchendo sacos de biscoito com moedas.

Era um acervo extraordinário, com uma diversidade similar às moedas de Billy Bones, mas muito maior e mais variada. Organizá-las foi uma das tarefas mais prazerosas que já tive. Moedas inglesas, francesas, espanholas, portuguesas, georges e luíses, dobrões e guinéus, moidores e cequins, todos os reis europeus dos últimos séculos

cunhados em suas faces, além de estranhas peças orientais com relevos que lembravam ramos de plantas ou teias de aranha. Moedas redondas, quadradas e furadas ao centro, como se fossem pingentes de colar. A coleção contava com exemplares de moedas do mundo todo, creio eu. Era tão numerosa quanto a folhagem de outono, o que me deixou com dor nas costas e nos dedos.

O trabalho consumiu dias. A cada noite uma nova fortuna enchia os porões do navio, com mais dinheiro esperando na praia no dia seguinte. Durante todo esse tempo, nem sinal dos amotinados sobreviventes.

Na terceira noite (se não me engano), quando eu e o doutor caminhávamos pela encosta da colina, que dá vista para a parte mais baixa da ilha, ouvimos um ruído, sem saber se era gemido ou cantoria. Foi um som breve, sucedido pelo mesmo silêncio de antes.

— Que Deus os perdoe — disse o médico. — São os amotinados!

— Completamente bêbados, senhor — a voz de Silver soou logo atrás de nós.

Silver, devo dizer, tinha toda a liberdade do mundo e, mesmo tratado com frieza todo o tempo, parecia considerar-se novamente um caro membro da tripulação. Era impressionante a forma como aceitava o desprezo dos outros e a delicadeza com a qual tentava reconquistá-los. Ainda assim, todos o tratavam como inimigo, a não ser Ben Gunn, que ainda tinha medo de seu antigo contramestre, e

eu, que não me esquecia que lhe devia a vida, embora talvez tivesse mais motivos que todos para odiá-lo, pois o vira premeditando novas traições quando se viu encurralado no planalto. Portanto, não é de se estranhar que a resposta do doutor tenha sido um tanto áspera:

— Estão bêbados ou delirando — disse ele.

— Tem razão, doutor — continuou Silver. — E qualquer que seja o caso, não faz diferença para nós.

— Imagino que o senhor desconheça a palavra compaixão — respondeu o doutor com ironia —, por isso minha forma de pensar talvez lhe surpreenda, sr. Silver. Mas se eu tivesse certeza de que estão delirando, pois comprovei que pelo menos um deles tem febre, seria meu dever sair deste acampamento, colocar minha vida em risco, e prestar-lhes cuidados médicos.

— Me perdoe, senhor, mas seria um grande erro de sua parte — afirmou Silver. — O senhor perderia sua vida, pode estar certo disso. Estou do lado de vocês agora, como unha e carne, e não gostaria que nosso grupo perdesse nenhum membro, muito menos o senhor, a quem eu devo tanto. Mas aqueles homens lá embaixo não são de se confiar. Não conseguiriam ser honestos nem se quisessem. Além do mais, também nunca confiariam no senhor.

— Não — tornou o doutor. — O confiável aqui é você, como sabemos.

Aquele foi praticamente nosso último contato com os três piratas, a não ser por um tiro distante que ouvimos



certa vez e imaginamos que estivessem caçando. Fizemos uma reunião e decidimos abandoná-los na ilha — para a enorme satisfação de Ben Gunn, devo dizer, e com o apoio caloroso de Gray. Deixamos uma boa quantidade de pólvora e munição, o estoque de carne curada, alguns remédios, além de outros suprimentos como ferramentas, peças de roupa, uma vela sobressalente, dois rolos de corda e, a pedido do doutor, um belo pedaço de fumo.

Deixar essas provisões para os amotinados foi nossa última tarefa na ilha. Já havíamos embarcado o tesouro, uma reserva de água e o restante da carne de cabra, para o caso de imprevistos. Por fim, numa bela manhã, só nos restava içar a âncora. Zarpamos pela Enseada Norte, com a mesma bandeira sob a qual o capitão defendeu a paliçada tremulando em nosso mastro.

Os piratas deviam estar nos observando mais de perto do que pensávamos, como logo comprovamos. Ao passarmos pelos estreitos, tivemos de navegar muito próximos ao cabo sul, e lá vimos os três ajoelhados na areia, com as mãos em súplica. Creio que todos sentiram pena ao deixá-los em uma situação tão precária, mas não poderíamos correr o risco de outro motim. Além disso, levá-los para casa apenas para que fossem enforcados seria uma gentileza cruel. O doutor gritou para avisá-los onde tínhamos deixado as provisões. Ainda assim, continuaram chamando nossos nomes e implorando que, pelo amor de Deus, não os abandonássemos na ilha para morrer.

Por fim, quando viram que o navio seguia seu curso e que não podíamos mais ouvi-los, um deles — não sei dizer qual — ergueu-se com um grito desolado, tirou o mosquete do ombro e disparou um tiro que passou zunindo por cima da cabeça de Silver e atravessou a vela principal.

Esse ataque fez com que nos protegêssemos atrás das amuradas, e quando olhei novamente já não estavam mais na praia, que por sua vez também sumia com a distância. E foi assim que o motim terminou. Antes do meio-dia, para minha imensurável felicidade, o pico mais alto da Ilha do Tesouro já sumia no horizonte azul do mar.

Éramos uma tripulação tão reduzida que cada homem a bordo tinha de ajudar em todos os trabalhos — exceto o capitão que, embora já bastante recuperado, ainda necessitava de repouso e ficou deitado em um colchão próximo à popa, de onde dava suas ordens. Traçamos a rota para o porto mais próximo, na América Espanhola, pois não podíamos arriscar seguir viagem sem antes contratar novos tripulantes. A situação em que nos encontrávamos, agravada por ventos fortes e duas tempestades, fez com que ficássemos esgotados antes mesmo de chegar à civilização novamente.

O sol já ia se pondo quando lançamos âncora em uma baía linda e bem abrigada, onde botes repletos de homens negros, índios mexicanos e mestiços vendiam frutas e legumes, e se ofereciam para mergulhar em busca de moedas. Todos aqueles rostos simpáticos (principalmente

os negros), o sabor das frutas tropicais e, acima de tudo, as brilhantes luzes da cidade criavam um agradável contraste à nossa temporada sombria e sangrenta na ilha.

Desembarquei com o doutor e o barão para um passeio noturno. Eles acabaram fazendo amizade com um capitão da marinha inglesa, que nos convidou ao seu navio. Para resumir, passamos horas tão agradáveis que já amanhecia quando voltamos ao *Hispaniola*.

Ben Gunn nos esperava sozinho no convés, e assim que embarcamos nos fez uma revelação, contorcendo-se muito enquanto falava. Silver se fora. O exilado havia sido cúmplice de sua fuga algumas horas antes, e justificou-se dizendo que só havia feito isso para preservar nossas vidas, que certamente estariam em perigo se “o homem de uma perna só continuasse a bordo”. E não era só isso: o cozinheiro não partira de mãos vazias. Quando ninguém estava vigiando, fez um buraco na parede da galeria onde estava o tesouro e conseguiu pegar um saco de moedas, com cerca de trezentos ou quatrocentos guinéus, para financiar suas futuras empreitadas.

Acredito que todos ficamos aliviados por termos nos livrado dele a um preço tão baixo.

Contratamos novos tripulantes e fizemos uma viagem tranquila de volta para casa. O *Hispaniola* aportou em Bristol bem quando o sr. Blandly já pensava em preparar o navio de resgate. De todos os que partiram no *Hispaniola*, apenas cinco homens retornaram. *O diabo e a bebida*

*levaram os outros junto, sem dúvida, mas ainda assim tivemos melhor sorte que a tripulação da outra canção:*

*Apenas um homem voltou com vida ao porto,  
Os outros setenta e cinco estavam todos mortos.*

O tesouro rendeu uma boa fortuna para todos, que a usaram de maneira inteligente ou imprudente, de acordo com sua natureza. O capitão Smollett se aposentou da vida no mar. Gray não só poupou sua parte, mas tomado por um desejo repentino de progredir na vida, estudou a sério a profissão de marinha. Hoje em dia é imediato e sócio de um belo navio de quatro mastros, além de ser casado e pai de família. Ben Gunn recebeu mil libras, que torrou em três semanas, ou para ser mais exato, em dezenove dias, pois no vigésimo já estava pedindo esmolas novamente. Conseguiu finalmente um emprego em uma estalagem no interior, exatamente o que ele temia. Ainda está vivo, é querido pelos camponeses (exceto pelos mais novos, que caçoam dele) e é um excelente cantor no coral da igreja, onde se apresenta aos domingos e em dias santos.

Ninguém nunca mais ouviu de Silver. Finalmente me liberei do assustador marujo de uma perna só. Imagino que tenha voltado para sua velha esposa negra e talvez leve uma vida confortável em companhia do Capitão Flint. Talvez seja otimismo demais pensar assim, pois as chances de ele aquietar-se em um mundo diferente do seu são muito pequenas.

As armas e as barras de prata ainda estão, pelo que sei, no mesmo lugar em que Flint as enterrou, e por mim podem ficar lá para sempre. Eu não voltaria àquela ilha amaldiçoada nem amarrado. Em meus piores pesadelos, ouço as ondas quebrando em suas praias, ou acordo sobressaltado com a voz do Capitão Flint ainda ecoando em meus ouvidos:

— Peças de oito! Peças de oito!



*Robert Lewis Balfour Stevenson* nasceu em 1850, em Edimburgo, na Escócia. Sua saúde frágil o manteve boa parte da infância na cama. Para passar o tempo, inventava histórias e as contava para sua mãe. Formou-se em direito, profissão que nunca exerceu. Aos 23 anos, já convivia com escritores e escrevia para revistas. Adulto, sua tuberculose o fez viajar e morar em diversos países, sempre em busca de climas que amenizassem a doença. Um desses lugares foi a França, onde conheceu e se apaixonou por Fanny Vandergrift Osbourne, dez anos mais velha. Quando Fanny retornou

a São Francisco, nos Estados Unidos, Stevenson foi atrás dela. Os dois se casaram em 1880.

De volta à Escócia, em 1881, Stevenson começou a criar a história Ilha do tesouro para divertir seu enteado, Lloyd, ao ver o menino desenhando em uma tarde chuvosa. Stevenson desenhou um mapa que levava a um tesouro escondido por piratas e assim começou a história. No final de sua vida, fixou-se nas Ilhas Samoa, onde ganhou status de celebridade local e o apelido Tusitala, que quer dizer “contador de histórias”. Lá viveu até morrer, em 1894.

7. Come lasses and lad é uma canção do século 17 que foi sendo alterada com o passar dos anos. Durante muito tempo foi uma brincadeira juvenil e, por ser antiga e histórica, desde o século 19 era também tocada como marcha real britânica. Foi uma das marchas do exército inglês na Primeira Guerra Mundial.

8. Davy Jones foi um lendário pirata que teria vivido no século 18. Não se sabe se realmente existiu, mas seu nome se tornou uma interjeição de espanto ou maldição entre piratas.

9. A Doca da Execução era um lugar às margens do Tâmisa, em Londres, usado para enforcar piratas, contrabandistas e amotinados condenados à morte pelos tribunais da marinha britânica por mais de 400 anos.





[MOJO.ORG.BR](http://MOJO.ORG.BR)

Este livro é o resultado de muitas horas de trabalho dos colaboradores e voluntários do Instituto Mojo de Comunicação Intercultural, uma instituição sem fins lucrativos. A receita gerada pelos livros extraordinários impressos alimenta um acervo de traduções e edições de obras em domínio público gratuitamente no site [mojo.org.br](http://mojo.org.br). Assim, Livros Extraordinários de todas as línguas — que muitos também chamam de “clássicos” — ficarão para sempre ao alcance da comunidade de leitores de língua portuguesa.

Para que os frutos dessa iniciativa sejam perenes, duas coisas são imprescindíveis. A primeira é que a adaptação dessas obras deve ser extremamente atenciosa, irretocável e contemporânea, feita para os leitores do século 21. Somente com uma equipe de colaboradores extraordinários pode tornar realidade uma biblioteca aberta como essa. A segunda, é que o financiamento desse esforço deve vir da iniciativa civil, sem vínculos de dependência comercial ou governamental. Quanto mais apoiadores adquirem os livros, mais obras serão entregues para fruição gratuita e pública.

Os mundos extraordinários não podem ficar encerrados dentro de livros empoeirados em línguas desconhecidas; não podem estar nas vitrines das livrarias, atrás de um vidro ou de uma caixa registradora. Nossas publicações podem ser utilizadas livremente em escolas e comunidades; podem ser compartilhadas, impressas, copiadas e estudadas por todos, mas nunca poderão ser comercializadas.

CONHECER UM MUNDO EXTRAORDINÁRIO  
NA VIDA É DIREITO DE TODOS.

---

ACESSO IRRESTRITO AOS BENS  
DO DOMÍNIO PÚBLICO.

# DE DOMÍNIO PÚBLICO PARA O DOMÍNIO DO PÚBLICO

*Que você faça o bem e não o mal.*

*Que você seja perdoado e que perdoe  
aos outros.*

*Que você compartilhe livremente,  
nunca tomando mais do que  
está dando.*

Embora sejam de livre acesso, as obras da literatura mundial em domínio público precisam ser adaptadas para a nossa língua. Peter Pan fala inglês, Pinocchio fala italiano, *20 mil léguas submarinas* está em francês. Os brasileiros precisam falar a língua original ou comprar uma edição impressa — ou até piratear? Toda tradução é um trabalho intelectual e custoso. Toda tradução é propriedade dos tradutores ou editores que a produziram. Na Mojo, depois de financiado e

realizado, o livro se torna público em formato digital. A democratização do domínio público não é apenas necessária, mas extremamente divertida, intrigante e cheia de descobertas extraordinárias. São livros, obras de arte e todo o conhecimento humano que sobreviveram ao teste do tempo.

## COMO FUNCIONA

O Instituto Mojo é uma iniciativa social, sem fins lucrativos. Os livros impressos do Clube do Livro para Leitores Extraordinários gera os recursos para a publicação de ebooks gratuitos em português. A fórmula é simples:

### *1. Domínio público*

É quando uma obra não tem mais que pagar direitos autorais ao seu criador e está livre para acesso de todos.

## *2. Instituto Mojo de Comunicação Intercultural*

De que vale o acesso às obras se o leitor não fala a língua de origem? Por isso, a Mojo traduz, edita e disponibiliza essas obras em sua plataforma digital.

## *3. Clube do Livro para Leitores Extraordinários*

Para financiar esse trabalho, publicamos as obras em formato impresso, ilustradas, com capa dura, texto integral e extremo cuidado editorial e gráfico.

## *4. [mojo.org.br](http://mojo.org.br)*

É o site onde ebooks, ensaios acadêmicos, artigos e outros conteúdos livres podem ser acessados gratuitamente por qualquer pessoa.

A reprodução não autorizada desta publicação, em todo ou em parte, fora das permissões do Projeto Domínio ao Público, do Instituto Mojo, constitui violação de direitos autorais (Lei 9.610/98).

Descubra em nosso site todas as modalidades de contribuição que você e sua empresa podem escolher para colaborar. Associe-se, doe, divulgue, leia os livros, conte as histórias para seus filhos e amigos. Assim, demolir das barreiras linguísticas do domínio público fica mais fácil.

---

VOCÊ É EXTRAORDINÁRIO PARA  
200 MILHÕES DE LEITORES

---

APOIE  
[mojo.org.br](http://mojo.org.br)



*Editores*

Ricardo Giassetti Gabriel Naldi

*Revisores*

Amanda Zampieri

Naiara Aimee

*Direção de arte*

Cyla Costa

Julio Giacomelli

*Edição EPUB*

Fernando Ribeiro

---



# mojo.org

*Presidente*

Ricardo Giassetti

*Tesoureiro*

Alexandre Storari

*Diretores*

Gabriel Naldi, Tatiana Bornato

*Conselho consultivo*

Aurea Leszczynski Vieira,

Leonardo Tonus,

Marcelo Amstalden Möller,

Marcelo Andrade,

Marcelo Gusmão Eid,

Renato Roschel,

Thiago Fogaça,

William Hertz.

---

[contato@mojo.org.br](mailto:contato@mojo.org.br)

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
(CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Stevenson, Robert Louis, 1850-1894

Ilha do tesouro / Robert Louis Stevenson; traduzido  
por Gabriel Naldi; ilustrado por André Ducci. -- São  
Paulo : Mojo.org, 2020. -- (Mundos extraordinários ;  
6) Título original: treasure island

ISBN 978-65-990752-6-1

1. Literatura infantojuvenil I. Naldi, Gabriel.

II. Título. III. Série.

19-24993

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5

2. Literatura infantojuvenil 028.5

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

---

Tradução e edição © 2021 Instituto Mojo de  
Comunicação Intercultural

Copyright (c) 2020 Instituto Mojo de Comunicação Intercultural (<http://mojo.org.br/ebooks/>), with Reserved Font Name “Raleway”.

Copyright (c) 2020 Instituto Mojo de Comunicação Intercultural (<http://mojo.org.br/ebooks/>), with Reserved Font Name “Crimson Text”.

This Font Software is licensed under the SIL Open Font License, Version 1.1.

This license is available with a FAQ at:

<http://scripts.sil.org/OFL>